





LIVRARIA ACADÉMICA  
J. GUEDES DA SILVA  
8, R. Mártires da Liberdade, 12  
PORTO — TELEFONE, 25988

KB198593




*Presented to the*  
LIBRARY of the  
UNIVERSITY OF TORONTO  
*by*  
Professor  
Ralph G. Stanton

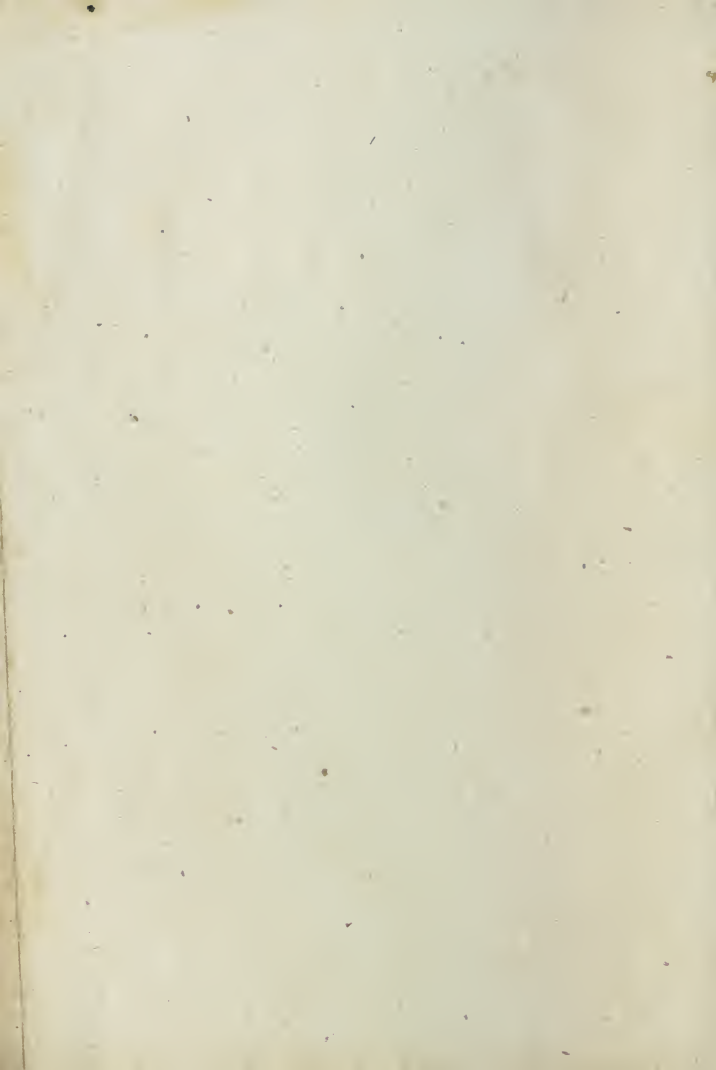
150







Digitized by the Internet Archive  
in 2010 with funding from  
University of Ottawa







# O SEGREDO REVELADO

O U

Manifestação do Systema dos Pedreiros  
Livres, e Illuminados, e sua influen-  
cia na fatal Revolução Franceza,

OBRA EXTRAHIDA

Das memorias para a Historia do Jacobi-  
nismo do Abbade Barruel, e publicada  
em Portuguez para confusão dos Im-  
pios, e cautéla dos verdadeiros ami-  
gos da Religião, e da Patria.

P O R

JOSE: AGOSTINHO DE MACEDO;

PRESBYTERO SECULAR.



LISBOA,  
NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1809.

*Com licença.*

O GONEDO FERRADO

o o

Missiones de S. Paulo das Paroquias  
Luz, a Iluminacao, e a Fides  
em a Real Revolucao Brasileira

ORA EXTRAORDINARIA

Das missões de S. Paulo das Paroquias  
Luz, a Iluminacao, e a Fides  
em a Real Revolucao Brasileira  
por o Sr. Gonedo Ferrado

1824

JOZ. AUGUSTINO DA MACEDO,

LIBRARIO DESTE



L I B R O

DE IMPRESSO MATE

1824

1824

RESPEITAVEIS CONCIDADÃOS  
PORTUGUEZES,

**C**Om o maior acatsmento ousos  
consagrar ao vosso patriotismo es-  
ta producção litteraria de hum en-  
genho atilado, e indagador, amigo  
da sua patria. Digna he sem dú-  
vida da vossa attenção, e acolhi-  
mento pela sua importancia, que  
he tanto mais inextimavel, quan-  
ta mais vos previne contra os ini-  
migos da Patria,

Tira das trévas á luz do dia  
a nefanda conjuração dos Jacobi-  
nos. Exhibe os documentos origi-  
naes, que thes forão apprehendidos  
nos seus archivos, revela os seus  
mysterios, patentea os seus syste-

mas, os seus authores, e os seus votos. E das confissões, e depoimentos destes mesmos conjurados, e dos seus proprios escriptos (que o Author lêo, e verificou) abastecemos de provas individuaes, e irrefragaveis, que o fim desta execranda Seita, flagello da Humanidade, era, e he anniquilar toda, e qualquer Religião, (principalmente o Christianismo) derrubar os Thronos, e acabar as Sociedades civís. Estes são os votos formaes dos motores invisiveis das calamidades geraes da Europa.

E quaes são os vossos, Conci-



dadaos Portuguezes? Oppór á impiedade o zelo da vossa Religião. A' Rebelião , e Anarchia o amor , respeito , obediencia , e fidelidade a hum poder legitimo , como deveres os mais indispensaveis dos Vassallos para com os Soberanos ; e a observancia das Leis , paz , amizade , e boa harmonia entre vós como o unico manañcial da ordem , e segurança do Estado.

E não os cumprís vós inviolavelmente , quando vos prestaes a sacrificios voluntarios das vossas riquezas , da vossa fortuna , de todos os vossos interesses particula-

res, e até das vossas proprias vidas? Sim: vós tendes mostrado á Europa toda, ao mundo inteiro que, se estes malvados tem derrubado tantos Altares, quebrado, ou dividido em pedaços tantos Sceptros, acabado tantas Constituições, subjugado tantas Nações, apunhalado, envenenado, e humilhado tantos Potentados debaixo do jugo de huma escravidão chamada paz, ou de huma escravidão ainda mais infame chamada alliança, vós com o maior denodo desaggravastes o vosso Deos, e restaurastes as vossas Leis, e o vosso Sceptro. De-

*balde intentarão entrelaçar-vos nos seus insidiosos laços, vós sois Portuguezes, e isto sobeja.*

*A' vista pois de tão alentados, e heroicos esforços ficão bem patentes os vossos sentimentos a respeito desta Seita execranda; e nem eu posso duvidar da vossa protecção. Infelizmente tendes experimentado os effeitos ruinosos das suas conspirações, não era justo que ignorasseis os seus planos. Pertendeis affastalos dos vossos limites, releve hum conhecimento individual da gravidade dos seus attentados. Estes são os motivos da minha ou-*

*radia , e eis-aqui apadrinhada à  
minha offerta. Dignai-vos por tan-  
to acolhela debaixo dos vossos aus-  
picios , e ficão satisfeitos os meus  
desejos.*

*O Ceo eternize a prosperidade  
do nosso Paiz , e defenda a nossa  
causa , baldando os terriveis pro-  
jectos dos Sofistas da Impiedade ,  
e da Rebelião.*

Reverente vos sauda

Leal Cidadão.

# INDICE DAS MATERIAS.

---

## PRIMEIRA PARTE.

*Conspiração dos Sofistas da Impiedade contra o Christianismo.*

## SEGUNDA PARTE.

*Conspiração dos Sofistas da Rebelião contra os Reis.*

## TERCEIRA PARTE.

*Continuação dos Sofistas da Rebelião. Das diversas especies de Pedreiros-Livres, segredos, e machinações das suas primeiras Lojas.*

## QUARTA PARTE.

*Conspiração dos Sofistas da Impiedade, e da Anarchia. Seita dos Illuminados.*

227 QUINTA PARTE.

*Historia dos Illuminados , primeira , segunda , e terceira época.*

SEXTA , E ULTIMA PARTE.

*Quarta época. Chegada dos Illuminados á França ; os Jacobinos formados pela associação dos Conjurados contra o Altar , contra o Throno , e contra a Sociedade. Revolução Françeza.*

Fim do Indice.

## P R E F A C I O.

**C**hamarei Jacobino, no decurso desta Obra, a todo o homem iniciado nessa igualdade, e liberdades desorganizadoras, que produzirão todas as maldades, e todos os desastres da Revolução Franceza.

Pelo estudo da historia secreta destes homens, dos seus Chefes, dos seus profundos adeptos, se deixa ver, que a sua Seita he menos odiosa pelas maldades que já commetco, do que temivel pela immensidade, e universalidade das que ainda hoje medita. A Europa toda estremeceo com a sorte da França, e desgraçadamente já sabe a que a espera, se prevalecer o Jacobinismo. Portanto exporei ao dia as tres conspirações, as tres Seitas, de que os Jacobinos não são mais do que hum funesto resultado, arrancando-as das trévas profundas, em que elles as tem

tido sepultadas. Para manifestar estas Seitas, e estas Conspirações seguirei absolutamente a mesma ordem, que ellas seguirão na sua formação.

I. Conspiração dos Sofistas da Impiedade contra o Deos do Christianismo, contra toda a Religião Christã sem excepção, sem distincção da Protestante, ou da Catholica, da Anglicana, ou da Presbyteriana, contra todos os Altares de Genebra, de Londres, de Amsterdam, assim como contra todos os de París, ou de Roma.

II. Conspiração dos Sofistas da Impiedade, e da Rebelião contra todos os Reis.

III. Conspiração dos Sofistas da Impiedade, e da Anarchia contra toda a Religião, e contra todo o Governo, sem excepção ainda mesmo das Republicas, e contra toda a Sociedade civil, e toda, e qualquer propriedade.

A primeira destas Conspirações foi a dos homens chamados Filósofos. A segunda a dos Filósofos reu-



nidos ás primeiras Lojas dos Pedreiros-Livres. A terceira a dos Filósofos , e dos primeiros Pedreiros-Livres reunidos aos Illuminados. Da associação dos Filósofos , dos primeiros Pedreiros-Livres , e Illuminados se formárão os Jacobinos.

Pela demonstração de como esta associação das tres Seitas , com o nome de Jacobinos , continúa , propaga , e perpetúa as tres Conspirações , mostraremos aos nossos Leitores , e ao mundo todo , que o unico fim , a que nos propomos com a publicação desta Obra , he bradar aos Póvos: Se o Jacobinismo triumphar , acabou-se a vossa Religião , as vossas Leis , as vossas Propriedades , todo o Governo , toda a Sociedade. As vossas riquezas , os vossos campos , as vossas casas , as mesmas vossas choupanas , os mesmos vossos filhos , tudo cessa de ser vosso. Pensastes que a revolução dos Jacobinos terminaria na França , e a revolução mesmo na França não foi mais do que hum primeiro ensaio dos Jaco-

binos; e os votos, os juramentos, as Conspirações do Jacobinismo estendem-se pela Inglaterra, Alemanha, Italia, Hespanha, e (oh mágoa!) pelo nosso territorio; em humma palavra por todas as Nações, bem como pela França.

Sei que são necessarias provas, quando se denuncia aos Póvos machinações desta natureza, e desta importancia; porém são tantas, e tão relevantes, que sobejará dizer, o seu Compilador (de que nós as transcrevemos) engrossou quatro vo'umes em oitavo, e recolheo-as dos Archivos dos Conjurados, e dos monumentos os mais authenticos.

Pelo que, por não offender a economia do tempo, e do cabedal, fallaremos com brevidade (mas sem faltar á clareza) do objecto, dos meios, dos progressos, dos Adeptos, e associação das Seitas conjuradas; o que facilmente se conseguirá, repartindo este mesmo resumo em pequenos folhetos mensaes, e de hum preço muito commodo. Co.

meça por aquella Seita de homens ;  
que se arrogarão o nome de Filoso-  
fos , a que eu chamarei com mui-  
to mais justiça = Sofistas da Im-  
piedade.

Account of the late King  
George III. and the late  
Queen Charlotte. By  
John Hume. Esq. &c.  
London, Printed by  
J. Johnson, 1762.

ATALAIA  
CONTRA OS JACOBINOS,  
O U

Revelação das Conspirações secretas, que  
esta malvada Seita tem machinado  
contra os Reis, contra a Reli-  
gião, e contra a Sociedade.

---

PRIMEIRA PARTE.

*Conspiração contra o Chris-  
tianismo.*

**Q**Uasi no meio do Seculo XVIII:  
apparecêrão tres homens todos  
tres inimigos implacaveis do Chris-  
tianismo; Voltaire, D'Alembert, e  
Frederico II. Rei da Prussia. Vol-  
taire abominava a Religião, porque  
rivalisava o seu Author, e todos a-

Primeiros  
Authores  
da Conspi-  
ração an-  
ti-christã.

quelles , que ella tem glorificado ; d'Alembert , porque tendo hum coração por natureza frio , nada podia amar ; Frederico , porque nunca a conhecêra senão pelos seus inimigos.

Além destes tres homens temos Diderot , que detestava a Religião , porque era louco de natureza , porque entusiasmado pelo cáos das suas idéas amava antes edificar-se de chimeras , e forjar mysterios a seu sabor , do que sujeitar a sua fé ao Deos do Evangelho.

Grande número de adeptos foram alistados para esta Conspiração ; porém a maior parte , ou entrárão como admiradores estupidos , ou como agentes secundarios. Voltaire foi o Chefe ; d'Alembert o Agente mais astucioso ; Frederico o Protector , e quasi sempre o Conselheiro ; Diderot o menino perdido.

Voltaire.

O primeiro , Francisco Aronet de Voltaire , nasceu em París aos 20 de Janeiro de 1694. Nenhum ho-

mem foi dotado de tantos talentos ,  
 mas nenhum annunciou tão depressa  
 o deploravel uso , que delles faria  
 para o futuro. Ainda era simples es-  
 tudante , e já tinha merecido que o  
 Jesuita Jay , seu Professor , lhe dis-  
 sesse : *infeliz , tu serás o Porta-  
 Estandarte da Inipiedade.* Dentro  
 de pouco tempo os seus escriptos  
 licenciosos annunciarão as suas dis-  
 posições , para se verificar a profe-  
 cia. Estreitado a procurar hum asy-  
 lo fóra da sua patria refugiou-se em  
 Inglaterra : alli achou homens , que  
 se dizião , como elle , Filósofos ,  
 porque tambem abundavão de igual  
 inipiedade , incorporou-se com el-  
 les , e o seu odio contra Jesu Chris-  
 to se fortificou de todos os seus so-  
 fismas. Se damos credito a Condor-  
 cet , desde então fez juramento de  
 lançar por terra a Religião , e sus-  
 tentou a palavra = *desde então esta-  
 va enfastiado de ouvir repetir , que  
 doze homens sobejárão para fundar  
 o Christianisnto , e desejava provar-*



*lhes que basta hum só para a destruir.* = Tão seguro estava de conseguir o effeito deste seu execrando desejo, que voltando para París, e dizendo-lhe certo dia M. Herault, Intendente da Policia = debalde escreveis porque nunca destruireis a Religião Christã = não hesitou de lhe responder = isto he o que nós havemos de ver. =

Todavia este homem, tão resolvido a acabar o Christianismo, não deixava de praticar actos de Christão, todas as vezes que o seu interesse parecia requerelo. Por espaço de certo tempo fingio-se penitente, frequentou as Igrejas, assistio aos Sermões, e batia no peito com todo o ar de compunção religiosa. Tinha neste tempo hum irmão muito rico, mas zeloso Jansenista, e que dizia em alta voz que não queria deixar os seus bens a hum ímpio. Este irmão estava enfermo, e com poucas esperanças de vida. Julgava que Voltaire estava convertido, e o fez seu herdeiro: Voltaire arrecadou



a herança , e logo appareceo ímpio como antes. Nos mesmos dias da sua impiedade , e da sua conspiração mais aberta contra Jesu Christo , para illudir algumas almas simpleses , e divertindo-se em ser hum sacrilego atroz , vinha nos dias prescriptos appresentar-se á Sagrada Meza da Communhão , e depois não se envergonhava de escrever aos seus confidentes : = Tenho 67 annos , vou á Missa , edifico o meu povo , fundo huma Igreja ; commungo . . . . ora pois , pedantes , que tendes que me dizer ? Chamai-me hypocrita quanto quizerdes , eu hei de commungar pela Paschoa . . . . ( Carta de 14 de Janeiro de 1761. ) = *Eis-aqui o que Voltaire escrevia aos seus confidentes ; e quando estes mesmos Impios lhes lançavão em rosto este sacrilegio , respondia-lhes : = O que eu fiz este anno , já o tenho feito muitas vezes , e se Deos quizer , hei de continuar a fazelo. =* Deste modo se achavão reunidos em Voltaire duas

grandes qualidades de hum conju-  
rado anti-religioso , o mais implaca-  
vel odio a Jesu Christo , e a mais  
laxa hypocrisia.

D'Alem-  
bert.

D'Alembert , o segundo dos con-  
jurados anti-christãos , nasceo de hum  
incesto. Não se sabe com certeza  
quem fôra seu pai , mas sabe-se que  
sua mãe fôra a Dama de Tencin ,  
religiosa apostata. Na noite do seu  
nascimento foi exposto no limiar da  
porta de huma pequena Igreja de  
París , chamada = S. João o Redon-  
do = donde se derivou o nome ,  
porque foi conhecido em toda a sua  
mocidade. Educado pelos disvélos ,  
e caridade da Igreja , mordeo os pei-  
tos de sua ama , logo que a pôde co-  
nhecer. Grangeou grande reputação  
na Geometria ; porém em tudo o  
mais os seus talentos são inferiores  
aos mediocres. Teve a infelicidade  
de conhecer Voltaire ; não o igua-  
lou , nem foi seu émulo senão no  
odio contra o Christianismo ; não  
teve , nem o seu genio , nem a sua

animosidade , porém foi mais astu-  
cioso. Voltaire póde considerar-se  
de algum modo como o Agame-  
rnon dos Impios , e D'Alembert co-  
mo o seu Ulysses. Se a comparação  
he muito nobre , podemos contentar-  
nos com a da raposa.

Atrevido , fogoso , cólerico , im-  
petuoso , Voltaire ,, quereria morrer  
sobre hum montão de hypocritas  
immolados a seus pés ,, estes são os  
seus proprios terminos. D'Alembert  
condescendente , sagás , dissimulado ,  
temia ser vencido ; fugia , ou se es-  
condia , ainda mesmo ferindo , e me-  
ramente servio o seu partido com as  
suas intrigas , e perfidias. Nem el-  
le , nem Diderot tinham ainda aquel-  
la reputação , que devêrão mais á  
sua impiedade , do que aos seus ta-  
lentos. Os Cafés público serão en-  
tão o theatro da sua impiedade. Al-  
li sagasmente introduzião a conver-  
sação sobre alguma materia de Re-  
ligião. Diderot atacava ; D'Alambert  
fingia defender ; a objecção era for-

te , e a resposta de huma fraqueza extrema. Os ociosos misturavão-se na disputa. Diderot instando com os seus argumentos tomava hum tom de segurança , que lhe dava todo o ar da victoria , e D'Alembert acabava com huma confissão humilde , de que a sua theologia não lhe ministrava huma resposta convincente , e sahia como envergonhado de ficar vencido. Immediatamente se tornavão a unir os dois campeões ; ião a outro Café , representavão a mesma scena , e fazião novos enganos. Finalmente soube a Policia deste manejo , e deo providencias para o atalhar ; porém foi tarde , porque em demasia se tinha repetido , e a mocidade Parisiense já tinha recebido funestas lições.

Frederico  
II.

O terceiro destes conjurados era aquelle Frederico II. , a que os Sofistas chamarão por algum tempo o Salomão do Norte , e que o poderia ser , se menos se deixasse cegar por aquelles , que lho chamarão. Pa-

rece que neste Principe se encerrá-  
vão dois homens. Hum era o Rei  
da Prussia , o heroe , que , depois  
de ter maravilhado a Europa pelas  
suas victorias , se occupava na feli-  
cidade dos seus póvos , e em fazer  
esquecer pela sabedoria do seu go-  
verno , triunfos talvez mais estron-  
dosos do que justos. O outro era a  
personagem a menos conveniente á  
dignidade de hum Monarcha. Era o  
filosofo , e alliado dos Sofistas , o es-  
criptor ímpio , o incredulo conjura-  
do , Frederico , que nascendo com  
o espirito dos Celsos , e dos Porfi-  
ros precisava de achar na sua Corte  
Tertulianos , ou Justinos capazes de  
defender a Religião , e todavia só  
nella acareou pretendidos espiritos  
fortes , que a calumniarão. Arruinado  
pelo seu Commercio , pouco conten-  
te de ser hum dos Cesares , pareceo  
algumas vezes preferir a sua gloria  
á dos Sofistas ; contrahio todo o seu  
orgulho , as suas extravagancias , e  
até a sua mesina pedanteria com to-

da a instabilidade, e contradicções ; que lhes são proprias. Na sua prevenção contra a Religião Christãa escrevia a Voltaire, que, se ella fosse sempre protegida na França, a ferrugem da superstição acabaria de destruir hum povo aliàs amavel, e nascido para a sociedade.

Seria mais justo, se dissesse, que este povo, aliàs amavel, no momento em que perdesse esta Religião, amedrontaria o Universo com os seus crimes. Demais, este Rei filosofo teve tambem seus caprichos, e os mesmos Soñistas o resentirão mais de huma vez. Voltaire ainda não contava muitos annos na sua Corte, e já sentia que avida de cortesão tem tambem seus dissabores „ espreme-se a laranja „ dissera Frederico falando do Poeta „ e lanças-se fora a casca. „ Estas palavras ferirão profundamente Voltaire, a quem o filosofo Lametrie tivera o cuidado de as repetir ; o que então foi motivo de escrever a Madama Denis =



cuido só em desertar honestamente . . . . julgo que a laranja está espre-  
mida , he necessario pensar em sal-  
var a casca. Eu vou fazer hum Dic-  
cionario para o uso dos Reis = Meu  
charo amigo = quer dizer = vós me  
sois mais que indifferente. = Pelas  
palavras = eu vos farei feliz = de-  
veis entender = eu vos soffrerei, em  
quanto necessitar de vós = ceai co-  
nigo esta noite = significa = eu  
zombarei de vós esta noite = seria-  
mente, isto aperta o coração . . . di-  
zer a hum homem as expressões mais  
ternas, e escrever contra elle as mais  
grosseiras ! Que de contrastes ! E es-  
te he o homem que eu julguei filo-  
sofo ! E chamei-lhe eu o Salomão  
do Norte ! Lembrai-vos desta bella  
carta ? Vós sois filosofa , dizia elle ,  
eu o sou tambem ; pois dai-me cre-  
dito , senhora , nem hum nem outro  
o he ( carta de 18 de Dezembro de  
1752. ) =

Voltaire , que nunca dissera coi-  
sa com mais verdade , deixou a Cor-

te de Berlin pouco tempo depois desta carta. O Salomão do Norte mandou buscalo ao caminho, porém debalde, porque o Poeta já tocava Francfort, aonde recebeu huma afronta, que o tornou a fabula, e o escarneo da Europa. Todavia esqueceo-se deste ultraje, ou fingio que se esquecia. E até o discipulo, e o mestre não tardarão em renovar as suas conjurações. Como não se tornarão a ver, ao menos escrevião-se amiudo, e a sua correspondencia attesta toda a actividade, com que se empenhavam hum e outro na ruina dos Altares.

Diderot.

Diderot, de que já falei, vem unir-se de seu motu proprio ao lado destes tres conjurados. Huma cabeça emphatica, hum enthusiasmo, huma desordem nas suas idéas, igual á do chãos, a sua lingua, e a sua penna seguindo todos os movimentos repentinos, e todos as agitações violentas do seu cerebro, o mostrarão bem depressa a D'Alembert, como



o homem , de que elle precisava , ou para que fosse o seu agente , ou para lhe deixar dizer tudo o que elle mesmo D'Alembert se não attreveria a preferir. Diderot não baldou as suas esperanças. Nunca homem algum pronunciou mais affirmativamente do que este Sofista , sim , e não , pro , e contra na mesma questão. Reputava-se o sabio da natureza , e nunca julgou pronunciar os seus oraculos com mais firmeza , do que quando decidia em tom de filosofo = que entre o homem , e o seu cão não havia mais differença do que no habito. ( Vida de Seneca. ) =

Taes são os homens , que se propozirão a derrubar o Christianismo. Além de todo o seu odio contra Jesu Christo havia mais de common entre elles esta singularidade , que seria impossivel notalos constantes , e firmes em hum só daquelles dogmas , que elles oppunhão aos do Evangelho. Ora deístas , ora atheos , ora materialistas , ou scepti-

cos , sempre forão de accordo para destruir o edificio da Religião , e nunca convierão no que a deveria substituir.

Voltaire tinha vivido muitos annos só , ou quasi só , embregado da sua raiva contra Jesu Christo , até ao tempo , em que foi cortesão de Frederico ; mas já desde esse tempo , isto he , em 1750 , tinha alliciado muitos sectarios pelos seus sarcasmos , e sofismas. Quando partio para Berlin , já deixava em França grandissimo numero , e os principaes erão os dois Sofistas , D'Alembert , e Diderot , que igualando-o na impiedade davão então principio a sua sociedade.

Em quanto esta esteve entregue aos seus talentos foi muito fraca , porque lhes faltava este homem , que só elle valia hum exercito de ímpios. Porém depois que Voltaire voltou da Prussia , aonde estivera poucos annos , e assentou a sua morada em Fernei , nesta época se formou com

mais especialidade a sua Conspiração anti-christã , e se estreitou , e fez mais seguida a sua Correspondencia. E eis-aqui tambem o tempo , em que foi mais facil observar aquelle concerto , e todas aquellas intelligencias secretas , que caracterizão huma verdadeira Conspiração anti-christã , isto he , aquelle voto de destruir todos os Altares do Christianismo , e esta combinação de meios , que elles meditão entre si para consummar o voto da sua impiedade.

Aqui não se encontra huma só daquellas assersões vagas , que produz a imaginação , mas que o exame logo destroe. Nada digo , que eu não tenha sabido , ou dos proprios archivos dos conjurados , donde deduzo todas as minhas provas , ou da sua Correspondencia , ao principio escondida , mas depois impressa com pompa , aonde acho não só os diferentes papeis , que elles representarão , mas tambem todos os grandes meios , de que elles se servirão. Por

volumosa que seja esta colleção , por mais arte , de que se tenham válido , para lhe supprimir huma parte , todavia he pública , e pelo seu exame he facil de poder colher os filhos do trama , que eu annuncio. Convido com affoiteza a todo o Leitor , para verificar os textos , que cito , as conciliações , que delles faço ; e procedo á demonstração , que elles me bastecem.

Todos os conjurados tem de ordinario sua linguagem secreta , todos tem huma sanha , huma especie de fórmula inintelligivel ao vulgar , mas cuja explicação secreta discortina , e recorda immediatamente aos adeptos o grande objecto da sua Conspiração. A fórmula , escolhida por Voltaire para exprimir a sua conjuração , foi dictada pelo espirito infernal do odio , da raiva , e do frenesi. Consistia nestas duas palavras = ecraséz l' infame = que quer dizer = esmagai o infame = e estas palavras na sua bocca , de D'Alembert , Frederico , e de todos os adeptos signi-

ficarão constantemente = esmagai a Jesu Christo , a Religião de Jesu Christo = e toda a Religião que adora Jesu Christo. = As provas deste facto se encontram em cada pagina da correspondência de Voltaire. Quaes são com effeito os que elle chama em seu soccorro para = esmagar = este pretendido = infame ? = Os Diderot , os d'Alembert , os Damilaville , os Condorcet , os Helvetius , e todos aquelles que mais se distinguirão no rancor contra o Christianismo.

E contra quem os convida elle para se reunirem ? Contra os authores , ou Catholicos , ou Protestantes , que se fizeram célebres pelos seus escriptos a favor do Christianismo. Qual póde ser a sua intenção quando para animar os seus = Cavalleiros = se não envergonha de lhes escrever = vamos , bravo Diderot , intrepido d'Alembert ; uni-vos ao meu caro Damilaville ; correi sobre os fanaticos , e os velhacos. Lasti-

mai Braz , Paschal , desprezai Hautteville , e Abadie , *tanto como se fossem os Santos Padres.* ( *Carta a Daniel, anno de 1765.* ) Que objecto se lhe póde suppôr , quando , para designar o que era necessario iniciar na sua guerra contra *o infame* exalta incessantemente os Bolynbrooks , os Spinosas , ou Juliano Apostata , quando para assignalar todos os seus successos nesta guerra se felicita de ver que em Genebra só *a escoria do povo cré no Consubstancial* ; „ ou mesmo „ *de que não haja hum Christão de Genebra em Berne* „ ou ainda mais de que „ *Genebra só em Sorbonna , e na Grande Camara tinha defensor da Religião* , ( *Carta a D' Alembert de 8 de Fevereiro de 1776 a Passim* ) ou ainda mais , quando suppre a sua fórmula , ou sanha ordinaria com a *de Christa moque* „ Christo ridiculo „ e quando estende a impiedade até a lastimar-se , de que os Conjurados não fação tanto contra Jesu



Christo quanto fizeram os Apostolos por este Deus dos Christãos , e se emvergonha de chamar *doze desprezíveis* aos doze Apostolos (*Carta ao mesmo de 24 de Julho 1760*)? Sim: qual póde ser finalmente o objecto de hum homem , que , para elogiar o seu Adepto conjurado , Damilaville, tem o descaramento de escrever , que este Impio *tinha o enthusiasmo de S. Paulo , porém não a sua extravagancia , nem o seu embuste* (*Carta a D'Alambert de 13 de Janeiro de 1769*)?

Quando pois se vê que Voltaire acaba quasi todas as suas cartas aos Sofistas com a fórmula atroz , que assigna tres vezes a mesma carta com estas palavras *écrasez l'infame* „ esmagai o infame „ *écrasez l'infame* „ esmagai o infame „ *écracez l'infame* „ esmagai o infame „ (*Carta a Daniel*) he fóra de todo o equivoco , e deve-se crer que nem exceptuava o Calvinista , o Anglicano , ou o Lutherano. O Calvini-

mo na opinião de Voltaire não era mais do que *necedades de João Calvino*, e os seus discipulos *tão tolos como os Sorbonnicos*. Até algumas vezes *nada vê mais atrabiliario, nem mais feroz, do que os Huguenotes*, (*Carta ao Marquez d'Argens de Dirac 2 de Março de 1763.*) Porém applaude-se de ver que a sua conspiração contra o infame cale mais rápidamente por Genebra, Londres, e pelo Norte de Allemanha, porque tambem ver cré alli mais Deistas, ou Atheos, e porque se funda no que Frederico lhe escrevia: que nos *paizes protestantes se caminha mais depressa nesta guerra contra o christianismo.* (*Carta 143.*)

Este Frederico não se equivocava no sentido da fórmula. Para o Sofista Coroado assim como para Voltaire, e D'Alembert *o Christianismo, a Seita Christãa, a superstição Christicola, e o infame, que se deve esmagar* tem sempre o mesmo sentido. (*Vede a Carta do Rei.*)



da Prussia a Voltaire 143, 145, 153, anno de 1767, &c.) A esta sanha, que designa tão constantemente o voto de esmagar todo o Christianismo, sem distincção, nem excepção dos Catholicos, ou dos Protestantes, unirão os Conjurados huma maneira especial de se desengañarem huns aos outros, e não serem conhecidos do público. Na sua correspondência, Frederico he chamado *du Luc*, D'Alambert *Protagoras*, ou *Bertrand*, e Diderot *Platão*, ou *Tonplat*. A palavra *Cacouac* he o nome geral dos Conjurados. Debaixo de todos os nomes possiveis ha hum segredo „ impenetravel, que deve „ servir de véo á sua Conjuração. „ Os mysterios de Mitra, escrevia-lhes o seu Chefe. de nenhum modo devem ser divulgados. He necessario que nelles hajão cem mãos invisiveis, que traspassem o monstro, (a Religião) e que caia debaixo de mil golpes redobrados. Confundi o infame; dizei affoitamente tudo o que

tendes no Coração; *feri, mas escondei a mão*, porque deste modo não vos poderão convencer. O Nilo escondia a sua cabeça, e derramava suas aguas beneficas, *fazei o mesmo, e vos recommendo o infame.* (*Carta a D'Alembert a Helveticus, ae Marquez do Villavieille, &c.*)

Jámais pessoa alguma répetio tanto amiudo, e seguio tão exactamente estes depravados conselhos como Voltaire. Todos os dias formava alguma dissertação contra a Religião, ou contra os Sacerdotes, porém negava todas estas producções ímpias com hum descaramento extremo, e que sem a menor dúvida tinham sahido da sua penna. Quando as fazia passar para os Irmãos defendia-lhes que nomeassem o seu Author, ainda mesmo que fosse para o louvar, receando de ser trahido pelas suas Lojas.

Em toda esta guerra contra Jesu Christo não convinha só aos Sofistas esconder a mão quando arreme-

çavão todas as suas settas , era necessario sobre tudo , accordo , união , constancia , e ardor no ataque ; e daqui vem estes avisos repetidos do seu Chefe : „ meus filosofos importaria marchar tão cerrados como „ a Falange Macedonia „ Que os filosofos fizessem huma confraria como os Pedreiros-Livres , que se ajuntassem , e mutuamente se soccorressem. Esta Academia valerá mais do que as de Athenas , e todas as de Paris , mas cada hum cuide só em si , e não se esqueça dô primeiro dos deveres , que he aniquilar *o infame*. (*Carta a D' Alembert de 20 d' Abril de 1761.*) Ah ! pobres Irmãos , os primeiros fiéis conduziãc-se melhor do que nós ; Deos nos abençoará , se nos unirmos.

Daqui nasce igualmente esta attenção em reanimar o seu zelo , e estas exhortações tão sollicitas „ re- „ ceio que não sejaes assás zelosos „ vós deixaes infructuosos os vossos talentos ; vós vos contentaes méra-

mente com desprezar hum monstro ; que releva aborrecer e destruir. A Meleagro pertence matar o javalí ; arremeçai a setta sem mostrar a mão. Senão tivermos por nós as pessoas de probidade , seremos a execração do genero humano : tal he a nossa situação. *He necessario pois acarea-las , custe o que custar ; trabalhai na vinha , e esmagai o infame. (Carta a D'Alembert de 28 de Setembro de 1763 , e 13 de Fevereiro de 1764.)*

De tudo o expellido se deixa ver , que esta guerra dos Sofistas contra o Altar tem todo o cunho de huma verdadeira conspiração. O mesmo Voltaire o não occultava aos Adeptos , nem queria que o ignorassem , e por isso tinha o cuidado de lhes dizer *que na guerra , que emprehendêrão , era necessario , que obrassem como Conjurados , e não como zelosos.* Fiéis ás lições do seu Chefes estes Conjurados tiverão todo o resguardo de não encontrar

muito sedo , e com muita affoiteza as verdades recebidas , e ao principio só pedirão indulgencia para as producções , parecendo apenas ter intenção de fazer prevalecer os seus systemas. Para os insinuarem , querião sómente por maneiras carinhosas obrigar os homens a perdoarem-se mutuamente os seus erros , e a soffrerem-se huns aos outros. Beneficencia , justiça , humanidade , razão , tolerancia , parecião ser a senha de reunião , e deo-se credito á sua palavra. Não obstante , tudo annuncia desde aquelle tempo que , se elles tivessem a força na mão , as suas intenções se desatarião em espolios , attentados , e mortandades revolucionarias. Apezar da sua profunda dissimulação , apezar dos seus clamores pela tolerancia , mais de huma vez lhes escapa o segredo de hum odio atroz nos seus votos. Assim se deduz , quando vemos , por exemplo , D'Alembert desejar a destruição de huma nação inteira por estar ligada

Intoleran-  
cia dos So-  
fistas Con-  
jurados.

á Religião *desejaria ver*, escreve elle a Voltaire, *aniquilados todos os Austriacos juntamente com a superstição, que elles protegem*. He verdade que Frederico se mostra algumas vezes inimigo de todo o espolio, e de toda a violencia, mas tambem outras vezes não concorre menos com os seus projectos para despojar a Igreja, confessa que a revolução anti-christãa, em que Voltaire trabalha com tanta assiduidade, não se pôde acabar senão *por huma força maior*, não exita menos a Voltaire para trabalhar nesta revolução, nem elle mesmo trabalha menos em apressalla com as suas producções.

Quanto ao filosofo de Fernei em pouco reputava o escrever ao Rei da Prussia: „ Oxalá Ganganelli tivesse alguma possessão boa na vossa vizinhança, e que vós não estivesseis tão longe do Loreto; he excellente saber chasquear estes arlequins, fazedores de Bul-



„ las; gosto de os meter a ridicu-  
 „ lo „ *porém antes gostaria de os*  
*despojar ( 8 de Junho de 1770. )*  
 E accrescentava „ Hercules hia com-  
 „ bater os salteadores , e Bellero-  
 „ fonte as Chimeras ; „ *não desgos-*  
*taria de ver que outros Hercules ,*  
*e outros Bellerofontes resgatassem*  
*a terra das Chimeras catholicas ( 3*  
*de Março de 1757. ) Se tivesse*  
*cem mil homens bem sei o que fa-*  
*ria ( 16 de Fevereiro do anno de*  
 1761. )

Apezar de toda a benefica , e  
 meiga tolerancia de Voltaire , não se  
 embaraçava de adiantar as suas ex-  
 pressões „ quando veremos nós „  
*todos os Jesuitas precipitados no*  
*fundo dos mares com hum fanse-*  
*nista ao pescoço. ( Carta a Chaba-*  
 non. )

Quando os Sofistas Conjurados  
 exprimem votos desta especie , so-  
 mos tentados a suspeitar , que toda  
 a sua tolerancia , e humanidade se-  
 não offenderia , se visse naquelle tem-

po os Sacerdotes , ou assassinados nos Carmelitas de París pelos assassinos , e bellerofontias de Robespierre , ou amontoados naquellas embarcações que João o Bom , mandava abrir para os affogar de repente no fundo das aguas. Porém o tempo das grandes violencias ainda não estava chegado , e os Conjurados apercebêrão-se de que ao principio era necessario haverem-se de outro modo para desligar os povos dos Altares , e dos Sacerdotes.

Primeiro  
meio dos  
Conjura-  
dos a En-  
cyclope-  
dia.

O primeiro , e poderoso meio de seducção imaginada por D'Alembert , e Diderot , foi a compilação de todos os seus Sofismas nesta immensa collecção , a que de bom grado chamarão Encyclopedia. O objecto público deste enorme Diccionario , parecia ser inthesoirar todos os conhecimentos humanos ; porém o seu fim secreto foi fazer hum arsenal de incredulidade. Os literatos recebêrão-no com enthusiasmo , e o respeitárão como hum chefe d'obra , que



encerrava em si só tudõ o que o espirito humano jámais concebêra de nobre, e de grande; porém o corpo religioso considerou-o hum ajuntamento monstruoso de todos os sofismas, e de todos os systemas, ou fossem antigos, ou modernos, os mais oppostos á Religião. Não ha dúvida que a impiedade apparecia com disfarce, e mórmente nos primeiros volumes desta Encyclopædia; mas a cada instante armava laços ao leitor, a cada instante abusava da sua credulidade para demolir todos os alicerces da Religião, e da Moral. Cobria-se de tal maneira com a capa da hypocrisia, appresentava-se com tanta destreza, e tanta arte que os olhos os mais affeitos, apenas a podião reconhecer. O ardil, e o artificio consistião em a fazer fallar muito menos naquelles artigos aonde o leitor a podia temer, do que naquelles aonde elle não a suppunha. Citações manejadas com arte a remettião fóra do texto, e lhe insi-

nnavão o que elle devia pensar de certas verdades religiosas que se não ousava combater no seu lugar natural. Deste modo, por exemplo, na cabeceira dos artigos tratados orthodoxamente tinham os compiladores cuidado de nos dizer: *Vede o artigo, preocupação, vede superstição, vede fanatismo.* Deste modo debaixo da palavra „ Deos „ se achavão as provas directas, fysicas, e metafysicas da existencia de hum Ente Supremo; mas nos Artigos, *demonstração, e corrupção,* se via desaparecer seguidamente toda esta doutrina, e o leitor em lugar de Deos do Evangelho, não achava mais do que o Deos de Spinoza, ou o de Epicuro. Deste modo tambem os artigos *alma, e liberdade,* e são tratados quasi como elles o devião ser por todo o filosofo religioso; porém os artigos *direito natural, tolhe, animal,* preparavão o espirito para o materialismo, assim como os artigos *casual evidencia,* oгуavão ao systema da fatalidade.

Quasi se não podia esperar diverença doutrina de huma Obra , a que prezidião Diderot , e D'Alembert , e que era compilada por homens , que elles mesmos tinham escolhido. Excepto hum pequeno numero , que tinham huma honrada , e benemerita reputação , como Mr. de Jaucourt , todos os mais compiladores erão infamados na opinião pública pelo seu filosofismo. Tal era hum *Rainal* expulsado pelos Jesuitas em razão do seu filosofismo. Tal era hum *de Padres* obrigado a fugir para a Prussia por ter querido enganar a propria Escolla Sorbonna , publicando as *Theses* da sua impiedade , como *Theses* da Religião. Hum *Morrelet* , a que *Voltaire* chamava *Mordo-les* , porque com o pretexto de se levantar contra a Inquisição tinha ousado levantar-se contra a Igreja. Hum *Dumarsais* tão infamado pela sua irreligião , que a authoridade pública se víra estreitada a destruir huma escolla , que elle estabelecêra

mais para perverter os seus discipulos do que para os instruir. Tal era mais que tudo Voltaire , de que só o nome annuncia tudo o que devião ser os seus socios.

De nenhum modo discuto o merecimento litterario de sua compilação ; o proprio Diderot a sentenciou , quando nos falla „ desta raça „ detestavel de trabalhadores , que „ nada sabendo , mas affectando saber tudo , se atirarão a tudo , ar- „ ruinarão tudo , e deste pertendido „ deposito das sciencias fizerão hum „ abysmo , aonde certa especie de „ novelleiros arremeçarão confusa- „ mente huma infinidade de coisas „ mal vistas , mal dirigidas , boas , „ más , incertas , e sempre incohe- „ rentes. „ Eta confissão he importante , em quanto ao valor intrinseco da Encyclopedia , mas sobre a intenção dos seus principaes authores ainda he mais importante a confissão do proprio Diderot , quando falla das fadigas , que teve para in-

sinuar tudo o que se não podia dizer abertamente sem offender *as preoccupações recebidas*, isto he, sem atacar pela frente as verdades religiosas. Além disto não nos poderemos enganar a respeito desta intenção, quando se vê D'Alembert escrever a Voltaire „ pedimos a vossa heretica a permissão de *encolhermos as garras sem arranhar* „ nos lugares onde demasiadamente „ se tinham encravado. „ *Este he o caso de recuar para melhor saltar.* Temos sem dúvida máos artigos de Theologia, e de Methafisyca; porém sendo censurados por theologos certifico-vos que se não poderão fazer melhores. *Ha outros artigos menos claros que já corrigimos, e o tempo fará distinguir o que nós pensámos do que nós dissemos....* Demais ninguem ignora que semelhantes frases são tabellioas, e só servem de *passaporte para as verdades, que se querem estabelecer.* Além disto, ninguem alli he enga-

nado. (*Carta de D'Alembert de 21 de Julho 1757, e de 10 de Outubro de 1764.*)

A intenção desta monstruosa compilação he ainda menos equivocada, quando Voltaire escreve a D'Alembert „ no tempo da guerra dos Parlamentos, e dos Bispos terão os „ Filósofos hum lindo divertimento, „ e vós tereis a commidade de re- „ chear a Encyclopedia de verdades, „ que ha vinte annos se não pode- „ rião dizer „ ou quando elle diz ao seu Damilaville *desejava hum livro de philosophia que esmagasse para sempre o infame. Confio inteiramente na Encyclopedia.* (*Carta a D'Alembert de 13 de Novembro de 1756, e a Damilaville de 23 de Maio de 1764.*)

Finalmente appareceo esta enorme compilação de tantos erros e sofismas, recolhidos com tantos artificios. Os jornalistas do partido atroarão o mundo da sua nomeada, e o grande objecto dos authores foi pre-



enchido. Os Impios subalternos apressárão-se a excavar neste arsenal, tirando delle para as suas brochuras todas as impiedades, e das suas brochuras sem reserva alguma as fizeram passar para o espirito do público.

Os Conjurados applaudião-se deste primeiro meio, conhecendo evidentemente que existião homens, cujo zelo ainda podia fazer abortar a sua conspiração. He verdade que a Igreja tinha seus defensores na corporação dos Bispos, no Clero da segunda ordem, e nas suas corporações religiosas; porém a impiedade ganhou a batalha em alguns combates, e para melhor se segurar de huma victoria terminante pensou em destruir todas as corporações religiosas. Longo tempo havia que o Rei da Prussia tinha mandado imprimir huma memoria tendente á suppressão dos Eleitorados Ecclesiasticos, e das Abbadias de Alemanha, para se apossar das suas riquezas (*Carta de Voltaire a Mr. Amelot de 8 de*

Segundo  
meio dos  
Conjura-  
dos des-  
truição  
das Cor-  
porações  
Religio-  
sas.

*Outubro de 1743*) porém quando se formou a conspiração , suggerio hum novo plano geral para a destruição dos Religiosos , com o fim de chegar igualmente a destruir todos os Bispos , e Religião Christãa. Não está reservado para as armas destruir *o infame* , escreve elle a *Voltaire* , perecerá pelos braços da verdade , e pela seducção do interesse. Se quereis que eu desenvolva esta idéa , eis-aquí o que entendo. Tinha notado , e outros como eu , que os lugares , aonde ha mais conventos de Frades , são aquelles aonde o povo está mais cégamente afferrado a superstição. He fóra de dúvida que , se com effeito se chega a destruir estes asylos do fanatismo , o povo se tornará algum tanto indifferente , e tibio a respeito destes objectos , que são actualmente os da sua veneração. *Trata-se de destruir os Frades , ou pelo menos de começar a diminuilos.* ” Todo o ” Governo que se decidir a esta



» operação , será amigo dos Filoso-  
» fos , e sequaz da doutrina de to-  
» dos os livros , que atacão as su-  
» perstições populares. Eis-aqui hum  
» pequeno projecto , que sujeito ao  
» exame do Patriarca de Fernei. A  
» elle pertence , como pai dos fiéis ,  
» purificallo , e executallo. »

» Poderá oppor-me o Patriarca :  
» e que se ha de fazer aos Bispos ?

» A isto respondo : que por ora não  
» he tempo de bolir nelles , que  
» cumpre primeiro começar pela des-  
» truição daquelles que pregão , e  
» insinuão o fanatismo no coração  
» do povo. » Logo que o povo  
esfriar , *os Bispos ficarão reduzidos  
a rapazinhos , de que os Soberanos  
pelo volver dos tempos poderão dis-  
pôr como quizerem. (Carta de 24  
de Março de 1767 , item de 13 de  
Agosto ne 1775.)*

Voltaire deo a seguinte resposta  
a este invite : a vossa idéa de ata-  
car pelos Frades a *superstição chris-  
tica* , he propria de hum grande

Capitão. Huma vez acabados os Frades, fica exposto o erro ao desprezo universal. Escreve-se muito em França sobre esta materia; e todo o mundo falla nisto; mas não se tem julgado maduro este negocio, tanto quanto he preciso. Em França não ha toda a affoiteza necessaria, e ainda se crê nos devotos. (*Carta de 5 d' Abril de 1767.*)

Lendo-se estas cartas bem se vê que he escusado perguntar para que servião na Igreja todas estas Corporações Religiosas. Com tudo Frederico não tinha toda a honra da invenção deste plano para *minar surdamente a Igreja sem ao principia bolir nos Bispos* (*ibid.*) pois que he certissimo que os Sofistas o proseguirão de longo tempo na França. Hum dos maiores amigos, e protectores de Voltaire, Mr. d'Argenson tinha dado a primeira idéa deste plano, no Reinado de Luiz XV. Para se executar com mais facilidade concebêra aquelle proceder lento, e

insencível , cujo objecto occultava todo o odioso das suppressões com o pretexto de reformas , e utilidade pública.

Mas ainda mesmo pondo de parte a utilidade religiosa , seria difficil conceber , que bem podia esperar a França da suppressão destas corporações , que pelo menos tinham o direito de lhe dizer : sem nós os vossos campos incultos , e grande parte das vossas Provincias cobertas de matos ainda seriam o mesmo , que elles foram no tempo dos vossos antepassados Gallos , e Tudescos. Sem nós não existiria grandissimo numero das vossas Villas , das vossas Aldeias , e ainda das vossas mesmas Cidades. Tudo até pelos seus nomes vos diz , que á sombra dos vossos Mosteiros apprendêrão os vossos pais a sorribar a terra , e a deixar a sua antiga barbaridade. Se não continuaes a estimar a Religião , que ha tanto tempo vos temos ensinado , recordai-vos ao menos , que estas Scien-

cias , e estas Artes , com que hoje vos glorificaes , a nós as devêrão os vossos pais ; e que sem nós ainda jazerieis naquella ignorancia , em que a sua barbaridade se jactava de não saber ler , nem escrever.

Porém os Ministros de Luiz XV. , e os de Luiz XVI. , em geral não erão homens , que se commovessem com estas reflexões. As antigas Corporações Religiosas , com o fructo da sua industria , tinham adquirido grandes possessões : este o motivo porque a avareza as invejava. Outros Religiosos , que erão em muito maior número ; apenas tinham com que subsistir , e vivião de esmolas ; mas assistião ao povo dirigindo-o , e exercendo as funções de Apostolos ; e e te o motivo porque o seu zelo os fez ainda mais odiosos ao Filosofismo do tempo , do que se fossem opulentos. Tinhão-se insinuado nestas corporações abusos , que a Igreja facilmente podia reformar ; porém os Ministros encarregárão-se da re-

forma para della se servirem para as suppressões. Primeiramente apparecco hum Edicto , que prorogou a idade das Profissões Religiosas até aos vinte e hum annos. Poucos mancebos esperão este termo para se decidirem do estado , de que ha de depender o resto da sua vida ; e além disto naquella idade já se tem perdido aquella flexibilidade , que nos adestra para a ordem , e para a regra. Este Edicto tinha em mira estes dous effeitos , diminuir o número dos Religiosos , e tornalos menos regulares , menos respeitaveis aos olhos do povo ; e o objecto dos Ministros foi de sobejo satisfeito.

Hum segundo Edicto supprimia todos os Mosteiros que não tivessem dez Religiosos nas Aldeias ; e vinte nas Cidades. Este era o verdadeiro meio de os despojar dos campos , e privar os povos dos recursos , que delles tiravão para a sua Religião , e subsistencia. Finalmente vem Brienne , e este Prelado da infamia ,

amassado em tantos vícios, se constituiu também reformador das Corporações Religiosas. Este Prelado, que D'Alembert tratava nas suas respostas a Voltaire como seu digno *Confrade* na *Filosofia*, ou na impiedade. (*Carta de 30 de Junho, e de 21 de Dezembro de 1770.*) Também sabia os segredos dos Sofistas, e o do Ministerio para as supressões; a sombra de reforma fomentou a discordia nos Mosteiros, fatigou os Superiores, e favoreceu os descontentes. Entre tanto os outros Confrades de D'Alembert, e de Voltaire não cessavam de calumniar estes Religiosos, ou de derramar sobre elles em mil brochuras a ridicularia, e o desprezo, e deste modo se foi o povo acostumando ás supressões, e o número dos Religiosos ia diminuindo diariamente. Quinhentos Mosteiros tinham desaparecido, e Voltaire ainda achava que se procedia muito de vagar na sua extinção, e que o Ministerio não tinha a affei-

reza necessaria. Toda esta parte da Conspiração anti-christãa estava já muito adiantada; quarenta annos havia que se continuavão as perseguições surdas, quando o machado dos Jacobinos em hum só dia vein rematar a obra de Brienne.

Em quanto os Ministros, e Sofistas Conjurados procedião assim na destruição das Ordens Religiosas, Voltaire projectava huma sociedade, cujo unico fim era a propagação da sua impiedade. Fação os Filosofos verdadeiros, escrevia elle a D'Alembert, huma Confraria, como os Pedreiros Livres; ajuntem se, sustentem-se, sejam fiéis á Confraria, que eu os amarei de todo o meu coração. Esta Academia valerá mais do que a de Athenas, e de que todas as de París; mas cada hum pense só em si, e não se esqueça que o primeiro dos deveres he *esmagar o infame*. (*Carta de 24 de Outubro de 1763.*) Os Sofistas não merecião esta exprobração. He verdade que a



sua impiedade ainda não caminhava em París com a cabeça levantada ; he verdade que a mesma politica dos Ministros , que os protegião em segredo , ainda lhes não permittia publicarem as suas producções anti-chistãas , e que cumpria usar de muitas cautélas , e de muitas reservas para não parecer que se authorisavão as reclamações do Clero , e as de hum povo , que só insencivelmente se podia attrahir para a irrelição , mas estas mesmas reservas , e estas mesmas cautélas desagradavão a Voltaire. Para isentar os Sofistas destes inconvenientes quiz reunilos em huma Cidade aonde podessem sem temor inundar o Universo dos seus sofismas , e blasfemas. Por este motivo nos diz o seu panegyrista , Condorcet , que recorreo ao Rei de Prussia , lhe propôz *que era necessario fundar em Cleves huma pequena Colonia de Filozofos Francezes* , para que alli podessem dizer livremente a verdade , *sem temer*



*nem os Ministros , nem os Parla-  
mentos. ( Vida de Voltaire por Con-  
dorcet , edição de Kell. )* Frederico  
consentio que os Filósofos mandas-  
sem exploradores a esta Cidade , pa-  
ra verem o que lhes seria util. (*Car-  
ta de 24 d' Outubro de 1765.*) Po-  
rém estes Filósofos achavão em Pa-  
rís outras muitas vantagens ; e D'A-  
lembert especialmente mostrava mui-  
to pouca vontade de sacrificar o seu  
pequeno rebanho da Capital para ir  
figurar de subalterno a Voltaire. Nem  
elle , nem os seus Confrades teste-  
munhavão o menor empenho por es-  
te projecto. Apesar disto , Voltaire  
bem longe de desistir da empreza ;  
continuou a sollicitala. Chega a con-  
seguir de outro Principe a promessa  
de huma segunda Cidade para a sua  
Colonia , na falta de Cassel. Insta  
mais com os Conjurados , e escreve-  
lhes cartas , sobre cartas para os re-  
solver. Humas vezes lhes propunha  
o exemplo dos Huguenotas , que dei-  
xarão a sua patria *pelas neceda-*

*des de João Calvino*; outras vezes  
 lhes contemplava o exemplo de San-  
 to Ignacio, que achára *doze prose-*  
*lytos* para fundar a sua companhia;  
 e por isto lastimava-se seriamente  
 de que nem ao menos pudesse achar  
*tres Filósofos* que o quizessem se-  
 guir até ao centio da Allemanha.  
*Voltaire estava tentado a crer que*  
*a razão para nada serve.* Todos  
 os prósperos acontecimentos da sua  
 conspiração nunca forão bastantes  
 para o conso'arem de ter visto que  
 lhe falhára esta parte do seu plano.  
 Conhecia estar chegado ao fim da  
 sua carreira, e com tudo escrevia a  
 Frederico. „ Se estivesse menos ve-  
 „ lho, e com saude deixaria de boa  
 „ mente a casa de recreio, que edi-  
 „ fiquei, e as arvores que plantei,  
 „ só para vir acabar a minha vida  
 „ no Paiz de Cleves com dous, ou  
 „ tres Filósofos, e consagrar os meus  
 „ derradeiros dias debaixo da vossa  
 „ protecção, e imprimir alguns li-  
 „ vros uteis. „ *Mas, Senhor, não*

*poderieis vós , sem vos comprometter , animar alguns livreiros de Berlin para os imprimir , e fazelos vender na Europa por hum preço commodo , para facilitar a venda? (Carta ao Rei de Prussia de 5 de Abril de 1767.)*

Estas ultimas linhas exprimem claramente todo o objecto de Voltaire. Menos lastimaria a sua Colonia , se o seu desterro lhe permittira que elle mesmo visse , como D'Alembert a supprira. Achou este toda a sua Confraria dos Conjurados no mesmo centro da Academia Franceza. Tinha sido em outro tempo esta sociedade o assento da honra , e o grande objecto da emulação dos Oradores , dos Poetas , e de todos os Escriptores affamados na carreira da Litteratura Franceza. Em outro tempo conrava entre os seus membros Corneille , Bossuet , Racine ; Massillon , e la Bruyere ; mas tambem nesse tempo era hum titulo exclusivo para entrar nesta Sociedade

Quarto  
meio dos  
Conjura-  
dos , Aca-  
demia  
Franceza.

toda a nota pública de impiedade. O mesmo Montesquieu , para ser admittido fôra estreitado a negar as producções da sua mocidade. Voltaire tinha sido repetidas vezes rejeitado por causa das suas ; e se triumphou dos obstaculos foi á força de grandes protecções , e daquelles meios de hypocrisia que tão excellentemente sabia aconselhar aos outros. D'Alembert teve o cuidado de se não jactar de espirito forte antes de ser admittido ; mas apenas se viu neste santuario das letras , logo esperou mudar com o tempo os titulos de exclusão , e tanto se empenhou que esta mesma Academia , que ao principio refugava os Impios , ao depois só para elles se abriu. Pelas pequenas intrigas , que erão o seu verdadeiro campo de batalha arrogava infeitamente a si o poder de dirigir a admissão dos novos Membros. E foi tão feliz , que no fim da sua vida , o titulo de Academico Francez quasi se confundia com o de incredulo.

Estas mánobras se deixão ver em grande parte das suas cartas a Voltaire. Humas vezes trata-se de impellir para a cadeira academica Marmont, Condorcet, hum Champfort, hum Suar, hum la Harpe, bem diferente neste tempo do la Harpe christão, e que tão justamente se fizera celebre pela sua animosa eloquencia contra a impiedade, outras vezes hum le Mierre, ou hum Brienne; e sempre o titulo de todos estes candidatos está no seu filosofismo, e impiedade.

Para a admiração de Diderot se combinão com especialidade todas as manobras, e todas as intrigas. D'Alembert produzio as primeiras proposições a favor deste Atheo, que Voltaire recebe como quem conhecia toda a sua importancia: *Vós que-reis*, responde elle, *que Diderot entre na Academia, e he de necessidade que se conclua este negocio.* Ah quanto me seria grato receber juntamente *Diderot e Helvetius.* (Car-

tu de 9 de Julho de 1760.) E com effeito a admissão destes dous homens na Academia Franceza não era huma victoria indifferente para os conjurados. Nada mais faltava para mostrar o Atheismo triunfante no Santuario da Litteratura, e para marcar a todo esse exercito de escriptores principiantes, de que abunda a França, o caminho que devem trilhar para chegar ao Throno Academico. A escolha dos Candidatos dependia dos mesmos Academicos; porém a approvação pertencia ao Rei. Para se segurar desta, Voltaire se interessou com todas as suas protecções, e com todos os seus agentes junto do Ministro Choiseul, e da Cortesã Pompadour. D'Alembert começava a desesperar, e já escrevia: „ Desejaria mais do que vos vêr „ Diderot na Academia. „ *Conheço todo o bem que disto póde resultar para a causa commum; porém vejo que he mais impossivel do que vós o imaginaes.* (Carta de 18 de



*Julho de 1760.*) Voltaire não esteve por esta impossibilidade: esperou que a Cortesã valida teria em muito apreço, e em muita honra proteger Diderot. (Carta de 28 de Julho.) Meu divino Anjo, escreveo elle ao Conde d'Argental, mettei Diderot na Academia; este he o melhor golpe; que se pôde descarregar a favor da conspiração, que a razão move contra o fanatismo (isto he, a favor da guerra, que faz o Filosofismo á Religião.) Parece-me que Diderot deve contar com a pluralidade dos votos; e se depois da sua eleição os *Anitus*, e os *Mélitus* derem algum passo contra elle para o malquistarem com o Rei, será muito facil a *Socrates* destruir as suas baterias, negando o que se lhe imputar, e protestando que elle he tão bom Christão como eu. (Carta de 12 de Julho.) A 11 de Agosto seguinte escreveo tambem a Duclos, Secretario dos Quarenta; estabeleceo-lhe tudo o que se devia praticar, e

memoria que havia de apresentar-se, á Deputação de *sete até oito Elus* que se devia contemporisar, as palavras, que o Duque de Nivernois devia dizer ao Rei, em huma palavra toda a *bateria que se havia de assertar surdamente* a favor do Adepto recepiendario. „ Os devotos „ derão, accrescentava elle que Di- „ derot compôz huma Obra de Me- „ tafysica, que elles não entendem „ *não ha mais do que responder, que não a compôz, e que he bom Catholico. Tão pouco custa ser bom Catholico.* (Carta de 11 d'Agosto do mesmo anno.) Por facil que fosse seguir estes conselhõs de huma hypocrisia sediciosa, todos estes artificios não tiveram effeito; mas D'Alembert em bem poucos annos teve todas as razões possiveis de se consolar. Dirigio tão sagazmente a escolha de seus Confrades, que em pouco tempo toda esta Academia se achou metamorfoseada em hum verdadeiro Club de Sofistas. Ahi se



achavão ainda alguns destes homens, taes como o Arcebispo de Aix, e o Bispo de Senez, que devião a cadeira meramente aos seus talentos, e ao uso antigo de receber ao menos alguns Prelados; porém á excepção dos Escriptores leigos, reduzião-se a hum tão pequeno número, que tendo eu mesmo perguntado a Mr. Beauzée, como era possível que conhecendo eu os seus sentimentos de Piedade, e de Religião, se achasse o seu nome na lista de tantos homens conhecidos por verdadeiros ímpios; me respondeo: a pergunta que vós me fazeis he a que eu mesmo já fiz a d'Alembert. Vendo que eu era quasi o unico que nas nossas sessões cria em Deos, lhe disse hum dia, como podeis pensar em mim sabendo que eu sou tão affastado das vossas opiniões, e das dos Senhores vossos Confrades? D'Alembert, acrescentou Mr. Beauzée, não hesitou em me responder: bem conheço que isto vos deve admirar; po-

rém tínhamos necessidade de hum Grammatico , e entre todos os nossos Adeptos não havia hum que se tivesse acreditado neste genero ; nós bem sabiamos , que criéis em Deos , mas conhecendo-vos tambem por muito bom homem , pensámos em vós por nos faltar hum Filosofo que vos pudesse supprir.

Desta sorte o sceptro dos talentos , e das sciencias veio a ser em pouco tempo o da mesma impiedade. Voltaire pretendêra transferir os seus conjurados para a Colonia protegida pelo Sofista cordado ; D'Alembert os reteve , e os fez triumphar debaixo da protecção dos Monarcas , que tinham o mais honroso dos titulos , Reis Christianissimos. A Academia Franceza metamorfoseada em Club de impiedade servio melhor a conjuração dos Sofistas contra o Christianismo do que a poderia servir toda a Colonia de Voltaire. Infectou os litteratos , e os litteratos infectarão a opinião pública , inun-

dando a Europa daquellas producções, que forão para os Chefes o quinto meio de preparar os povos para huma apostasia geral.

Que por espaço de quarenta annos, e principalmente nos vinte annos derradeiros de Voltaire a Europa se víra inundada de immensas producções anti-christans em forma de folhas volantes, systemas, romances, pretendidas historias, e debaixo de todas as formas, he hum dos factos de tanta evidencia, que me poupa o provalo, pois he bastante dizer que se achão espalhados com grande infelicidade pelas lojas de muitos livreiros, e por muitas livrarias. Unicamente demonstrarei aqui o ajuste em compor, em fazer compor, ou em espalhar estas producções ímpias. Este he o mesmo ajuste que se manifesta a cada passo entre Voltaire, D'Alembert, e Frederico na sua correspondencia. D'Alembert he especialmente admiravel pelo seu comportamento nesta parte da conspira-

Quinto meio dos Conjura-dos inundação dos livros anti-christãos.

ção. Pelo facto seguinte se póde julgar vendo a arte de que se serve este ardiloso Sofista para armar os seus laços.

Longo tempo havia que os Conjurados buscavão pelos seus systemas sobre a formação do Universo desmentir os nossos livros sagrados sobre toda a historia da criação. Se quizermos estar pela linguagem pública de D'Alembert, todos estes systemas longe de serem oppostos á Religião só servião para *mais manifestar o poder, e a sabedoria divina*: os Theologos que se constavão com estes systemas, são *espiritos limitados, pusillanimes, inimigos da razão*; pois se lastimão de ver *a Religião atacada em obras aonde ella menos o era*. Estas obras são justamente aquellas cujos authores requerem para a formação do Universo *hum tempo mais remoto* do que aquelle que o não permitem suppôr as primeiras paginas de Moyses (*V. abuso da critica por D'A-*

lembert n.º 4, 15, 16, 17.) Este mesmo homem, que assim affectava aquietar os Theologos, enviava ao mesmo tempo os seus Adeptos a procurar na historia das monanhas *esse tempo mais remoto*; e quando os enviava escrevia a Voltaire: o portador desta, meu caro Confrade, he *Desmaret's* homem de merecimento, e bom *Filosofo*, que deseja render-vos os seus respeitos de caminho na sua viagem á Italia, aonde elle se propõe a fazer *observações de historia natural*, que bem poderião *dementir a Moyses*. Nada disto dirá ao Senhor do Sagrado Palacio; *mas se por acaso de cobrir que o mundo he muito mais antigo, ainda mesmo do que pretendem os Setenta, tudo vos participará com toda a franqueza.* (Carta de 30 de Junho de 1764.)

Este homem tão ardiloso na maneira de defender as obras dos outros ímpios, ainda era muito mais dextro na arte de semear o veneno

nas suas. Ora as fazia passar debaixo de nome supposto em forma de prefacios, que na estimação dos Conjurados. erão *a melhor dentada, que jámais elle dêra.* (Carta de Voltaire a D' Alembert, anno de 1760; e Thiriot de 26 de Janeiro de 1762.) Ora arremessava as suas setas contra a Religião fingindo que a defendia, ou debaixo do pretexto de huma historia indifferente, cuja propagação recommendava a Voltaire accrescentando: „ julgo que este „ livro poderá ser util á causa com- „ mum, e que a superstição „ *com todas as reverencias que fingo fazer-lhe* não se achará melhor. Se eu estivesse como vós tão longe de Paris *para lhe dar boas bastonadas,* seguramente eu o faria de todo o meu coração, com todas as minhas forças, como se pretende que he necessário aniar a Deos. Porém estou em tal posição que só lhe posso dar piparotes, pedindo-lhe perdão da grande liberdade, e parece-me que



não estou mal pago. Voltaire pela mesma carta era encarregado de fazer imprimir em Genova esta qualidãde de obras *em caractères algum tanto grandes*, e de vigiar nos *interesses* do author. Em quanto á licença de os fazer circular em França attinha-se ao irmão *Damilaville*. (Carta de D'Alembert a Voltaire de 3 de Janeiro de 1765.)

Outras vezes, que erão bem amiadadas, o que o mesmo D'Alembert não ouzava escrever, fazia escreverello a Voltaire. Enviavã-lhe logo o seu thema; advertia-o de quanto apertava a brevidade da obra; dictavã-lhe o plano, e ministravã-lhe especialmente as aneddotas, ou as calumnias contra os Authores Religiosos, que convinha desacreditar. No estilo dos conjurados isto queria significar *as castanbas que Bertrand, D'Alembert, mostrava debaixo da cinza*, e que Raton, Voltaire, o devia ajudar a tirar do lume *com as suas mãos delicadas*. (V. Carta de



18 de Janeiro, e de 9 de Fevereiro de 1773; 26 de Fevereiro, 22 de Março de 1774, &c.)

Se D'Alembert animava desta sorte a Voltaire nas suas producções diarias contra o Christianismo, não menos o animava Frederico. He verdade que este Principe algumas vezes se recordou que hum Monarca não he feito para se confundir com vís Sofistas; nestes momentos olhava-os como hum montão de libertinos, fatuos, e visionarios (*V. os seus Dialogos dos mortos*) mas os Sofistas perdoavão-lhe estes caprichos. Com effeito logo voltava todo o seu Filosofismo; e como se Voltaire não tivesse todo o rancor, e toda a actividade contra a Religião. Frederico o apressava, sollicitava, e esperava com impaciência todos as suas obras anti-christans, e tanto mais abundavão de impiedade, quanto mais elle os applaudia. Approvava sobre tudo esta mão, que feria sem apparecer, *este methodo*

de dar piparotes no infante tratando-o com toda a civilidade. (Carta de Frederico de 16 de Março de 1771.) Humilhando ás mais baixas lisonjas, via Voltaire cercado de gloria, e vencedor do infame-subir ao Olympo sustentado pelos genios de Lucrecio, Sofocles, Virgilio, e Loeke; collocado entre Newton, e Epicuro em hum carro resplandecente de claridade. Rendia-lhe homenagem de revolução anti-christãa, que elle via estar-se preparando. (Carta de 25 de Novembro de 1766, Carta 154 do anno de 1767.) Para participar da gloria do seu Coryfeio, elle mesmo publicava *extractos de Bayle*, truncando-lhe sómente os artigos inuteis para espessar os venenos dos outros; ou as suas *akakias*, ou estes *prefacios*, e estes *discursos* em que Voltaire não achava outros defeitos mais do que os seus mesmos, e principalmente o de repetir as discussões dos mesmos argumentos contra a Religião. (V.

*corresp. do R. da P. ; e de Volt.*  
*Carta 133, 151, 159, &c.)*  
 De nenhum modo insistirei sobre a multidão de livros compostos no mesmo genero por Diderot. O que neste lugar importa mais especialmente observar he o ajuste dos conjurados entre si para o progresso destas producções de impiedade ; he Voltaire , depois *destes diluvios de facecias , e de sarcasmos , pedindo alguma obra séria , em que se justifiquem os Filozofos , e se confunda o infame. ( Carta a D' A- lembert de 23 de Junho de 1760. )* He sobre tudo a actividade , com que procedem os Conjurados em espalhar não só as suas producções , mas as dos outros ímpios , taes como todos estes livros da mais alta impiedade , intitulados *o Militar Filozofos , o bom senso*. He Voltaire supplicando a Frederico *que anime os livreiros de Berlin para fazerem vender na Europa por hum preço commodo todas estas producções*. He

Frédérico respondendo a Voltaire: *podeis servir-vos á vossa satisfação dos nossos impressores. (Carta de 5 de Maio de 1767.)* He também Voltaire enviando a D'Alembert o *testamento do Cura João Meslier*, supposto ter derramado no seu proprio testamento toda a peçonha, e todo o veneno da sua apostasia; he Voltaire rogando a D'Alembert que espalhe pelos suburbios de Paris, e entre o povo outros tantos exemplares deste testamento como os que elle mesmo espalhou pelas choupanas da Suissa; ou também enviando-lhe os *prejuizos*, obra da impiedade a mais assignalada, e dizendo-lhe: *he buma excellente composição;* „ eu vos exhorto, meu carissimo irmão, que designeis algum dos nossos prezados, e fiéis amigos para fazer reimprimir „ *esta pequena obra, que póde fazer muito bem. (Carta de 13 de Dezembro de 1763.)* He D'Alembert não só excusando-se de ainda não

ter podido imprimir , e fazer distribuir os quatro , ou cinco mil exemplares do testamento de Meslier , acrescentando que se o genero humano se acha presentemente tão illustrado he porque se tem tido a cautela , ou a felicidade de o ir illustrando pouco a pouco ; (Carta de 31 de Junho de 1762) mas tambem dando a Voltaire por escripto o seu parecer sobre este chefe d'obra de impiedade , publicada com o titulo de *bom senso* : esta producção he hum livro muito mais terrivel que o *systema da natureza* ; e por esta mesma razão lhe mostra todo o proveito que os Conjurados tirarião , se esta obra que já era muito portatil se compillasse , e vendesse por dez soldos , para os cozinheiros a puderem comprar e lêr. (Carta de 15 d' Agosto de 1775.)

Porém nós veremos hum dia os Filósofos concertarem com maior disvelo este meio de apressar a corrupção , a grande apostasia das Na-

ções. Por este respeito terão seus Clubs , suas Assembleas secretas ; terão seus Sofistas encarregados de compôr esses libellos de impiedade , terão revedores para os corrigir , e proporcionar aos progressos da conspiração , assim como também quem vigie nas edições , e as faça circular desde os Palacios até ás choupanas , e os faça estudar a todas as classes de pessoas , a todas as idades , e á mesma infancia. Então novos artificios servirão para novas Conjurações. Nesta que elles proseguem contra Christo , tratamos em primeiro lugar do encargo dos Chefes , e dos serviços que lhes são proprios. Os de Voltaire forão constantemente os de hum homem , em que se reunião todos os talentos dos Sofistas , e dos litteratos , e que os consagra todos á sua guerra contra Christo. Em todo o espaço dos vinte e cinco annos derradeiros da sua vida não teve outro objecto. Dizia elle mesmo *o que me interessa he o desprezo*

Encargo  
especial  
do Chefe  
da Conju-  
ração.



*do infame*, que sempre se deve entender pelo Christianismo. (*Carta a Damilav. de 15 de Maio de 1761.*) Este mesmo rancor contra Jesu Christo, e sua Religião o inspirava incessantemente aos outros Conjurados. A hum escrevia „ empenhai todos „ os irmãos em perseguirem o infame de viva voz, e por escripto „ sem lhe dar hum momento de „ folga. „ A outro recommendava, „ ponde, quanto couber nas vossas „ forças, a maior efficacia para esmagar o infame. „ E a outros „ não „ vos esqueçais de que a vos a principal occupação he esmagar o „ monstro; „ e na sua boca, assim *o monstro* como *o infame* era sempre Christo, ou a Religião de Christo. (*Carta a Theriot, a Saurien, a Damilaville, &c.*) Na guerra dos Infernos contra os Ceos certamente Satanas não teve mais fervor em sublevar as suas legiões contra o Verbo.

Tanto zelo tinha tornado Vol-



taire em idolo do partido. De toda a parte acudião a vello os Adeptos, e voltavão penetrados do mesmo fogo, ou da mesma raiva contra o Christianismo. Os que não podião vir a sua casa, consultavão-no, e perguntavão-lhe, se havia hum Deos, ou se elles tinhão huma alma. Voltaire que chegára a estado de não saber nada disto, era o primeiro que seria do seu imperio, e meramente respondia, que era necessario esmagar o Deos dos Christãos. Todos os oito dias, dizia elle a Madama du Deffant, *recebo cartas desta natureza (de 22 de Julho de 1761.)* Todas as cartas que escrevia estavam cheias destas exhortações, e chegarão a hum tão prodigioso, que he necessario ter visto a sua collecção para crer que o rancor, ou a penna de hum só homem bastassem para as dictar, ou escrever ainda mesmo quando ella não encerrasse tantos outros volumes de blasfemias. Reis, Principes, Duques,

Marquezes , pequenos Authores , Plebeos , todos lhe podião escrever com tanto que fossem impios ; a todos respondia , e a todos fortificava , e animava. Até á ultima velhice a sua vida foi a de cem demonios inteiramente occupados , e sempre occupados no juramento de esmagar a Jesu Christo , e os seus Altares.

Não era hum Chefe menos activo , e menos inconcivivel o Adep o Frederico sobre o Throno. Este homem que applicado a felicitar os seus Estados fazia só tudo o que fazem os Reis , e mais do que a maior parte dos Reis por meio de seus Ministros , tambem só contra Christo manejava tudo o que manejão os Sofistas todos juntos. Era especialmente o protector nato daquelles , que a justiça pública perseguia na sua patria. No maior ardor das suas guerras sabia achar dinheiro para pagar suas pensões a D'Alembert , escrevia-lhe , animava Voltaire , amplificava de algum modo a sua raiva

contra Christo, testemunhava-lhe toda a impaciencia, com que e perava as suas novas blasfemias, e em troca enviava-lhe todas as suas. Dava-lhe conta da disposição das Cortes a respeito do *infame*, e remetia-lhe os seus pareceres politicos sobre o objecto da Conjuração. (*Vede toda a sua Correspondencia com Voltaire, e principalmente as cartas 130, 133, 143, e 158.*) Procurava fortalecer na opinião de que o homem não he composto de duas substancias, queria dizer, que o homem he todo materia, e que chegado o instante da morte, depois nada ha que temer, ou esperar, *post mortem nihil est* (*Carta do Rei de Prussia a Voltaire de 30 d' Outubro de 1770, e de Novembro de 1777.*) mostrando-se mais firme nesta opinião do que o proprio Voltaire. Em huma palavra se trabalhou menos do que Voltaire, não lhe faltou a raiva, meramente lhe faltou o talento, e póde dizer-se com ver-

dade que Voltaire menos teria feito , se Frederico não o excitasse , protegesse , aconselhasse , e concorresse com os seus trabalhos.

Diderot não teve tanta politica como os primeiros tres Authores da conspiração , e foi o tolo glorioso dos Conjurados. Sei que vós prégais o atheismo , lhe dizia o Intendente de Policia : *isso he verdade* replicou logo o Sofista insensato *sou atheo , e me glorio de o ser.* Convinha mandallo para o hospital dos doidos ; porém permittio-se-lhe a liberdade. Disto se aproveitou para prégar que o homem não he livre , que tudo está sujeito ao imperio *da fatalidade* para edificar o cáos de huma *naturza sem Deos* , e sem *intelligencia* , que formou o homem *sem alma , e intelligente* , e para escrever todas as impiedades as mais absurdas , e as mais contradictorias , que lhe poderião vir á cabeça. Destas encheo descarada , e cruamente *os seus pensamentos* chamados *Filoso-*

- *ficos*, a carta que compôz sobre os cegos, e especialmente os seus *novos pensamentos Filosoficos*, o *Codig*o, e o *systema da Natureza*. Na composição desta ultima obra, a mais monstruosa de todas houverão dois cooperantes, e vendeo-a pelo generoso preço de cem dobras. Isto sube eu do mesmo homem, que lhe pagou o seu manuscripto. Todavia Voltaire sempre appellidou este insensato, o *illustre Filosofo*, o *Platão*, o *bravo Diderot*, e hum dos mais uteis *Cavalleiros da Conjuração*. (*V. Carta de Voltaire a Diderot de 25 de Dezembro de 1761, a Damilaville de 1765, &c.*) Os mesmos Principes o tiverão na conta daquelles sabios que per divertimento chamavão para as suas Cortes, assim como em outro tempo chamavão chocarreiros para os d'ensafadar. A Imperatriz Catharina quiz vello, e lhe achou logo *huma imaginação tão perenne, que o collocou no número dos homens mais extra-*

*ordinarios que até este tempo tinham existido.* E com effeito era tal a sua extravagancia , que foi necessario recambiallo immediatamente ; mas com facilidade se confortou , ju'gando que os Russianos estavam verdes para a Filosofia. (*V. Cartas da Imperatriz a Voltaire , carta 134 anno de 1774.*) Continuou a dizer , e a escrever todos os absurdos possiveis. He verdade que nenhum destes se cria ; mas cessava a crença das verdades Religiosas , contra as quaes se dirigião os seus Sofismas embellezados de palavras prolixas , e da pompa Filosofica.

Explique se como for possivel este zelo anti-christão , sempre fervoroso , sempre emphatico , quando se exaltava a imaginação de Diderot , o certo he que este homem tambem tinha seus momentos , em que admirava o Evangelho. Mr. Bauzée , que me referio este facto , entra certo dia em sua casa , e achao explicando a sua Filha hum Ca-



pitulo do Novo Testamento , com tanta seriedade , e interesse como o poderia praticar hum pai verdadeiramente Christão ; Mr. Beauzée testemunha a sua admiração : *bem entendendo o que quereis dizer* , lhe respondeo Diderot , *mas em substancia , que melhores lições lhe poderei eu dar , ou aonde as poderei eu achar mais excellentes ?*

D'Alembert não fez esta confissão. Apezar de sempre ser amigo de Diderot não era possível pelo menos imitar a sua franqueza. Diderot dizia tudo o que tinha momentaneamente na alma ; D'Alembert nunca disse o que elle queria dizer. Duvido que se achem em outra parte os seus verdadeiros sentimentos a respeito de Deos , e da alma , a não ser nas suas íntimas confidencias com os Conjurados. Seria mais facil seguir os gyros tortuosos da serpente que se esconde entre a relva ; que todos rodeios , e contramarchas da penna deste escri-



ptor, naquellas obras, que elle mesmo confessa serem produções suas. Se escreve sobre a Divindade não nega claramente sua existencia, mas com o presuppõto de examinar as provas desta existencia, e de fixar as mais sólidas, e seguras, envolve, e embaraça o espirito dos leitores com tanto *sim*, e com tanto *não*, que por fim os deixa na dúvida se existe, ou não existe esta Divindade. (*V. seus Elementos de Filosofia, e as minhas Helvianas carta 37.*) Não declama contra a Moral Evangelica, mas diz *que não existe hum só Catecismo de Moral que se possa constituir nas mãos da mocidade*, e que he oem de desejar que hum Filosofo se queira encarregar da composição de hum semelhante Catecismo. *Elem. de Filos. num. 12.* Não nos dá a ler descrições obscenas, mas diz que homens estão concordes sobre a natureza da felicidade, que todos convem que a felicidade, e o prazer são huma

mesma coisa , ou ao menos , que se ha alguma delicia na felicidade , esta se deve ao prazer (*Encyclop. art. Felicidade.*) O discipulo desta doutrina , he tambem o discipulo de Epicuro. Essencialmente suas produções mui pouco prestarião aos Conjurados. Apezar de seu estilo agudo , e epigrammatico , parece que tem o condão de enfastiar os leitores , e este effeito he huma especie de contraveneno. Melhor lhe conheceo Voltaire o character , encarregando-o da missão especial de atrahir a mocidade para o partido. (*Carta de 15 de Setembro de 1762.*) D'Alembert com effeito se erigio em Protector de todos os mancebos que apparecião em París com alguns visos de talento , e capacidade. Aos que chegavão com alguns bens de fortuna , mostrava os premios , as coroas , e os faz Academicos de que elle quasi como soberano . dispunha. Mas aquelles , em que elle cuidava mais , erão os destinados para as

funções de preceptores, instituidores, e professores, huns nas casas públicas de educação, outros nos Palacios dos ricos, e poderosos. Tal era o grande meio de que havia lançado mão para inspirar á infancia todos os principios da Conjuração: e por isto mereceo o nome, e a reputação de hum dos maiores propagadores do Filosofismo. Póde conhecer-se tudo, quanto os Conjurados esperavão desta qualidade de serviços pelo modo, com que Voltaire os applaude, quando lhes escreve. (*Que lhe parecia que o rapaz de Parma seria bem apanhado. Terá hum Condillac, e hum de Leire. Se apesar disto continuar a ser devoto, he preciso dizer, que a Graça he muito efficaz. Carta de Voltaire 17 de Novembro de 1765.*)

Estes desejos, e estes artificios da Seita se transmittirão de tal maneira aos Conjurados, que apesar de todo o apego que Luiz XVI. tinha

á Religião , de nada se esquecerão para constituir ao lado do herdeiro da Coroa novos Condillacs , quero dizer , Filósofos , com cuja perda ficaria D'Alembert *inconsolavel*. (*Carta de 3 de Janeiro de 1765.*) Conheço ainda o Ecclesiastico , a quem elles offerecerão o lugar de Mestre do Delfim , dizendo-lhe que lho podião conseguir , abrindo-lhe o caminho para hum grande fortuna , com condição porém , que explicando seu Catecismo ao Joven Principe , cuidaria em lhe insinuar , que toda a Doutrina Religiosa , e todos os Mysterios do Christianismo crão outras tantas preocupações populares , e ás quaes deveria substituir as lições secretas do Filosofismo. Por duas vezes instarão com o mesmo Ecclesiastico , que felizmente lhes respondeo : *Que elle não sabia procurar sua fortuna pelo sacrificio de seus deveres*. E , ainda mais felizmente , Luiz XVI. não era homem , que patrocinasse semelhantes intrigas.

Mr. o Duque de Harcourt soube escolher melhor, nomeando hum homem mais bem formado, que os Sofistas para desempenhar as funcções de instituidor de hum Principe mancebo.

Outro campo aberto ao zelo de D'Alembert erão aquelles ajuntamentos, ou pequenos Clubs, que ainda algum dia devião ser absorvidos pelo grande Club. Nelles se fallava de preocupações, superstição, e fanatismo. Nelles tinha D'Alembert seu proprio lugar. Nelles começou a guerra dos sarcasmos, e ditos agudos, dos quaes bastavão a Voltaire cinco, ou seis para opprimir, e aniquilar o Infame. (*Carta de Voltaire 30 de Janeiro de 1764.*)

Dessa maneira, na vida dos homens, suas maneiras, seus escritos, suas sociedades tudo se encaminhava para a Conjuração, e tudo respirava odio contra o Christianismo. O desejo de o abolir chegou a inspirar a D'Alembert o mesmo projecto, que

a mania de desmentir as Profecias tinha suggerido a Juliano Apostata, a reedificação do Templo de Jerusalem. Todos sabem como as chammas devorarão, e consumirão os Officiaes empregados nesta obra; e D'Alembert sabia muito bem, que innumeraveis testemunhas havião observado esta prova da vingança Celestial. Podia ler este facto circunstanciadamente em Amiano Marcelino Author incontestavel, ao menos como Pagão, e como amigo de Juliano. Apesar disto D'Alembert escreveu a Voltaire a carta seguinte: „ Vós sa-  
 „ beis sem dúvida, que existe ac-  
 „ tualmente hum Incircumciso, que  
 „ esperando o Paraizo de Mahomet  
 „ veio visitar o vosso antigo Disci-  
 „ pulo da parte do Sultão Musta-  
 „ fá. Eu escrevi outro dia neste  
 „ mesmo paiz, que se o Rei qui-  
 „ zesse proferir huma só palavra,  
 „ teríamos huma bella occa ião de  
 „ reedificar o Templo de Jerusa-  
 „ lem. „ (*Carta de 8 de Dezem-*



*bro de 1763.*) Esta palavra não se disse, e o interesse pôde mais n' alma de Frederico, que o desejo de aniquillar o infame. Como disse o mesmo D'Alembert, temeo perder nesta negociação alguns respeitaveis incurcisos, que lhe terião extorquido trinta a quarenta milhões. (*Id. 13 de Dezembro.*) Voltaire lisongean-do-se que seria mais feliz com a Imperatriz da Russia, lhe escreveu.

„ Se V. M. tiver huma Conrespon-  
 „ dencia aturada com Ali Bey, im-  
 „ ploro para com elle a protecção  
 „ de V. M., e por isto eu lhe sup-  
 „ plico huma pequena mercê. Vem  
 „ a ser : fazer reedificar o Templo  
 „ de Jerusalem, e chamar para a  
 „ Palestina todos os Judeos que lhe  
 „ pagarião hum grande tributo, e  
 „ que o farião hum poderoso Se-  
 „ nhor. „ (*Carta de 6 de Junho  
 de 1771.*)

Era Voltaire quasi octogenario, e ainda proseguia nestes arbitrios de demonstrar aos Póvos, que o Deos



dos Christãos , e seus Profetas , serão outros tantos impostores. Frederico , e D'Alembert se havião adiantado muito na sua carreira ; chegava o tempo em que devião apparecer diante daquelle Deos , contra o qual havia tantos annos que tinham conjurado. Suas cartas nos dizem por que meios , e com que constancia se havião empregado em aniquilar seu Imperio , seus Sacerdotes , e seus Altares : suas mesmas confidencias nos mostram quaes fossem seus successivos effeitos , e conquistas em o reinado da corrupção , e melhor poderemos devisar , e comprehender suas funestas consequencias , quando chegarmos ao reinado do terror , e dos desastres.

He esta huma verdade amarga para o Historiador , mas elle deve ter animo para a dizer : os progressos desta conspiração anti-christãa começárão pelas mais levantadas , e eminentes classes da sociedade , pelos Reis , Imperadores , Ministros ;

e por todos os que comprehendemos debaixo do nome de Grandes Senhores. O que recêia dizer estas verdades aos Principes, deixa as Potestades do Mundo em huma fatal cegueira. Continuárão a escutar o Impio, e a protegello, e a deixar que a impiedade da Corte circule, e gyre livremente pelas Cidades, e das Cidades pelas Aldeas, e Campos, e o Ceo em lugar de se abrandar, terá novos ultrajes que punir, novos flagellos que derrame sobre os Soberanos, e sobre os Póvos. Porém manifestando, e descobrindo estes penosos mysterios, guardemo-nos de tirar delles consequencias que são mais funestas ainda ao repouso dos Póvos. Guardemo-nos de lhes dizer.

„ Os vossos Reis sacodirão o jugo  
 „ de Jesu Christo, vos podeis com  
 „ justiça tambem sacodir o jugo dos  
 „ vossos Reis. „ Estas consequencias blasfemarião o mesmo Jesu Christo sua doutrina, e seus exemplos. Para felicidade dos Póvos, e para

os preservar das revoluções , e dos de-astres da Rebelião , Deos só se tem reservado o poder de castigar o Apostata sobre o Throno que occupa. Resistão os Christãos á Apostasia , e vivão sujeitos , e obedientes aos Principes. Juntar a sua impiedade á Rebelião dos Póvos , não he suspender o flagello Religioso , he sim attrahir sobre si mesmo , o mais terrível dos flagellos , á Anarchia. Não he remediar a conspiração dos Sofistas contra o Altar , he consumir a conspiração dos Sofistas sediciosos contra o Throno , e contra toda a sociedade civil. He imitar os Póvos muito desgraçadamente illusos que rebellando-se contra seus Principes , se submettem ao jugo dos Jacobinos para conhecerem com brevidade , que elle he de ferro , e que goteja sangue : que toda a sua liberdade consiste na destruição dos Templos , na morte dos Sacerdotes , no despojo das riquezas , e dos Póvos opprimidos , e dos Cidadãos de to-

das as classes assustados com o temor das requisições, dos degredos, e das matanças. Sim, devemos prevenir os Póvos contra estas desastrosas consequencias. Mas o Historiador não deve guardar silencio sobre a Apostasia dos Grandes. He preciso dizer-lha, para bem seu, e de seus successores para que a mesma revolta contra Deos não chegue a attrahir sobre elles, e sobre as Nações os mesmos desastres.

Na correspondencia dos Conjurados ha mais de huma carta, que mostra, que o Imperador José II. estava envolvido nos mysterios da conspiração anti-christãa. Voltaire escreveu immediatamente a D'Alembert. „ Es-aqui huma novidade interessante „ Grim me segura, que o Imperador he dos nossos. (28 de Outubro de 1769.) Para segurar a novidade escreveu a Frederico „ Hum Boemo, que tem muito engenho, e filosofia, chamado Grim, „ me mandou dizer que V. M. ti-

„ nha iniciado o Imperador em nos-  
 „ sos santos mysterios (*Novembro*  
 „ *de 1769.*) Em fim sabe-se o que  
 „ Frederico respondêra a esta car-  
 „ ta , pela carta em que Voltaire  
 „ lhe diz „ V. M. me lisongeuo  
 bastante em me dizer que o Impe-  
 rador estava no caminho da perdi-  
 ção , eis-aqui huma boa colheita pa-  
 ra a Filosofia. (*21 de Novembro*  
*de 1770.*) Frederico lhe respondeo ,  
 que José II. estimava as obras de  
 Voltaire , que as lia , quanto podia ,  
 e que não era supresticioso. (*18 de*  
*Agosto de 1770.*) Na boca de hum  
 homem para o qual a Religião não  
 he mais que suprestição , estas pa-  
 lavras não são equivocas ; querem  
 dizer que José não era menos ímpio  
 que Frederico , e todas as suas ac-  
 ções provárão depois quanto elle ha-  
 via entrado nas idéas dos Sofistas.  
 A guerra que fez á Religião , foi  
 primeiramente huma guerra de hy-  
 pocrisia , e se tornou depressa em  
 huma guerra de devastação , de ra-

pina , e de violencia. Supprimio segundo o desejo dos Conjurados hum grande número de Casas Religiosas. Expulsou de suas cêlas até aquelles Carmelitas , cuja pobreza não deixava a. Avareza o menor pretexto de destruição. Mudando tudo a seu sabor na Igreja fez ver o preludio daquelle famosa *Constituição* chamada *Civil* pelos legisladores Jacobinos , e que fez tantos Martyres Carmelitas. Recebeo o Soberano Pontifice com a affectação de respeito , e não deixou de continuar em atormentar a fé dos Bispos , e dos Póvos do Barbante. Suas perseguições surdas , e suas destruições começárão naquelles desgraçados Paizes a obra que hoje consumão os Jacobinos.

Na mesma Lista dos Adeptos protectores Voltaire , e D'Alembert escrevem o nome de Catherina II. Imperátriz da Russia. O grande titulo , que esta Princeza tinha aos louvores que lhe davão os Sofistas , era sua admiração , pelos seus Corifeos.



Seu merito para com elles , era ter escrito a Voltaire , que todos os milagres do mundo , não lavariam a noção de ter impedido a impressão da Encyclopedia. (*V. suas cartas a Voltaire 1 , 2 , 3 , e 8.*) Era tambem para com elles de grande merecimento , ter distribuido a seus Aulicos a traducção de Belisario , e de se haver reservado para si mesma a traducção do XV. Capitulo , por ser precisamente aquelle em que Marmontel havia refundido todo o seu Filosofismo. (*Carta de Voltaire a D'Alembert Junho de 1767.*) Era em fim ter convidado a D'Alembert para presidir á educação do Principe herdeiro. Com tudo Catherina em lugar de seguir os conselhos de Voltaire , rejeitou constantemente todos os projectos de destruição , que elle lhe propunha. Mais moderada , que Frederico não se aviltou com o tom grosseiro das injúrias , e blasfemias. Os outros Reis , e Principes do Norte acharão seus titulos com-



muns na carta em que Voltaire escreve a D'Alembert. » Temos por nós a Imperatriz Catherina, o Rei da Prussia, o Rei de Dinamarca, a Rainha de Suecia; e seu Filho, e muitos Principes do Imperio. (23 de Novembro de 1770.) Ou na outra carta de Voltaire ao Rei da Prussia. » Não sei o que pensa Mustafá » (sobre a immortalidade da alma) » persuado-me que nem nisso pensa. Em quanto á Imperatriz da » Russia, á Rainha da Suecia vossa Irmãa, ElRei de Polonia, o » Principe Gustavo, Filho da Rainha de Suecia, creio que sei o » que elles pensão. » (21 de Novembro de 1770.) Desgraçadamente estes Soberanos agradecerão a Voltaire, huns, ter-lhes ensinado a pensar, e de ter livrado os homens do jugo dos Ecclesiasticos, (*V. carta de Christiano VII. Rei de Dinamarca em. 1770, e de D'Alembert 12 de Novembro de 1768.*) outros de ter sido tão util aos progressos da

razão , e da Filosofia. (*Carta de Gustavo III. Rei de Suecia 10 de Janeiro de 1772.*) Outros em fim ensinando ás Nações , que formassem votos para que todos os Reis lessem Voltaire , elles julgão desgraçados os viajantes , que o não conhecêrão. (*Carta do Rei de Polonia 21 de Janeiro de 1767.*) E quando vemos os Soberanos abatidos a ponto de fazerem hum idolo do inimigo mais encarniçado contra o Christianismo , he quasi impossivel esconder a parte que elles tomáráo em suas conspirações. Se as desgraças da Religião recaem sobre elles , releião os cumprimentos que D'Alembert em estilo baixo , e rasteiro fazia a Voltaire. Vós vedes que a Filosofia começa já sensivelmente a ganhar os Thronos , vosso illustre , e antigo protector o Rei da Prussia começou a dar a impulsão , o Rei de Suecia a continuou , Catherina imita a ambos , e o fará ainda melhor. Hei-de rir muito se sen-

do eu vivo , vir que o Rosariõ se vai desenfando. (*Carta de 2 de Outubro de 1762.*) Mas veção qual seja o outro Rosariõ que se vai desgraçando. Os Altares cahem por toda a parte , mas Gustavo morreo assassinado. O Rei Luiz XVI. guillotinado , Luiz XVII. em huma prizaõ , o Rei Poniasowski deslhronado : e os Adeptos filhos de D'Alembert riem , como elle seria , que os desastres do Throno succedão , e se sigão tão proximos aos desastres do Altar.

Entre os Soberanos do Norte ha ao menos huma excepção que fazer a favor de Jorge III. de Inglaterra. Se os Sofistas tivessem descoberto nelle alguma coisa mais que hum Principe amado dos Vassallos , e que o merece ser : se tivessem visto outra coisa mais que hum Rei bom , justo , sensivel , benefico , e zeloso de manter , e conservar a liberdade das Leis , e a felicidade da Europa , e de seu Imperio , se elles tivessem

descoberto hum Impio que secundasse todas as suas machinações , não terião deixado de o transformar no seu Antonino , no seu Marco Aurelio. Mas elles emmudecem a respeito deste homem , e não he pequena vantagem para hum Principe existir nullo na historia de suas conspirações , quando a historia da Revolução o encontra tão activo para lhe suspender os desastres , tão grande , e tão generoso para consolar as suas victimas.

Em quanto aos Reis do Meiodia , he preciso fazer-lhes justiça , e dizer , que os Sofistas em lugar de os contar entre seus Adeptos , se queixão pelo contrario de os achar ainda muito distantes do Filosofismo. Mas em desforra , a lista dos Adeptos se augmenta com o nome de muitos Principes do Imperio. Acha-se no principio o nome de Frederico Landgrave de Hesse-Cassel , que dá a Voltaire sinceros agradecimentos , pelas lições de impiedade ,

que delle tinha recebido : e para lhe provar quanto havia aproveitado , toma por divertimento ajuntar contra Moysés , e contra o Evangelho , objecções a penas dignas de hum principiante em litteratura. (*V. as cartas deste Principe 9 de Setembro , e 1 de Novembro de 1766.*) Depois delle , se acha o nome de Eugenio , Duque de Wurtemberg , julgando-se mais Filosofo que Socrates , quando se achava em Fernei. (*Carta do 1.º de Fevereiro de 1766.*) O do Duque de Brunswick tão festejado por D'Alembert em opposição ao Principe de Duas Pontes , que protegia os Frerons , e a canailha. O de Carlos Theodoro , Eleitor Palatino , que convida , e solocita a Voltaire para lhe vir dar lições em Manhein. (*Carta do 1.º de Maio , e a carta 38 em 1766.*)

Entre as Adeptas protectoras se distingue Wilhelmina Margrave de Bareith , que se chamou Soror Guillemeta , quando escreveo , e saudou

a Voltaire, jurando-lhe, que ella se edificava mais com as suas cartas, que com as de S. Paulo. Que os Jesuitas, e Jansenistas nada entendêrão, e que ella tinha posto hum particular estudo em conhecer o coração humano. Virão na depois disto dando suas decisões sobre materias de consciencia, sobre a aversão ao soffrimento, e amor ao prazer, quasi como o teria feito Helvecio, que teria sido menos vão, se não tivera feito mais que repetir sobre todos estes objectos as lições de Filosofia transformada em roca, e fuso. (*V. as cartas desta Princeza 25 de Dezembro de 1751., e 1.º de Novembro de 1752.*) Sem entrar nestas discussões profundas Voltaire se contentava com o poder de ajuntar nomes novos a esta Lista. Se lhe quizermos dar credito desde o anno de 1766 não havia n'Alemanha hum só Principe, que não fosse Filosofo, quer dizer, que não houvesse deixado como elle de crer no Evange-



lho. (*Carta ao Conde de Argental* 26 de Dezembro de 1766.) Ha muitas excepções que fazer nesta proposição: mas ellas ficão compensadas com o grande número de homens das primeiras jerarchias do Estado; que pensavão com elle.

Na Corte de Luiz XV. os Sofistas forão especialmente protegidos pelo Conde de Argenson, pela Me-retriz Pompadour, pelo Duque de Choiseul, e por Mr. de Malesherbes. Este ultimo lhes foi muito util, favorecendo com toda a sua authoridade a publicação das suas producções. Seu ministerio lhe confiava a observancia das Leis relativas á impressão: elle as abolio todas com huma palavra, dizendo que qualquer livro, ou Impio, ou Religioso, nada mais era que hum objecto de Commercio. Nenhum Ministro foi tão amavel aos Sofistas como este foi. Elles o consideravão como hum homem que tinha quebrado os ferros da Litteratura. (*Carta de Voltaire*



a D'Alembert 30 de Janeiro de 1764.) Vinhão chegando os annos em que os crimes dos Jacobinos lhe devião ensinar, e o obrigarião a confessar que tal foi este Commercio para os Sofistas Pais dos Regicidas.

Apenas Luiz XVI. sobio ao Throno, Voltaire escreveu a Frederico: „ Eu não sei dizer se o nosso Rei „ novo caminhará pelas vossas pé- „ gadas, mas eu sei que elle tem „ Filósofos por seus Ministros ex- „ ceptuando hum só. „ ( 3 d'Agosto de 1775. ) Este Principe teve com effeito a desgraça de viver cercado de Filósofos em quanto existio no Throno. Teve ao seu lado aquelle Turgot, cujas suppostas virtudes tanto exaltão os Sofistas, e no qual a correspondencia de Voltaire, e de D'Alembert apenas nos mostrão hum homem, cuja unica attenção era esconder sua impiedade com medo de prejudicar os projectos de sua ambição, e fortuna. Era com effeito, em

todo o rigor do termo , hum Encyclopedista ; e D'Alembert guardava profundo segredo sobre os Artigos , que elle lhe havia communicado. Quando visitava Voltaire , D'Alembert se encarregava de prevenir o Filosofo de Fernei , dizendo-lhe que este Turgot era hum homem cheio de Filosofia , hum *Cacouac* de grande probidade , porém que tinha razões muito fortes para se não dar a conhecer , porque a *Cacouaqueria* não abria passo para grande fortuna. (*Carta de 22 de Setembro , e 8 de Outubro de 1760.*) Voltaire extasiado com as visitas desta personagem deo a conhecer o apreço que della fazia , quando disse a D'Alembert : *se tendes muitos sabios deste calibre em vossa Seita , então acabou-se o infame.* (*17 de Novembro de 1760.*) Foi extrema a alegria dos Sofistas Conjurados vendo subir ao Ministerio hum Adepto tão addicto a suas conspirações ; sua quéda porém foi muito prompta , e não

póde realizar o grande objecto. Os Conjurados lançarão os olhos sobre Necker, e o fizerão entrar no lugar de Turgot. Este Necker he o mais ambicioso, e ao mesmo tempo o mais hypocrita de todos os Sofistas deste seculo. Sua casa foi sempre hum Club de Sofistas, que para o applaudir fizerão soar todas as trombetas da Fama. Fallavão d'elle quasi tanto, como elle fallava de si. Suas profundas intrigas o aproximárão ao Throno, e elle lhe preparou todas as desgraças. Foi deposto, mas tornou a servir para as continuar, e ultimar entregando o Throno, e o Altar aos Jacobinos.

Luiz XVI. teve tambem a seu lado aquelle Brienne, que os Sofistas tinhamo querido fazer Arcebispo de París, para attrahirem pela apostasia da primeira Diocese, todas as outras do Reino. Este monstruoso Prelado não sobio ao Ministerio senão para dar a conhecer sua incapa-

cidade , como até então tinha mostrado sua impiedade.

Desta arte se hia inficionando o Ministerio de Conjurados impios. Se dermos credito aos seus Chefes , todas as altas classes da Sociedade erão igualmente compostas de Adeptos seus. „ Estai seguro , escrevia elle a Helvecio no anno de 1763 , que a Europa está cheia de homens razoaveis , e que abrem os olhos á luz. Na verdade , seu número he prodigioso , e ha dez annos que não descubro hum homem de qualquer Religião , e paiz que seja , que não pense como nós pensamos „ quer dizer , que não seja hum verdadeiro materialista. Dois annos depois , com a mesma confiança annunciando os progressos da sua Conspiração a seu favorito atheo Damilaville , lhe diz : a victoria se declara por nós de toda a parte , e vos affirmo que dentro em pouco tempo só veremos a canalha militar debaixo dos estandartes de nossos inimigos. „

Quando elle entra no detalhe de suas conquistas , o Catalogo dos Adeptos se enche de nomes , que annunciavão a nobreza , e as virtudes de familias illustres , e que só para elles fórao de preço desde o dia , em que declaravão homens apegados ao systema de sua impiedade. Vio-se nesta lista hum descendente de Crillon , hum Principe de Salm , e o Duque de Usez , que felizmente acharia no dia de hoje outros sentimentos muito differentes na sua familia. Achão-se entre estes Adeptos Condes , Marquezes , Cavalheiros , e Magistrados sentados nas cadeiras dos Parlamantos. Advogados Geraes , taes como Duchí , Castillon , Servan , Lachalotais ; achão-se grandes Senhores Suecos , como o Camarista Jenning , o Embaixador Conde de Creux ; Senhores Russos como o Principe Galitzin , o Conde Schouvalow ; Senhores Hespanhoes como o Duque d'Alva , de Villa Hermosa , o Marquez de Mora , e o Conde de Aranda.

Porém com mais especialidade ente os Escriptores do Seculo se multiplicarão estes Adeptos. Apenas Voltaire se mostrou Impio , o imperio das letras se encheo de Sofistas cobertos com a capa da Religião , que bem depressa depozerão. A' sua frente appareceo aquelle João Jaques , cujo nome só basta para annunciar hum homem , que podendo disputar a gloria do genio , não o quiz exceder senão para dar á impiedade huma linguagem mais triunfante , e a seus Sofismas hum verniz mais seductor. Buffon não quiz ver seu nome entre os dos Conjurados , porém servio-os a seu pezar com a mania dos systemas. Boulanger , e o Marquez d'Argens não se retractarão senão depois de lhes haverem consagrado muitas de suas producções. Na multidão dos outros Adeptos escriptores se distinguem sobre tudo Freret , Helvecio , e aquelle Marmontel , que hoje fazem arrependido como la Harpe , mas que não tem



ainda manifestado a mesma córagem. Mais que todos estes Adeptos , mais que o mesmo Voltaire com todo o seu odio a Jesu Christo , o athéo Condorcet não teve outro arrependimento mais que o da raiva , e desesperação. Se elle morreo como viveo , seu maior arrependimento entre as chammas vingadoras , será o de não poder dizer mais. *Não existe Deos.*

Se se quizesse comprehender debaixo do nome de *Clero* tudo o que em França trazia o semivestido Ecclesiastico , e todos aquelles a quem se dava em París o nome de *Abba-des* , poderíamos dizer , que desde o principio da Conjuração , Voltaire , e D'Alembert tiverão Adeptos até nos degráos do Altar. Logo se lhes alistárão os Abbades Morelet , Beau-deau , Barthelemi , Raynal , bem como hoje ainda estão alistados os Abbades Noel , e Syeys. Porém , nem o mesmo Povo confundia estes Entes amphibios com o verdadeiro Cle-



ro. Este corpo com effeito não se compunha de todos aquelles homens, que adoptarão seu uniforme, huns para terem parte nos Benefícios da Igreja, deixando as suas funcções, outros por huma sórdida economia, e para se introduzirem nas sociedades com hum vestido mais simples, que elles aliás deshonravão com seus escritos, e costumes. O Clero não tinha verdadeiros membros, senão os que pertencião ao serviço do Altar, e deste número, Briene era o unico que D'Alembert contava no número de seus Adeptos. O resto dos Pastores não era de todo innocente a respeito dos progressos de conjuração contra Jesu Christo. Sem dúvida não se encontrava, entre elles, ou não se via mais que hum pequeno número de verdadeiros Impios, de homens que tivessem perdido a Fé. Mas não basta que os Apostolos conservem intacto o deposito das verdades religiosas, o exemplo, mais ainda que as lições

deve repellir a impiedade , e desgraçadamente entre estes homens dados ao serviço do Altar , se achavão muitos , cujos costumes não erão dignos do santuario. A affectação que os Impios , e mundanos mostrão em exaggerar estes abusos , não nos deve servir de motivo para os dissimularmos , he preciso que a nossa confissão sirva de exemplo aos successores. Mas a verdade deve fazer hum obsequio á historia , dizendo , que o corpo do Clero permaneceu bom , e fiel. Por graça do Deos que elle prégava ao Povo , elle o soube mostrar , quando vio a impiedade , ufana com seus progressos ; deixar cahir a mascara. Então se mostrou mais forte que a mesma impiedade , deixando-se morrer , ouvindo sem temor chegar os rigores de hum longo degredo. Nem seus primeiros Pastores , nem seus Doutores tinham esperado por este tempo para se oppôr aos Conjurados. Christovão de Beaumont , o Ambrosio de París , o

Cardeal Luynes. Mr. de Pompignan , Bispo de Pey , Mr. de Beauvais Bispo de Senez , e huma grande parte dos Prelados Francezes oppozerão suas religiosas instrucções ás instrucções dos Sofistas. A Sorbona rasgou os véos á impiedade com suas censuras. Os Abbades Bergier , Houteville , Duguet , Quenée , Gerart , e outros muitos fazião reviver os Justinos , e os Athenagoras contra os Porfyro , e Celso modernos. Os Oradores Christãos premunião sem cessar seus ouvintes contra a impiedade. Estes esforços retardarão os progressos da Conjuração. Poucos annos depois da primeira apparição da Encyclopédia , era já tanta a confiança de D'Alembert , que escreveu a Voltaire , dizendo-lhe » Deixai trabalhar a Filosofia , que em menos de vinte annos a Soborna , toda Sorbona como he , excederá Lausana » quer dizer , certo Ministro de Lausana , que tinha enviado pelas mãos de Voltaire os artigos mais impios

para serem inseridos na Encyclopedia. (*Carta D'Alembert de 21 de Junho de 1757.*) Voltaire ampliando a Profecia, lhe escreveu no anno seguinte „ deixai passar vinte annos, e Deos terá a sua demissão. „ (*25 de Fevereiro de 1758.*)

Tudo com effeito annunciava em cada parte da Europa, que o reino da impiedade não estava muito distante. A correspondencia destes Conjurados, os mostra assiduos observadores de tudo quanto se passava em torno delles, escrevendo huns aos outros, humas vezes „ que o mundo se desabusava, e que de toda a parte se annunciava huma revolução nos espiritos; outras vezes „ que a sua Filosofia se fortificava n'Alema- nha Semptentrional, e que penetra- va até na supresticiosa Boemia, e Austria, que o ultimo dia dos Theo- logos, e Defensores da Religião ti- nha amanhecido na Prussia, e que hia chegando á Polonia. Que a Rus- sia seguia os mesmos passos, que a

mesma revolução lavrava na Italia , e na Hespanha , que ainda que o Povo permanecia na ignorancia , a mesma Filosofia abrangia já o Povo , que não havia vinte pessoas em Genebra que não abjurassem Calvino , como abjuravão o Papa. Que havia Filósofos até nas lojas dos officiaes , que se não encontrava hum unico Christão desde Genebra até Berne. Que a Inglaterra se enchia de Socinianos , que aborrecião , ou desprezavão o que Juliano Apostata aborrecia , e desprezava , isto he , o Deos dos Christãos. Que a Filosofia em fim podia ser batida , mas que já não podia ser vencida. ”

*(Carta de Voltaire 15 de Abril de 1765 — 4 de Setembro de 1767 — 20 de Dezembro de 1768 — 8 de Novembro de 1773 — 8 de Fevereiro de 1776. — De Federico carta 143 anno 1765. — De D' Alembert 5 de Novembro de 1776, &c.*

O orgulho dos Conjurados podia

exaggerar estes successos , mas não deixou de ser verdade , que nos ultimos annos de Voltaire , e de D'Alembert a geração religiosa se extinguiu. As palavras — *Razão* , *Filosofia* , *Preoccupação* . occuparão o lugar das verdades reveladas. As excepções , que se podião fazer na Corte , nos Tribunaes , e nas Classes superiores , cada dia se tornavão mais raras. A impiedade passou da Capital ás Provincias ; dos Senhores , e Nobres aos Mechanicos ; dos Amos aos Criados. Mas estes não forão só os desgraçados successos de que Voltaire se podia lisongear. Tinha-se levantado como cabeça dos Sofistas da impiedade , e antes da sua morte , se vio tambem levantado cabeça dos Sofistas da Rebelião. Tinha dito a seus primeiros Adeptos , pulverizemos os Altares , não fique para o Deos dos Christãos hum só Templo , hum só adorador , a sua escola não tardará em dizer „ quebre-mos todos os Ceptros , não haja na



Terra hum só Rei , e hum só Throno. Os arquivos dos Conjurados Sofistas da impiedade , nos bastarão , para demonstrar a existencia , os authores , os meios , os Adeptos , os progressos desta primeira conjuração , dirigida toda contra o Deos do Christianismo. Suas confissões , e seus escritos nos bastarão ainda para mostrar a Conjuração , que elles formárão como Sofistas da Rebelião , aquella Rebelião , que dirigirão contra os Reis. Toda a marcha destes novos attentados , que exporemos na segunda parte , nos conduzirá até á morte de seus primeiros Authores.

*Fim da primeira parte.*



## P R E F A Ç Ã O

Do Redactor Portuguez.

**O**S golpes que os Impios cobertos com a capa da Filosofia descarregarão sobre a nossa Santa Religião, ousando sem reboço atacalla, e proscrevella em os primeiros frenesins da Revolução, tinham sido muito d'eante mão premeditados como vimos em a primeira parte deste tratado. A perseguição tinha sido systematica, e conduzida com todos os esforços de huma vigilante malicia, até ao momento da explosão. Desde a mais insignificante brochura daquellas que entulhavão todos os dias as ruas, e os Botequins de París, até a enorme, e immensa compilação, que se chama *Encyclopedia*, tudo se encaminhava a perverter animos fracos, e dispôr corações já corrompidos pelo crime,

para a grande obra da iniquidade, que se devia descaradamente paten-tear á face do Universo, quando os Sofistas sem rubor, e sem medo dissessem na Tribuna da Convenção, que era preciso estabelecer o Naturalismo sobre as ruínas do E-vangelho (sacrilegos, mas inúteis projectos!) Esta destruição da Or-dem Religiosa, devia necessariamente conduzir os desasizados, freneti-cos, e muito volúveis Francezes, para a destruição da ordem politi-ca, e civil, em que os Póvos tran-quillamente existião. A huma des-graça se devia succeder a outra, sem que as cabeças, que se dizião cal-culantes, podessem prever o profun-do Abysmo em que se hião preci-pitar a si, e precipitar os homens. França deve as suas desgraças áquel-les mesmos Genios, a quem ella adorava, e reconhecia como tim-bres, e braços da especie humana: formárão a sua ruina politica com aquellas mesmas luzes, com que di-

zião que illustravão os Póvos. As suas Theorias em Politica , produzirão os mesmos effeitos que havião produzido as suas Theorias em Moral. Destes malvados entusiastas nascêrão os abalos , que tem soffrido os Thronos da Europa. A conjuração contra os Monarcas , he tão universal como a Seita que a formou. Tiverão , e ainda conservão ramificações muito espalhadas , e ainda lavra sua pestifera contagação. He verdade que os olhos do homem Christão , e verdadeiro fiel , descobrem hum manifesto , e sensivel castigo da Justiça Divina contra estes Impios machinadores da destruição da authoridade Monarchica. Queixavão-se que vivião debaixo do jugo do poder arbitrario , e estão gemendo agora debaixo do mais atroz despotismo ; e mais pezada tyrannia que os Séculos virão. Nem hum só dos que tanto escrevêrão , nem hum dos ocos Declamadores , que aturdião o Mundo com suas lamen-

tações , e promettião aos Póvos a felicidade no abatimento da Monarchia , colheo o mais pequeno fructo das suas fadigas ; e se algum delles existe escapado ao ferro , ao degredo , e á proscricção , he para permanecer obscura ; e desesperada testemunha dos males que causára aos seus semelhantes. O homem de bem , o verdadeiro Patriota , o Portuguez virtuoso , desejaria com todo o coração remediar tão grandes , tão funestos males , cujos symptomas se tem manifestado tanto em alguns desertores da nossa conhecida fidelidade , e adhesão aos nossos Principes. Hum dos primeiros remedios do mal , he conhecello ; e hum dos grandes serviços feitos á Patria , e á Religião , he manifestar estas maquinações surdas , estas marchas das trevas , e da perfidia ; para pôr em cautela animos innocentes , e vedar desta maneira , que se desenvolva o germen pernicioso da desordem , e auarquia. Assim se estreitarão mais

os laços que unem os verdadeiros amigos da Patria, da Religião, e do Throno.

Algumas almas tímidas, e pouco sensíveis á deliciosa impressão de huma consciencia pura, e que se felicita com o conhecimento de haver cumprido com os deveres Patrioticos, poderão dizer, que me arrisco muito na manifestação destes impios segredos, e que poderei incorrer na indignação dos Pedreiros Livres, e Iluminados que formigão entre nós. Em primeiro lugar, que coração por pusillanime que seja, temerá hum bando de miseraveis obscuros, e até famintos, hum tropel de ignorantes infatuados, huns automatos verbosos, tão estaveis nos Botequins como os mesmos bancos em que se assentão? O primeiro dever do homem honrado he denunciar esta pestifera canalha ao Tribunal do Genero Humano. Miseros Pigmeos! Quem poderá temer espesinhar estes insectos, que ainda

entre nós se atrevem a militar debaixo das ordens de hum ridiculo novellista, que ao longe ladra, triste, e indigente Redactor do Correio Braziliense. São estes os homens temiveis em quem não assoma o menor raio de sizo commum! Armão-se de insultos, mas estes insultos são pulverisados de hum só golpe pelo sagrado fogo do Patriotismo. Nunca os temi, e nunca me calei, nem nos calamitosos dias do nosso captiveiro. Perigasse a minha existencia, eu appareceria com hum merecimento diante de Deos, e ainda agora morreria contente, se a minha morte salvasse a liberdade da Patria, a conservação do Throno, e a gloria da Religião.

Conheça pois o Povo Portuguez quaes forão as manobras dos amotinadores no abatimento da Monarquia. Não quero que o meu trabalho tenha agradecimento, eu já de ante-mão o levo em cumprir todos os deveres que de mim exige a minha amada Patria.



SEGUNDA PARTE.

*Conspiração dos Sofistas da Rebelião contra os Monarcas, e primeiras machinações, que prepararão a fatal Revolução Franceza.*

**A**Quelles mesmos homens, que sedizião Filósofos, e que conjurá-  
rão na ruina do Christianismo, são  
os mesmos, que conjurá-  
rão na ruina dos Monarcas. Os anaes,  
e as memoriaes existentes dos mes-  
mos damnados Sofistas, são as pro-  
vas manifestas de huma semelhante  
conspiração. Além destas authenticas  
confissões, vemos em seus escritos,  
que até se gloriavão de haverem  
conspirado contra os Reis, como  
havião conspirado contra a Religião.



de Jesu Christo. Elles mesmos descobrem, e publicão todos os artificios de ambas as conspirações: e nos assoalhão á constância que tiverão em começar, e continuar estas tramas como hum verdadeiro titulo, e crêdor do nosso respeito, e admiração.

O primeiro testemunho de que a Historia se deve lembrar, he o de *Condorcet*. Depois de haver representado como rebelde, e como impio hum papel tão notavel em a Revolução, neste entonado Sofista, intenta, em huma muito magra producção, descobrir a marcha do engenho humano na escola da razão. Suppõe a seus leitores chegados ao meio do Seculo XVIII., e eis-aqui a trama, que elle nos patenêa como hum troféo de sua Filosofia incendiaria.

De repente se levantou, e appareceu na Europa huma classe de homens mienos occupados em indagar, e descobrir a verdade, que em

propagalla: homens que se votarão á perseguição das preocupações nos mesmos asylos em que o Clero, as Escolas, os Governos, e Corporações antigas as tinham acolhido, e protegido; homens que fizeram gloria de destruir os erros populares, mais ainda do que dilatar os limites dos conhecimentos.

O Em Inglaterra Collins, e Bolimbroke, em França Bayle, Fontenelle, Voltaire, Montesquieu, e as escolas formadas por estes homens combaterão a beneficio da verdade, empregando sem intermissão as armas, que a erudição, a philosophia, o engenho, e o talento de escrever podião fornecer a razão tomando todos os tons, e empregando todas as formas desde o burlesco até ao pathetico, desde a compilação a mais sabia, e a mais vasta, até ao romance, e epigramma, cobrindo a verdade com hum véo, não tão espesso que não deixasse o prazer de a advinhar. Animavão as preoccu-

pações com habilidade , para lhes descarregar depois golpes mais certos , sem ameaçar ninguém , e consolando muitas vezes os inimigos da razão , parecião que não desejavão na Religião , mais do que humana semitolerancia , e na Política humana semiliberdade. Atacavão o despotismo , quando combatião os absurdos Religiosos , e o culto , quando se levantavão contra o Tyranno : atacavão estes dois flagellos no seu principio , quando mostravão que não querião mais que combater os abusos : dissipavão estas funestas arvores em suas raizes , quando parece , que se limitavão ao corte de alguns ramos ociosos , e infructiferos ; hũa vezes dizendo aos amigos da liberdade , que a suprestição , que cobre o despotismo com hum véo impenetravel , deve ser a primeira victima que se sacrifique ; e a primeira cadeia que se deve despedaçar : outras vezes , pelo contrario , elles a denunciavão aos Despotas como

verdadeira inimiga de seu poder, e atemorizando-os com o quadro de suas hypocritas maquinações, e sanguinarios furroses, mas não deixando jámais de reclamar a independencia da razão, e a liberdade de escrever, como hum direito, e salvação do genero humano. Levantando em fim, como hum grito de guerra „ Razão, Tolerancia, Humanidade. „

Tal foi a nova Filosofia, objecto do odio commum das numerosas classes que parece não terem outra alma, e outra existencia mais que as preoccupações. Seus cabeças tiveram sempre a habilidade de escapar á vingança, expondo-se á indignação, souberão igualmente furtar-se á perseguição não se escondendo tanto, que offuscassem a gloria de que se coroavão „ ( Esbosso do quadro do engenho humano por Condorcet, époc. 9.<sup>a</sup> )

Com effeito a Rebelião, e a Impiedade escolhêrão a pessoa, e

a penna de Condorcet para expôr a época, o objecto, os meios, e todos os artificios da maldade daquellas conpirações, que primeiro se formáram contra a Religião, e depois contra os Monarcas. E este Adepto tão especialmente iniciado nos mysterios dos Sofistas deo a conhecer com evidencia que o juramento de destruir os Thronos, se devia seguir immediatamente ao de destruir os Altares. Elle retrata ao natural os Sofistas seus Confrades, quando diz, que elles tomavão todos os tons, e empregavão todas as formas, animando de hum lado os Soberanos para os animar contra a Religião, e de outro lado contempORIZAVÃO com a Religião, procurando tornar-lhe odiosos os Soberanos, e depois disto clamando que a Religião era a primeira victima que se devia sacrificar, para caminhar por este estrago, á ruina, e á morte dos Monarcas.

Não he só a confissão de Con-



dorcet a que nos attesta a reunião  
 de ambas as conspirações. Quasi to-  
 dos os Sofistas que sobreviverão aos  
 seus primeiros authores, e para serem  
 testemunhas de seus effeitos em a  
 Revolução Franceza; trabalham por  
 attribuir esta gloria aos seus res-  
 pectivos Patriarcas. O atheo *Lamé-  
 tierie* apenas vio chegar a Revolu-  
 ção, gritou logo „ aproximárão-se  
 os ditos instantes, em que a Fi-  
 losofia deve apparecer triunfante.  
 Seus mesmos inimigos confessão que  
 ella produzio os acontecimentos que  
 distinguirão o fim do Seculo passa-  
 do. O mesmo Sofista se dissongeia  
 com a esperança de que produzirá  
 os mesmos effeitos até no Egypto,  
 na Assyria, e na India (v. obs. so-  
 bre a fysic. hist. nat. discours pre-  
 lim.) O Comentador, e Continua-  
 dor de João Jaques, promette a  
 mesma ventura aos Sofistas (Suppl.  
 ao Contrat. social 3.<sup>a</sup> part. Cap. II.)  
 Apenas se atacou, e se demolio a  
 Bastillia, o Sofista Alfonso escreveu



a hum Cavalheiro , que detestava a insurreiçãõ = Senhor Conde , não se illuda , e repare , que isto não he accção de huma tempestade , a Revoluçãõ está feita , e consummada ; ha muitos annos que os maiores genios da Europa a haviãõ preparado , e em todas as Cortes tem sequazes , e partidistas. ( Inda mal que tantas provas destã horrivel verdade temos visto em a nossa Lisboa ! )

Estes testemunhos , e outros ainda mais indubitaveis , e sobre tudo os elogios , que ressoãrãõ tantas vezes na Tribuna dos Legisladores Jacobinos , a favor dos Sofistas , não nos deixãõ lugar á menor dúbida sobre a conspiraçãõ tramada de muito longe , contra o Throno , por aquelles Adeptos da impiedade , que depois se tornãrãõ em Adeptos da Rebelião. Com tudo , Voltaire não representou aqui o mesmo papel , que havia representado nas conspirações contra o Altar. Entrou nesta

conspiração quasi a seu pezar, e levado, ou arrastado pela indole do seu filosofismo, e pelo exemplo de seus mesmos discipulos, pouco interveio aqui a sua propria inclinação. Amava os Soberanos, se pudesse achar em todos apadrinhadores da sua impiedade. Vós amais a razão, e a liberdade, lhe escrevia D'Alembert, e não se póde amar huma, sem querer bem a outra. (19 de Janeiro de 1769.) Esta razão, continúa elle, não he mais que a filosofia, e esta liberdade não he mais que a liberdade Republicana. Com o effeito, ainda que Voltaire tivesse alguma affeição aos Reis, e aos Grãdes, ainda que elle na sua casa de campo representasse a parte de huma Personagem illustre, vio-se este homem, sempre inquieto em suas cartas e escritos, passar insensivelmente de todos os principios da igualdade, e liberdade anti-religiosas, a todos os da igualdade, e liberdade anti-monarquicas. Por ex;

na primeira edição de suas Epistolas se havia contentado com dizer :

„ São diversos os mortaes ,  
„ Seus estados são iguaes.

Seus discipulos quererão na verdade , que elle dissesse , e escrevesse antes o inverso de huma semelhante trova :

„ Ha nos mortaes igualdade ,  
„ Nas ordens diversidade.

Tudo isto conseguirão deste docil mestre , temeo ficar abaixo de seus discipulos , e envolveo-se nos seus sentimentos , mostrando o mesmo odio aos Reis , que havia mostrado á Religião.

Natureza nos deo cinco sentidos  
Os Monarcas tem mais ? Seu corpo ,  
e alma  
São feiros d'outra especie , ou de outra  
massa ?

( V. Var. da Edição de Kell. )

Esta foi a mesma linguagem, que se escutou á População, no momento de destronarem Luiz XVI. Com tudo Voltaire, que tinha posto em versos estas rapsodias do vil Jacobinismo, fluctuou ainda entre os Reis, e as Republicas. De hum lado não podia deixar de admirar os Soberanos, cuja historia elle escrevia, de outro lado considerava as Monarquias como hum governo, debaixo de cujo jugo o espirito humano permanecia em escravidão; (*Carta ao Conde de Argenson 8 de Agosto 1743*), e escrevia tambem a D'Alembert (guardai-me o meu segredo sobre tudo dos Reis, e dos Ecclesiasticos.) (*12 de Dezembro de 1757*). Pouco a pouco se foi costumando a descarregar golpes contra os Reis, e contra a Nobreza, e muito mais contra os Ecclesiasticos. Eis-aqui o que elle tinha feito declamar nas taboas do Theatro.

- » Esses Padres não são tudo o que  
o Povo
- » Cégo até agora, de crédulo ima-  
gina:
- » Augmenta seu saber, nossa igno-  
cia.

Edipo Trag.

Não houve miseravel casa de  
Opera, onde se não repetisse mil  
vezes depois:

- » Hum Soldado feliz, foi Rei pri-  
meiro,
- » Não carece de Avós, quem ser-  
ve a Patria.

Merope Trag.

Estes versos forão tão caros, e  
preciosos aos Jacobinos, porque Vol-  
taire soube encerrar nelles com gran-  
de dexteridade todos os principios  
da sua Revolução. Quanto mais se  
avançava em idade, mais suas dif-  
ferentes obras se enchião de panca-

das , e sarcasmos contra os Reis. Em fim nós o veremos declarado Chefe , e Presidente do Club , em que os Sofistas continuarão com o maior affinco sua conspiração contra o Throno. Alguns dos nossos Revolucionarios parecião desconhecer os serviços que elle lhes havia feito nesta materia. Condorcet o vingou , dizendo que = sem Voltaire ainda a Europa toda estaria supresticiosa , e que continuaria ainda a permanecer escrava. ( Vid. de Volt. Edição de Kell. ) Os Sofistas do Mercurio Francez assentárão que esta apolo-gia de Voltaire era muito fraca , e escrevêrão = „ Parece que he im-possivel descrever dignamente as in-finitas obrigações , em que o genero humano deve estar a Voltaire. „ As circumstancias da actual Revolução não dão huma excellente occasião de as publicar , = Voltaire não vio tudo o que fez , mas elle fez tudo o que nós estamos vendo. Os obser-vadores illuminados , os que soube-



rem escrever a Historia, provarão  
 aos que sabem reflectir, que o pri-  
 meiro author desta grande Revolu-  
 ção, que espanta a Europa, e que  
 derrama a esperança entre todos os  
 Póvos, e a inquietação em todas as  
 Cortes, he sem dúvida Voltaire.  
 Foi elle o que fez alluir a mais for-  
 midavel barreira do despotismo, o  
 poder Religioso, e Sacerdotal. Se  
 elle não quebrasse o jugo dos Ec-  
 clesiasticos, nunca se quebraria o  
 dos Tyrannos. Hum, e outro peza-  
 vão juntamente sobre as nossas ca-  
 beças, e se conservavão tão unidos,  
 e ligados que sacodido o primeiro,  
 era infallivel a ruina do outro. A al-  
 ma do homem só pára na sua in-  
 dependencia, quando cahe na escla-  
 vidão. Voltaire a resgatou costumán-  
 do-a a julgar por todas as faces  
 aquelles que a assoberbavão. O Jui-  
 zo dos sabios, prepara as Revolu-  
 ções, e o Povo, he quem as con-  
 clue. (*Merc. de França sexta fei-  
 ra 7 de Agosto de 1790.*)

Desta arte os Sofistas conjurados reconheciam , e publicavam a parte que Voltaire tivera na Revolução , que começou pelo assassino dos Ecclesiasticos , para conduzir Luiz XVI. ao cadafalso. Se os serviços de D'Alembert não se annunciam em todos os seus escritos públicos , as suas cartas a Voltaire , não são nada equivocadas. Ellas dizem com assas clareza , que elle fizera contra os Reis , como contra Christo , tudo o que lhe era possível fazer , sem se expôr á publicidade , sobre tudo , fazendo executar pelos outros o que elle não podia executar por si mesmo. Observa-se este homem surdamente turbulento , humas vezes dando por cartas parabens a Voltaire , por ter contribuido para a propagação dos sentimentos de hum Philosopho Republicano . juntamente com a liberdade , exhortando-o a combater *pro aris , & focis* , e logo queixando-se de não poder combater como elle , e pela mesma causa , confes-

sãdo que tinha as mãos ligadas pelo despotismo ministerial, e sacerdotal, e finalmente não querendo que o seu Confrade ignorasse, que conservava dentro de seu coração tanto odio, como elle conservava aos Despotas. (*Cart. a Volt. 19 de Jan. de 1769, e 25 de Janeiro de 1770.*)

Poderão dizer entre nós os sequazes desta cáfila devastadora, que se pôde muito bem aborrecer o despotismo, sem detestar os Reis. Pois saibão, que os Déspotas contra quem clamavão, e vociferavão Voltaire, e D'Alembert não são os Imperadores da Turquia, do Mogol, ou da China, são os Reis, debaixo de cujo dominio os Sofistas vivião na Europa. Como *Superstiçãõ, Fanatismo, e Religião* são para elles humma mesma coisa, assim tambem estes nomes de *Déspotas, Reis, Tyrannos, Soberanos* são synonymos na sua escola.

A Impiedade de Voltaire tinha

produzido este odio ao poder Monarquico: este sentimento foi o primeiro gráo da Revolução. Os sistemas da Seita o corroborarão, e fortalecêrão. Hum Adepto, que sendo Ministro de Luiz XVI. se deveria oppôr com maior denôdo, e vigor a estas idéas contra a authoridade dos Reis, foi o Marquez de Argenson. Para o chamar á Hollanda, Voltaire lhe propunha sempre a igualdade, a liberdade, as municipalidades republicanas, de que elle gostava, e que observava naquelles paizes. O Marquez de Argenson que fazia mais alguma coisa, se as estabelecesse em França. A este malvado se deve a primeira idéa da nova divisão do Reino, em outros tantos estados menores chamados no ministerio de Necker administrações Provinciaes, e no dominio revolucionario de Target, e Mirabeau, Departamentos. Desde o primeiro passo que deo Luiz XVI. para estas administrações, as Provincias se en-

chêrão de Politicos , que não déixavão ao Rei mais do que o odioso da authoridade. Antes da Revolução já existia entre ellas huma correspondencia , e huma verdadeira liga , para seguirem hum plano uniforme em tudo aquillo que devião , ou conceder , ou negar ao Rei , e Luiz XVI. foi desde logo para estas Provincias o que Target , e Mirabeau quizerão , que elle fosse.

Ao Marquez de Argenson succedeo Montesquieu com seu *Espirito das Leis*. Este livro está cheio de erudição , porém tudo o que os Francezes nelle aprendêrão foi julgarem-se escravos dos Reis , persuadindo-se que não chegarião a ser livres , senão quando chegassem a estabelecer aquella distincção de poderes , que elle tornou tão famosa , ou enfática. *Poder executivo , poder legislativo , poder judiciario*. Porque onde quer que o poder legislativo se ache unido ao poder executivo , como os Francezes vião no

seu Rei , acabou-se a liberdade , porque deve-se temer que o mesmo Monarca , ou o mesmo Senado fação Leis tyrannicas para as executar tyrannicamente. ( Esp. das Leis Liv. II. Cap. 6.)

Havia muito tempo que os Reis promulgavão Leis em França , e os Francezes ainda não sabião que tiñhão por seus Monarcas *Déspotas*, e *Tyrannos*. Elles amavão estes Reis , e até erão conhecidos pela sua adhesão a estes Reis , e nenhum Povo amou , e até he impossivel , que elle ame os Déspotas , e os Tyrannos. Hum Déspota , hum Tyranno he o homem menos accessivel para o seu Povo , e o revolucionario Garat escreveo , que o Throno dos Reis de França era tão accessivel , que os votos da Patria sempre chegavão a elle. A França prosperava ; era o Imperio mais rico em habitantes ; o Commentador de João Jaques nos diz , que a sua população iria sempre em augmento , e que



só no reinado de Luiz XV. tinha crescido com mais dois milhões, e quinhentas mil almas, (Supl. ao Contr. social) e João Jaquês tinha dito: O Governo e n.que os Cidadãos povoão, e se multiplicão mais, he infallivelmente o melhor: pelo contrario, aquelle onde o Povo decrece, e mingoa, he o peor, e continúa — calculadores, medi, contai, e comparai — Montesquieu em lugar de medir, não tinha feito mais que hum systema. Não o accusemos daquellas obscuridades voluntarias, daquelles innocentes artificios, a quem D'Alembert dá tanto merecimento, (Elog. de Montesquieu) digamos antes que elle não tinha comprehendido todas as consequencias de seu systema. Elle fazia pela França tudo quanto seus inimigos querião fazer contra a França juntos no Congresso de Haia em 1691, quando jurarão não depôr as armas antes que os Reis de França ficassem sujeitos aos Estados Geraes de seu

Reino. Elle foi o pai daquella commissão legisladora , que se apossou dos Sofistas , dos Advogados , dos Medicos , dos Caixeiros , e de vinte milhões de ferneticos , que se não poderão jámais entender huns aos outros , sem que houvesse alguém que os entendesse a elles , depois que o poder legislativo lhe cahio nas mãos.

João Jaques Rousseau appareceu , e consummou a obra de Montesquieu. Discorreo como hum Aldeão Democrata sobre os principios de que Montesquieu só tinha tirado consequencias favoraveis á sua Aristocracia — Disse pois o esquentado Jaques que „ o maior de todos os bens era a igualdade , e liberdade ; que não dava huma passada , que não encontrasse ferros ; que o poder legislativo não podia pertencer senão ao Povo ; que o Povo se não podia submeter a nenhum outro Soberano ; que este Povo a pezar de todos os seus juramentos não perma-

necesario ligado a governo algum estabelecido. Todos os seus ajustes, não são mais que huma formalidade provisoria, que elle dá á administração até ao ponto em que lhe apraz dar-lhe outra muito diversa: que a dignidade destes homens chamados Reis, não he mais que huma commissão, hum poder de que o Povo os fez depositarios, que elle póde limitar, modificar, assumir, quando bem lhe parecer. » (Contr. soc. passim.)

Os Sofistas se apossarão com ancia dos principios de Montesquieu, e de todas as consequências que delles tirou o Jaques. Tinhão até entrão caminhado sem ordem, e sem systema contra os Soberanos. Voltaire tinha largado mil sarcasmos, e os Adeptos não fazião mais que repetillos, então se ajuntarão, e adoptarão todas as idéas Democraticas do Sofista de Genebra; formarão por fim a liga refinada por Condorcet, aquella liga, cujo objecto

era cortar pelas proprias raizes as duas grandes arvores da Religião, e da Monarquia, para lhes substituir a arvore da sua liberdade, e igualdade. Seus Adeptos se multiplicarão entre os enxames dos escriptores, com especialidade entre os Jornalistas, Diaristas, e Publicistas tão entonados, como ignorantes, e mentirosos. Souberão ordenar a marca, e distribuir os papeis, huns continuarão mais especialmente a sua guerra contra o Altar, outros contra o Throno. Mas desde o anno de 1762 até á Revolução, poucas producções apparecêrão destes vermes da litteratura, e tedioso emprego gazetal, que não viessem descarregando os mais funestos golpes contra o mesmo Throno, e Altar. O Mundo se vio inundado de suas diatribas contra os Soberanos, e de suas blasfemias contra Deos.

Montesquieu tinha dito, que he muito difficil ser virtuoso em hum governo Monarquico... Helvecio cre-

forçando a lição , ensinou no Povo ; que a propriedade deste governo he embrutecer , e aviltar os espiritos ; que a verdadeira Monarquia não he mais que huma constituição imaginada para corromper os costumes , e escravizar os Povos ; e que por virtude da constituição deste governo , os mesmos Povos são arrastados invencivelmente para o aviltamento. » ( Prefação do Tratado — Do Hom.)

Jaques , o plagiario Jaques , tinha escrito , que se a authoridade dos Reis vem de Deos , he como as doenças: Raynal lhe succedeo para nos dizer , que os Reis são Bestas ferozes , que devorão as Nações ( que dizia este grande Architecto da Revolução , se a sua inquieta existencia tivesse chegado ao Império do humano e carinhoso Bonaparte? ) Outros vierão depois para nos dizer que os Reis são semelhantes ao Saturno da Fabula : que devorava seus proprios filhos. Que o governo Mo-

narquico pondo forças estranhas nas mãos de hum só homem, deve por sua mesma natureza, tentallo a abusar de seu poder para exercitar o despotismo, e a tyrannia, que são os mais terriveis flagellos das Nações. Cará para encarecer isto mais, veio dizer aos Póvos = vossos Reis são os primeiros algozes de seus vassallos: a força, e a estupidez são a primeira origem de seu Throno (e são estes os mesmissimos Francezes que acclamárão Bonaparte!) (systema da Razão). Seria preciso copiar volumes inteiros para repetir todas as declamações sediciosas, de que os Adeptos enchêrão as suas produções. Diderot que tinha engrossado com ellas o seu — systema da Natureza — as reúne todas neste unico voto frenetico — quando terei eu o prazer de ver o derradeiro Monarca enforcado com as tripas do derradeiro Sacerdote? =

Desde o anno de 1765, este odio dos Sofistas, e o juramento, e



voto de destruir o Throno com o Altar, erão já tão evidentes, e tinham já em París hum tão grande número de proselytos, que poucos dias bastarão ao Lord Orfort, mais conhecido pelo nome de Horacio Walpole, para descobrir toda a extensão da conspiração. Citarei para prova a sua carta ao Feld Marchal Conrray, datada deste mesmo anno a 28 de Outubro, e concebida nestes termos. » Poucos dias de vida restão já ao Delfim, morre infallivelmente. A perspeçiva de sua morte enche os Filósofos da maior alegria, porque temem seus esforços a respeito do restabelecimento dos Jesuitas. Falla-vos dos Filósofos, e dos seus sentimentos, vos parecerá coisa estranha, e hum desusado despacho de Politica. Porém comprehendéis vós acaso, que coisa sejam Filósofos, e o que signifique esta palavra? Primeiramente elle designa aqui quasi todo o Mundo, em segundo lugar, significa homens, que

debaixo do prétexto da guerra, que elles fazem ao Catholicismo, huns procurão a subversão de toda a Religião; outros (e destes he o maior numero) a destruição do poder Monarquico. Talvez que me digais, como posso eu saber isto, que apenas seis semanas ha que estou em Paris, levando as primeiras tres fecho do no meu quarto? Sim, porém nas primeiras tres fiz innumeráveis visitas; e em todas ellas ouvia estes discursos. Confinado, como estou na minha casa, recebo centos, e centos de visitas, e tenho tido mui longas, e circumstanciadas conversações com muitas pessoas, que pensão como vos digo, e com outras de sentimentos oppostos, mas que estão mui bem persuadidas que este projecto existe. Ultimamente entre outras tive comigo dois Officiaes, ambos elles de idade madura. Custou-me muito embarçar que não viessem ás mãos; e no calor da disputa me descobrirão coisas, em cujo conhe-

cimento seu não poderia entrar se-  
 não depois de muitas indagações.  
 (V. obras de Walp. T. V. Liv. 28.)  
 Os progressos, que esta carta an-  
 nuncia, se fizeram tão públicos, e  
 tão evidentes, que aquelle mesmo  
 Rei da Prussia, que por tanto tem-  
 po protegeo, e suas conspirações  
 contra o Altar, não se pode occul-  
 tar a si mesmo as consequencias fa-  
 taes que ellas devião ter a respeito  
 do Throno. Indignado, e estimula-  
 do os denunciou ao público, como  
 homens excessivamente desprezíveis,  
 e ao mesmo tempo desgraçadamen-  
 te perigosos. Os encyclopedistas,  
 dizia elle nos seus dialogos dos mor-  
 tos, reformão todos os Governos:  
 a França, segundo seus projectos,  
 ha de vir a parar em hum estado  
 republicano, cujo Legislador, será  
 o *Geometra* D'Alembert. Os ency-  
 clopedistas são huma seita dos cha-  
 mados Filósofos, nascidos entre nós,  
 ha dois dias. Imaginão-se superio-  
 res a tudo quanto a antiguidade pro-

Teste-  
 munho do  
 Rei da  
 Prussia.

duzio neste genero. Elles ajuntão ao desaforo , e descaramento dos Cynicos , a impudencia de publicar quantos paradoxos lhes vem á cabeça. „ Depois de os haver retratado como hum tropel de vadios , e desvanecidos , o mesmo Frederico não cessa de clamar , e de aconselhar aos Reis , que mettão estes doidos prejudiciaes na casa dos Orates , para que ali possam ser á sua vontade os Legisladores d'outros Orates seus semelhantes , ou mandallos governar humma Provincia que tivesse merecido hum aspero castigo pela sua rebelião ( Prim. Dialogo dos mortos pelo Rei da Prussia). Desgraçadamente este conselho não foi abraçado pelos Soberanos , e os progressos dos Sofistas forão crescendo a olho. Nós lhes podemos dar seu justo valor , não menos que pela mesma denúncia que deo desta vil canalha ao Parlamento de París Mr. Seguier, Advogado Geral em o anno de 1770.

alv. T.  
 orates  
 -cã pol  
 abracado

Teste-  
munho  
dos Ma-  
gistrados.

„ Levantou-se entre nós huma Seita impia, e escandalosa, huns fá-tuos allucinados, huns fanaticos verdadeiros, huns visionarios illusos, que se atrevem a cobrir com o manto, ou capa da Filosofia. Liberdade de pensar, eis-aqui o grito dos seus sequazes; e este grito se tem feito ouvir de hum lado a outro lado da Terra. *Com hum braço que-rem abalar os Thronos, e com o outro, destruir es Altares.* Seu intento he extinguir a crença, dar nova vareda, nova direcção aos espiritos sobre as antigas instituições religiosas, e civís. Posso dizer, que a revolução está executada, os proselytos se multiplicão, e suas maximas se propagão. Levantárão o *Estandarte da Revolução*, e com esta affectada independencia procurarão fazer-se célebres. O Governo deve temer, se *consentir, ou tolerar* huma Seita volcanica de incredulos, que só busca sublevar os póvos com o ridiculo pretexto de os illustrar. „

(Requisitoria de 18 de Agosto de 1770.)

O Clero aproveitando-se desta occasião, em que os Magistrados se queixavão com tanta amargura, levou as mesmas queixas, e as mesmas denúncias aos pés do Throno: os Escritores, os Oradores Ecclesiasticos clamavão, e bradavão com o mesmo zelo, como vemos pelas eloquentes Pastoraes de Beaumont, e pelas Obras de Bergier, que não tem réplica, e das quaes eu ouvi escarnecer a dois miseraveis Rábulas tão estupidos Pedreiros Livres, como são estupidos dois Sebastianistas. O Bispo de Senez, e o Abbade Beauregard se distinguirão entre o Clero pela sua efficacia, e triunfante eloquencia contra os pestiferos declamadores da liberdade, e igualdade, a quem a Justiça Divina por visivel castigo, deo agora para lhe imporem hum jugo de ferro, huma alluvião de Reis, de Duques, e de Condes tirados dos Açogues, e dos



mesmos lugares da prostituição. He memoravel , he digna de nosso respeito a especie de inspiração , de que se vio repentinamente possuido este ultimo , prégando na Cathedral de París , treze annos antes da Revolução , descobrindo os projectos da Filosofia moderna , fez resoar as abobedas do Templo com hum tom , e hum emphasi verdadeiramente profeticos , e suas palavras se verificarão com effeito pela Revolução.

„ Sim (disse elle) contra o Rei , e contra a Religião conspirão estes malvados. Elles tem nas mãos o machado , e o martello , e só aguardão o momento favoravel , para destruir o Throno , e o Altar. Sim: vossos Templos, Senhor , serão despojados , e destruidos , vossas Festividades abolidas , vosso Nome blasfemado , vosso Culto proscripto — Mas que escuto eu : Grande Deos que vejo ! Aos canticos inspirados , que fazião resoar estas abobedas em honra vossa , succedem cantos lu-

bricos, e profanos! E tu Divindade infame do Paganismo, impudica Venus, tu virás aqui mesmo occupar atrevidamente o lugar do Deos vivo, sentar-te no Throno do Santo dos Santos, e receber o incenso sacrilego de teus novos adoradores!..

» Contra este Discurso os Sofistas gritarão — Sedição, Fanatismo — Os Doutores da Lei julgárão descobrir nelle hum excesso de zelo, com effeito, tudo desde muito longe se encaminhava surdamente para se verificar esta Profecia. Os Conjurados para apressarem seu complemento tinhão lançado mão de outros meios, e procuravão fazer correr o veneno da impiedade, e da rebelião até nos corações daquella porção do povo, que habita os Campos, e as Aldéas, inficionando suas mesmas escolas. Com o pretextto de que a esta qualidade de gente faltava a instrucção necessaria para seus mesmos trabalhos. *Duquesnai*, e seus Adeptos constituindo outra especie

de Sofistas chamados *Economistas*, que se occupavão de Agricultura, Commercio, Administração, e Cobrança de rendas; propozerão a Luiz XV. que estabelecesse, e multiplicasse escolas gratuitas, em que os rapazes se instruissem, especialmente nos principios de Agricultura. O Príncipe, que amava sinceramente o povo, lançou mão do projecto com muito prazer, porém primeiro, por felicidade quiz ouvir *Mr. Bertin*. » Ha muito tempo, dizia este Ministro, contando este facto, que eu observe as diversas Seitas dos nossos Filósofos, e ainda que tenha de me arrepender de muitas faltas commettidas contra a Religião, com tudo, eu conservo ao menos os principios em toda a sua integridade, e pureza. Conheci, que o intento dos Filósofos era apossar-se da educação do povo com o pretexto de que os Bispos, e Sacerdotes não se podião empregar todos em certas miudezas. Não duvidei de respon-

der ao Rei — Guardai-vos Senhor , de secundar estes Filósofos. Em vosso Reino não faltão escolas gratuitas , ou quasi gratuitas. Existem estas escolas em todos os Lugares , e Aldéas. Os Livros enviados por estes Filósofos fazem os Camponeses menos laboriosos , e mais systematicos : receio que os não fação preguiçosos , vãos , invejosos , discorredores , sediciosos , ímpios , e em fim , rebeldes

„ Luiz XV. se mostrou satisfeito com estas razões , porém cercado continuamente por estes homens , me vi obrigado a combater a boa opinião que o fazião ter sobre estes Economistas , e Filósofos. Resolvido em fim a lhe dar huma prova de seus projectos , interroguei muitos daquelles Mercadores de feira , que girão pelos campos vendendo livros aos rusticos , e que eu suspeitava serem como erão . Agentes do Filosofismo entre estes bons camponeses. Estes mesmos negociantes

vinhão muitas vezes á minha casa de campo offerecêr-me livros. Eu lhes dizia — Que livros podem vossês trazer-me ? Sem dúvida trazem por ahí nessas alforjadas Catecismos da Doctrina Christã, e livros de devoção, Folhinhas, ou Sarrabaes ? Trazem Reportorios ? Sem dúvida são estes os livros, que os rusticos podem ler com mais prazer, e mais fruto. A estas palavras eu vi que muitos destes Zanganos se surrião. Não, me respondêrão elles, nós não trazemos estes livros, nós fazemos melhor fortuna com Voltaire, e com Diderot, e outros Filósofos — E eu lhes tornava — como póde isso ser ? Os camponeses podem a caso comprar Voltaire, e Diderot ? Quem lhes deo dinheiro para livros tão caros ? A resposta a esta questão, foi sempre esta. — Nós lhos vendemos mais baratos que hum Lunario perpetuo, que os segredos da Natureza, e que a Arte de deitar Gallinhas, e de tirar Pintos sem Galli-

nhas. Damos-lhe cada volume por hum tostão , ( dez soldos ) , e ainda ganhamos muito. Depois de outras perguntas , muitos me confessarão , que nada lhes custavão estes livros , que recebião grandes pacotes delles sem saberem donde lhes vinhão , só com a advertencia , de que os vendessem pelos campos por tão módico preço , que mais parecião dados , que vendidos. ”

Tal era o testemunho de Mr. Bertin , e isto mesmo se lhe ouviu dizer muitas vezes no seu retiro de Aix la Chapelle. Luiz XV. a quem elle deo partê , comprehendeo em fim o projecto dos Sofistas , mas apenas tomou contra elles poucas , e inuteis medidas. Os Conjurados continuárão a se servir destes Zénganos das feiras. Huma das provas que nem todos os Ministros pensavão como Mr. Bertin , he que Mr. Bourdon primeiro Juiz de Lisieux , e encarregado da Policia tendo mandado prender hum destes Adellos ,



que vendia ao povo os livros mais ímpios , e sediciosos , e a quem o módico preço porque os dava tinha feito suspeito , entrando na cadeia com toda a frescura , só perguntou em que dia partia o Correio para París , e em que dia poderia ter resposta da carta , que hia escrever ? Com a resposta , que lhe derão , tornou , ora pois , nesse mesmo dia vós tereis ordem de me pôr no meio da rua , e de me entregar os livros que me confiscarão. A ordem veio com effeito no mesmo dia que elle tinha marcado.

Academia secreta dos Conjurados Sofistas , ou Club de Holbac.

Resta em fim saber de que covil de ladrões partião estas obras , ou producções espalhadas com tanta profusão , não só pelos campos , e Aldêas de França , mas por todas as Cidades , e Povoações da Europa , para inficionar os homens com o duplicado espirito sofisticado de corrupção , e de rebellião. Os remorsos de hum Adepto arrependido desco-

brirão , e patentearão esta invenção da fonte.

Poucos dias depois das atrocidades de cinco , e seis d' Outubro , Mr. Leroy Intendente das caçadas , e montarias de Sua Magestade , e Académico , vindo jantar a casa de Mrs. d'Angeveliers , rompeo o véo aos funestos mysterios. Cabio naturalmente a conversação sobre os desastres da revolução. Acabado o jantar , o mesmo dono da casa , que depois publicou este facto , disse ao tal Mrs. Leroy. — „ Eis-aqui tendes Senhor , eis-aqui tendes a obra da Filosofia ! — Aterrado o Académico com estas palavras , lhe tornou — „ a quem dizeis vós isso ? Amim , que tão desgraçadamente o conheço ! Ah ! Dentro em poucos dias eu acabarei ás mãos do sentimento , e dos remorsos. — A respeito desta palavra „ remorsos „ com que elle terminava quasi todas as suas frases , se lhe perguntou , se elle havia de tal maneira contribui-

do para esta revolução, que está  
 certeza lhe houvesse de causar re-  
 morsos? Sim, respondeo elle, eu  
 contribui, e muito mais do que eu  
 quizera ter contribuido. Eu era Se-  
 cretário da Sociedade, a quem vós a  
 deveis, porém eu tomo a Deos por  
 testemunha, que nunca me persuã-  
 di que ella chegasse a estes termos.  
 „Morrerei sim de pena; e de re-  
 morsos.“

Obrigado á explicar-se sobre es-  
 ta Sociedade occulta, cuja existen-  
 cia era ignorada por todos os da  
 partida, o tal Academico continuou  
 „Esta Sociedade era huma especie  
 de Club, que nós outros os Filoso-  
 fos tinhamos formado. Faziamos nos-  
 sas Sessões em casa do Barão de  
 Holbach, e receando que se desco-  
 brisse o objecto, tomámos o nome  
 de „Economistas.“ e creamos Vol-  
 taire, ainda que ausente, Presidente  
 honorario, e perpetuo. Os mem-  
 bros, ou socios principaes, serão  
 D'Alembert, Turgot; Condorcet;

Diderot ; e tambem aquelle Lamouignon , Guarda dos Sellos de França , que se matou no seu mesmo Parque , e todos aquelles , a quem Voltaire em suas cartas dá a senha da conspiração , ou as letras iniciaes destas palavras , „ Esmagai o infame „ estas palavras , querião dizer entre nós „ destrui , pulverizai o Crucificado , e procurai abolir sua Religião.

Toda esta declaração era interrompida de espaço a espaço com profundos gemidos , e dolorosos soluços , e este Adepto sinceramente arrependido , continuou „ Eis-aqui quaes são nossas occupaões. A maior parte dos livros que ha muito tempo apparecem contra a Religião , Costumes , e Governo são obras nossas , e dos nossos confidentes : estes livros são compostos em commum , ou por ordem da Sociedade se encarregava de sua composição algum dos individuos. Antes que se imprimissem são manda-

dos ao nosso tribunal , alli erão revistos ; acrescentavamos , ou tiravamos , segundo o exigião as circumstancias. Sahia a obra debaixo do titulo que nós todos escolhiamos. Todos os que apparecem attribuidos a Boulanger , ou a Freret depois da sua morte , não sahirão de outra parte senão da nossa sociedade. Depois de approvados , faziamos imprimir alguns em papel fino , para nos indemnizar dos gastos da impressão , depois imprimiamos immensa quantidade de exemplares em papel barato e ordinario , estes erão mandados aos Livreiros , e Zânganos para os venderem ao povo por quasi nada. Eis-aqui o que fez chegar este povo ao termo em que o vemos hoje. Eu o não verei por muito tempo , porque a dor , e os remorsos acabarão depressa a minha existencia. »

Todos sentem o horror que deve causar esta relação , e o horror que inspirava ao desgraçado Adepto

que a fez, o acompanhou até á sepultura. Em consequencia desta declaração, que nos dá por membros de seu Club todos aquelles, a quem Voltaire fallava em Jesu Christo com o nome de *infame*, he preciso ajuntar a este catalogo os já nomeados Helvecio, e Damilavile, Officiaes de fazenda, Phiriot escriptor sem talentos mas grande impio, e aquelle Secretario da Academia Franceza „ Saurim „ reputado homem de bem, mas que por fim se deixou conromper com huma pensão de tres mil livras, que lhe dava Helvecio; he preciso augmentar ainda este sacrilego rol com os nomes do Barão de Holbach, do Conde de Argental, amigo, e confidente de Voltaire, do Barão Suisso Grim, que depois detestou solemnemente sua antiga alliança com toda esta despresivel canalha; tambem La Harpe os abominou por fim, e de hum modo tal que se fez crédor da admiração, e estima pública. Com este foi Vol-



taire mais reservado ; nunca uzou da formula ordinaria quando lhe escrevia , como uzava com os outros conjurados.

Este Club infernal existia já em 1766 , porque nesta época apparecerão os dois livros intitutados = Antiguidade desenvolvida = e Exame dos Apologistas do Christianismo , que o Adepto Leroy diz serem compostos por toda a Sociedade , e com effeito são dignos desta fonte. Havia pois vinte annos que este Club de Sofistas inficionava o Universo com producções tendentes a destruir , e arruinar o Altar , e o Throno , quando se vio approximar a Revolução Franceza. Voltaire a annunciava havia muito como infallivel , porém accrescentando „ Eu não terei o gosto de ser seu espectador , e testemunha „ Os Francezes chegaram a tudo tarde , mas em fim chegaram. A luz está de tal maneira espalhada , que ha de romper na primeira occasião. Felizes os mancebos , que hão de

vêr tão grandes coisas » (Carta a Mr. Chauvelin 2 de Março de 1764.)

Não foi culpa sua , nem de seus discipulos , não presenciarem ao menos huma parte destas subversões politicas. Já tinha dado o abaló ás idéas religiosas , queria ao menos ser testemunha do que elle preparava a todos os Governos. Não lhe bastava deixar » como elle diz , em Genebra alguns mentecaptos , que acreditassem o Evangelho , queria tambem destruir todo o Governo desta Republica , para fazer hum ensaio dos novos principios de igualdade , e liberdade , em que queria que os homens permanecessem.

Toda a Europa soube as perturbações , que agitarão Genebra desde o anno de 1770 até o de 1782 , porém o que se ignora são as cauzas , e os agentes secretos das revoluções , que destruirão seu Governo , e constituição. Neste pequeno Estado , o povo he dividido em muitas classes , a dos antigos habitantes de Genebra ,

ou de seus descendentes, era a única admittida aos conselhos, e principaes dignidades. As que ha pouco tinham entrado no dominio da Republica, gozavão da sua protecção, mas não entravão jámais em o Governo público. Porém Montesquieu, e João Jaques vierão ensinar a estes homens, e a dizer-lhes que erão escravos em hum Governo, que os havia admittido, e que tinham perdido os grandes direitos do homem, a igualdade, e a liberdade, e isto só por que erão obrigados a observar a lei, que elles não tinham feito. Voltaire que receava sempre ficar atrás de seus discipulos, se havia declarado partidista destes imaginados direitos. Cria que estavam quebrantados na Constituição de Genebra. Começou de insinuar todos os seus novos principios áquelles inexpertos Colonos, e semeou a zizania da divisão entre elles; e o Conselho convidou muitos para se estabelecerem em Fernei, e em Versoi. Começou tambem a es-

crever furiosamente a favor da Democracia, e da multidão Legisladora, com tanto zelo, com quanto n' outro tempo este monstro contradictorio tinha escripto a favor da Monarchia. Nestes Libellos, que elle fazia girar com o irrisorio titulo de = Idéas Democraticas, = os Colonos de Genebra apprendêrão não só que o mais toleravel de todos os Governos he o Republicano, porque nelle se approximão mais os homens á igualdade, e liberdade natural, mas que he hum dever sagrado que cada individuo tenha tambem voto no que diz respeito ao bem universal da Sociedade; porque o Governo Civil he a vontade de todos executada por hum só, ou por muitos, em virtude das leis que todos hajão estabelecido, e que em fim todas as distincções de nobres, e de mecanicos, não querião dizer outra coisa mais que = Senhores, e Escravos. =

Os Sofistas não deixarão Voltaire só no campo para combater, tra-

balhárão com elle nestes grandes ensaios da Democracia. A estúpida *Seita niveladora* o ajudou com todos os soccorros , e esforços de *Claviere* , do botafogo *Segere* , e do Semi-Syeys *Beringer Bovier* ; e o Advogado geral *Servan* , a quem Voltaire chamava o Grão Mestre da sua Filosofia , concorrêrão desde Grenoble com todas as munições necessarias. Ameaçárão pois o Senado de Genebra com todo o furor dos habitantes do campo , se lhes não desse o livre exercicio dos *direitos naturaes do homem* , affiançando-lhe a sua posse. (V. Ephemerid. do Cid: anno de 1771.) A' força de intrigas , e de escriptos sedeciosos , chegarão em fim a realizar seus intentos contra esta República. A sua Constituição foi restabelecida por Mr. de Vergones , porém o fermento ficou intacio para levedar de novo todo o Jacobinismo de Voltaire , quando apparecesse o Apostata Soulavie , e outros Agentes do Robespierre.

O ensaio que os Sofistas fizeram ao mesmo tempo em França, não tinha outro objecto. Os mesmos Par-  
lamentos se enganárão com estes malvados amotinadores; em suas contestatações com Luiz XV. pedi-  
rão a convocação de Estados Geraes (*Cortes*), e se persuadirão vêr triun-  
fante a sua causa naquelles famosos manifestos, de que foi Redactor Mr. de Malheshibes, pedindo que viesse a Nação exercitar por seus Representantes, a authoridade, e reassumir seus Direitos imprescriptiveis. Os Sofistas d' Aristocracia tambem se enganárão como os Parlamentos. Não consideravão nesta convocação, mais do que o meio de restabelecer sua antiga influencia: ignoravão que os Sofistas da Democracia estavam promptos a fazer dominar seus Direitos de igualdade. O laço estava armado; apenas a *Igualdade* destruisse em França a distincção das ordens, no mesmo instante se levantava a canalha Legisladora; Voltaire e Jaques triun-

Tenta-  
tiva feita  
em Fran-  
ça



favão sem dúvida: Desgraçados! o fructo de suas fadigas foi Bonaparte para esmagar a canalha Legisladora, e os Pedreiros livres de todos os paizes debaixo de seus pés de ferro, e de sua diabolica Tyrannia.

Com tudo nem Vo'taire, nem seus primeiros cúmplices devião presenciar esta revolução geral, que elle com tanto prazer pronosticava, e com tão viva esperança aguardava, impaciente sempre com sua dilação. Seus discipulos querião ao menos que elle fosse testemunha do que elles tinhão feito em París, que era a Metropole da sua impiedade. Havia muito que por hum Decreto, e por huma Lei pública tinha sido banido desta desgraçada Capital, e não podia entrar nella sem se justificar das blasfemias, que tinhão provocado contra elle as Sentenças do Parlamento; D'Alembert, e a sua Academia resolverão vencer este grande obstaculo. A pesar de alguns restos de respeito á Religião, custou-lhe pouco al-

cançar que o primeiro Author de todos os conloios sacrilegos, e antimonarchicos, viesse gozar no seu seio os fructos de todas as suas fadigas! Voltaire era bem conhecido por Chefe dos Impios, mas era pouco conhecido como o cabeça das conspirações contra os Reis. Determinou-se que as Leis se calarião a seu favor na sua volta a París. Eis-aqui tudo o que pertendião os Conjurados.

Este homem, cuja longa vida não tinha sido mais que huma longa tã de blasfemias, e conspirações tão formidaveis para o Throno, como para o Altar, foi recebido na Capital dos Reis Christianissimos com todas as acclamações concedidas aos Heroes na volta de suas victorias contra os inimigos da Patria. Todas as Academias celebrárão a sua chegada, e foi celebrada no Palacio dos Reis, em que dahi a poucos annos Luiz XVI. devia estar prisioneiro, e victima da antiga conspiração dos Impios. Houverão grandes festejos

em honra do octoginário blasfemo ; e bebado com as continuas aclamações , bradava = Vós quereis que eu morra de gloria ! = Só a Religião vestia luto no meio destes bacchanes infames , mas Deos a vingou. O impio que tinha medo de morrer de gloria , devia morrer de raiva , e desesperação mais ainda que de velhice. No meio de seus triunfos huma violenta hemorragia lhe foi dando cabo da vida. D'Alembert , e Diderot muito assezoados corrêrão a casa do medonho spectro para sustentarem sua constancia nos ultimos momentos , porém só forão testemunhas da sua ignominia , e sua mesma affronta. Voltaire se vio reduzido a chamar os Sacerdotes , Ministros daquelle mesmo Christo , daquelle perrendido *infame* , cuja ruina elle havia jurado tantas vezes. Existe o processo verbal de suas retractações. Foi lançado solemnemente em as Notas de Mr. Momet , Tabellião público de Paris : alli se lê da mesma letra de

Voltaire a carta que escreveu a Mr. Gaultier, pedindo-lhe o quizesse ouvir de confissão, com a declaração seguinte, assignada pelo seu proprio punho. = „ Eu abaixo assignado, declaro que achando-me ha quatro dias atacado de vomitos de sangue na idade de 84 annos, não podendo ir pessoalmente á Igreja, o Senhor Padre Cura de S. Sulpicio quiz ter a bondade de ajuntar aos outros favores que lhe devo, o de me mandar Mr. Gaultier, Presbytero, com elle me confessesi, e se Deos dispozer de mim, declaro que morro no seio da Igreja Catholica, em que nasci, esperando, e confiando muito na Divina Misericordia, que perdoará todos os meus crimes, e delictos. E se até agora tenho escandalizado a Igreja, eu peço perdão a Deos, e á Igreja. Hoje 2 de Março de 1788. Assignado = Voltaire = e como testemunhas = O Abade Mignot meu Sobrinho, = e o Marquez de Villevieille, meu amigo.

Acaso será esta declaração também pelotica de sua antiga hypocrisia ? Assim parece , se considerarmos , e nos lembrarmos de suas passadas acções de Religião , explicadas por elle mesmo. Seja o que for : he certo , que Voltaire consentio que esta declaração fosse levada ao Cura de S. Sulpicio , e ao Arcebispo de París , para declararem se era sufficiente , e estava concebida em termos habeis , e capazes. Quando o Abbade Gualtier vinha com a resposta , já lhe não foi possível chegar á cabeceira do enfermo. Os Conjurados tinham dobrado as Sentinellas , e lançado mão de todos os recursos para que o chefe da Seita não confirmasse a retractação. O veneravel Presbytero achou todas as portas atarracadas ; e ainda que Voltaire o mandasse chamar , nunca mais lhe fallou ; só os Demonios tiveram entrada franca , e livre accesso áquella cama , em que gemia o arrependido octoginário. Bem depressa começá-

rão nelle as scenas do furor , e da raiva , que se forão succedendo até seu ultimo bocejo. Então D'Alembert , e Diderot , e outra infame relé , que entulhavão sua antecamara , não se chegarão a seu leito , senão para serem testemunhas de seu proprio aviltamento , em o aviltamento de seu mestre , vendo-se obrigados a fugir , cheios de espanto com as pragas , e imprecações que o moribundo velho contra elles vomitava.

„ Fugi daqui , bradava elle , deixai-me , canalha pestifera , vós sois a causa do miseravel estado em que me vejo. Fugi daqui serpentes , eu podia mui bem passar sem vós , e vós não podieis passar sem mim. Que desgraçada gloria alcancei eu comvosco ? „

Estas horrendas maldições erão acompanhadas da memoria da sua conjuração contra Christo. Seus mesmos Adeptos lhe ouvirão , entre perturbações , e medo , chamar , invocar , e blasfemar alternativamente



aquelle Deos, antigo objecto de seu odio, e de suas conspirações. Com intercadentes suspiros, acompanhados de remorsos pungentissimos, bradava de continuo = Jesu Christo = Jesu Christo ! Outras vezes (que espantoso horror!) se queixava, e se dohia de se ver desamparado de Deos, e dos homens. A mão que em outro tempo escreveu a sentença de hum Rei impio no meio de seus festins, parece que escrevia agora ante os olhos de Voltaire aquella sua antiga fórmula de blasfemia = abatei, pulverizai o infame. » Elle queria desterrar de sua alma espantada esta lembrança atroz: mas era este o momento, em que elle mesmo devia ser pulverizado, e abatido debaixo dos pés do *infame* que o hia julgar. Seus Medicos, e entre elles *Tronchem* vinhão para o socegar, mas sahião logo assombrados clamando, que elles acabavão de ver a verdadeira imagem do impio expirante. O Marechal de Richlieu foi testemu-

nha deste medonho espectáculo , e fugio depressa gritando = Na verdade isto he coisa terrivel , não ha valor que possa sustentar por hum instante a vista deste quadro assustador.

Assim morreo a 30 de Maio de 1758. Consumido, e ralado mais por seus proprios furores , que pelo pezo dos annos este homem de blasfemias , pai dos Sofistas conjurados contra o Altar , cúmplice , cabeça , e émulo de seus proprios discipulos conjurados contra o Throno. Julgá-rão estes que com Voltaire perdião tudo , mas ficavão-lhe suas armas em suas volumosas impiedades , e com effeito as velhacarias , e arteficios de D'Alembert podião mui bem supprir o genio , e o character do fundador da Seita.

A Junta secreta de París para a educação , e conventiculos dos campos , e aldêas , as correspondencias com as Justiças dos lugarejos lhe devem sua origem. Continuou a diri-

Morte de  
D'Alem-  
bert.

gir a Academia occulta, até que foi preciso ir comparecer diante do mesmo Tribunal de Deos a que Voltaire tinha sido chamado. Em Novembro de 1783 foi atacado da ultima enfermidade, e Condorcet temendo que seus remorsos não déssem aos Adeptos o mesmo spectaculo de retractações, se incumbio, e encarregou de o fazer invisivel, e incomunicavel. Quando o Cura de S. Germano se apresentou como Pastor para exercitar as funcções de seu ministerio, Condorcet veio á porta, e lhe vedou descaradamente a entrada, quem não dirá que era o Demonio que estava vigiando aquella preza? Apenas ella foi devorada, o orgulho de Condorcet trahio o seu segredo. D'Alembert tinha realmente sentido os mesmos remorsos que havião atormentado Voltaire. Estava determinado a recorrer ao ultimo meio de salvação que lhe restava, chamando os Ministros de Jesu Christo: Condorcet teve a ferocidade de comba-

ter, e destruir este ultimo arrepen-  
dimento. Toda a historia deste me-  
donho combate se lê naquella pala-  
vra de Condorcet, quando relatou  
as circumstancias da morte de D'A-  
lembert = *Se eu não estivera com  
elle, de certo virava a casaça.*

O mesmo Diderot, heroe dos Morte de  
Diderot.  
Atheos, foi, entre todos os conju-  
rados o que esteve mais proximo á  
verdadeira expiação de suas blasfe-  
mias: porém isto mesmo he hum  
mysterio que o orgulho dos Sofistas  
se apraz de envolver entre espessas  
sombrias, que a historia deve ras-  
gar, e dissentir.

Diderot tinha por Bibliothecario  
hum mancebo, que soube ganhar  
sua confidencia com os assiduos ob-  
sequios, e bons officios em sua ul-  
tima enfermidade. Aterrado hum  
dia com os symptomas que obser-  
vou curando as chagas do Filosofo,  
foi a toda a pressa dar parte a hum  
respeitavel Presbytero. O Abbade le  
Moine residia então na casa cha-

mada das Missões Estrangeiras na rua do arrabalde de S. Germano; com o parecer, e conselho deste Ecclesiastico entrou na Igreja, e começou a rogar a Deos lhe inspirasse o que devia fazer para a salvação de hum homem, cujos principios elle detestava, mas que não podia deixar de considerar como seu bemfeitor. Acabando sua Oração tornou a casa de Diderot, e no mesmo dia curando-lhe as chagas de que estava comido, lhe disse desta maneira =

» Senhor Vós me vedes hoje mais que nunca inquieto sobre vosso destino, não vos admireis, conheço quanto vos devo, vossos beneficios me fazem subsistir, e vós me honrais com huma confidencia que eu não podia esperar; custa-me ser ingrato, e sem dúvida, eu mereceria este nome, se eu vos encobrisse o estado de perigo em que vos contemplo, quando vejo os symptomas destas chagas. Vós tendes disposições que fazer, e sobre tudo precauções

que tomar relativas ao Mundo em que ides entrar. Sei muito bem, que sou hum mancebo, porém vós Senhor persuadis-vos que vossa Filosofia vos não deixa huma alma que deveis salvar? Eu não o duvido, e he impossivel que eu me lembre da sorte que espera o meu bemfeitor, sem que lhe advirta que procure evitar a desgraça eterna. Vede que ainda he tempo, e desculpai o aviso, que vos faz o meu dever, e a obrigação em que me constituem os vossos beneficios. ”

Diderot escutava enternecido este tocante discurso, e deixou escorregar algumas lagrimas; prometteo pezar o que acabava de ouvir, prometteo deliberar-se sobre o partido que devia tomar em huma situação, cuja importancia elle bem conhecia: o mancebo esperava com impaciencia o fim destas diliberações. O primeiro resultado foi conforme a seus desejos: foi dar parte a Mr. le Moine, que Diderot pedia hum Sa-



cerdote para se pôr em estado de comparecer diante de Deos. Le Moine lhe inculcou Mr. de Tersae, Cura de S. Sulpicio. Com effeito Diderot vio a Mr. de Tersae, e o vio muitas vezes, preparava-se para escrever huma retracção pública de seus erros, mas desgraçadamente os Adeptos vigiavão o seu Coriféo. Com o pretexto de não haver ainda proximidade de perigo, e que o ar do campo lhe seria mais favoravel, persuadirão-no que tentasse este recurso para se restabelecer. Occultou-se a sua ida, e os desgraçados, que o arrastavão, conhecião mui bem que sua vida não promettia já longa duração. Vigiarão-no de continuo, e não lo deixarão sem o vêr morto. Expirou-lhe nas mãos a 2 de Julho de 1784. E continuando depois a enganar o público os Adeptos Carcereiros, trouxerão em segredo seu cadaver para Paris, e espalharão o boato que a morte o co-lhêra estando á meza, e publicarão

por toda a parte , que o mais famoso Atheo morrêra tranquillamente , e sem remorsos no seio de seu atheismo. O público lhes deo então credito , e esta manobra da malicia , e perversidade seguio até ás portas do inferno a sua desgraçada preza , e servio para fortificar a impiedade daquelles , a quem o arrependimento de Diderot poderia ter conduzido aos caminhos da verdade.

Dos primeiros authores da conjuração contra Christo , só restava Federico II. Aborrecido , e enjoado com os Sofistas , nem por isso deixava de ser impio. Veria com a ultima indifferença cahir os Altares , mas não morreo sem prevêr , e conhecer que a quêda dos Altares trazia consigo a dos Thronos : assim como não morreo sem hum vivissimo pezar de ter contribuido para a sua ruina com a indiscreta protecção que deo aos Sofistas dentro em seus Estados. Occultárão-lhe sempre todos os principios do systema forma-

do contra aquella authoridade que elle conhecia indispensavel para a conservação da ordem pública , apezar disto , com sua natural penetração descobrio os projectos da sua igualdade , e liberdade democraticas : e vendo quanto havião lavrado em França estes funestos principios , não duvidou escrever estas memoraveis palavras = Representa-se-me Luiz XVI. como hum Cordeirinho cercado de Lobos velhos , *e feliz del-le se escapar das suas garras !* Em seus ultimos annos ainda conheceo melhor quantas desgraças se preparavão aos Póvos , e até á sua mesma Nação com estes principios , quando disse = Ainda que me custasse a mais illustre das minhas victorias , eu quereria deixar a Religião no estado em que a deixei quando sobi ao Throno = Desta maneira aquelle mesmo que tanto tinha protegido os Sofistas conjurados contra Christo , morreo com o bem fundado receio da sua conspiração

contra os Reis. Com tudo estes homens já tão formidaveis por sua funesta influencia na opinião dos Povos , não trabalhavão sós na ruina universal. Nos covis occultos dos Pedreiros Livres se tratava de mysterios conhecidos , havia muito no Club de Holbach. Esta he sem dúvida a parte mais interessante deste Tratado , he preciso fazer conhecer ao Mundo estes mesmos mysterios , para que o Mundo saiba donde sahirão milhões de braços , com que a Revolução Franceza ajudou as conspirações dos Sofistas da impiedade , que são os mesmos Sofistas da rebelião. Eu vou dar a conhecer ao público as diversas especies de Pedreiros Livres , fonte exuberante de todas as nossas desgraças ; e creia o mesmo público que são tirados ao natural os quadros que lhe vou offerer , sem exaggeração ; apparecerá a verdade núa , e he preciso desde já advertir que existe em Inglaterra huma especie de Mações , que em

nada se parecem com os nossos , e com os abominaveis Francezes. Esta Sociedade Ingleza he puramente filantropica , isto he , amiga da humanidade , e não acho entre nós com que a compare , senão com a respeitavel Irmandade da Misericordia , que he pela sua instituição hum dos mais illustres timbres da Nação Portugueza. Ora se o espirito não he o mesmo o que anima a Sociedade Ingleza , os fins , e os effeitos são iguaes , isto he , acudir aos miseraveis de toda a qualidade. Bem se vê que esta companhia não tem parentesco algum com a dos malvados Pedreiros Livres , como temos experimentado entre nós , e como vimos em França. Estas viboras tem derramado todo o veneno que he origem das universaes desgraças.

Até ao dia 12 de Agosto de 1792 os Jacobinos Francezes não tinham ainda datado os fastos de sua revolução senão pelos annos de sua pretendida *liberdade*. Neste dia Luiz

XVI. depois de quarenta e oito horas , declarado pelos Rebeldes decahido de todos os direitos ao Throno , foi conduzido prizioneiro , e cative ás torres do Templo. Neste mesmo dia a assemblea dos rebeldes declarou que á data da *liberdade* se devia ajuntar em todos os actos públicos a data da *igualdade*. Este mesmo Decreto foi datado desta maneira = *Quarto anno da Liberdade , e dia primeiro de Igualdade.* =

Neste mesmo dia , e pela primeira vez se rompeo o segredo tão estimado pelos Pedreiros Livres , e tão prescripto em seus covis com toda a religião do juramento mais inviolavel. Quando se leo pois o famoso Decreto , gritarão , ou uivárão estes lobos esfaimados , estes ladrões da tranquillidade , e socego público. = Eis-aqui chegada a nossa hora ! A França inteira se acaba agora de converter em huma Loja universal de Pedreiros Livres. O Universo inteiro será daqui a hum instante Pedreiro Livre. =



O Abbade Barruel , de cujos escritos vamos extrahindo estas memorias diz assim a pag. 131 de seu Resumo = Eu fui testemunha destes transportes , e eu escutei os Pedreiros Livres até alli tão circumspectos e reservados , eu escutei os mesmos *Veneraveis* das Lojas responder sem rebuço ás questões que os homens lhe fazião espantados de seu extraordinario contentamento = Sim , eis-aqui o grande objecto , o grande fim dos Pedreiros Livres conseguido. *Igualdade , e Liberdade* : todos os homens são iguaes , e irmãos , todos os homens são livres. Esta era toda a essencia do nosso Codigo , o termo de nossos desejos , e o nosso grande segredo. = Eu escutei de sua mesma boca esta declaração , e feita diante daquelles , a quem até alli chamavão os *profanos*. Já não pedião segredo , mas o dizião com tanto affinco , que mostravão querer , que toda a França o soubessê para gloria dos mesmos Pedreiros

Livres , e para que os reconhecesse como os verdadeiros authores de toda aquella revolução de igualdade, e liberdade, de que ella dava tão tocante exemplo ao Universo. =

Tal era com effeito o segredo geral dos Pedreiros Livres. Havia mais de quarenta annos que a primeira lição que se dava nestas lojas, ou covis, era a declaração expressa, e forma desta Igualdade, e Liberdade. Este era o grande Sermão, que se prégava sempre na Loja do *Grande Oriente* de Paris. Estas palavras *Igualdade, e Liberdade* são os termos que explicavão tudo, porém nem todos os Pedreiros Livres as entendião da mesma maneira. Para huns, a explicação destas palavras era hum segredo innocente, e para outros, era hum segredo monstruoso.

Muito antes da sua confissão pública. havia hum meio muito facil de conhecer, que a *Liberdade, e Igualdade* são o grande objecto des.

tas pestíferas associações , e diabolícos conventiculos. Mil vezes se lhes ouvia dizer , que elles erão todos iguaes , e irmãos , que em seus covis não havia nobres nem mecanicos , nem pobres , nem ricos , nem Vassallos , nem Reis. A maior parte de suas cantigas celebrava sem descansar esta Igualdade ; e esta Liberdade. A palavra *Irmão* na sua boca não queria dizer outra coisa mais que homens perfeitamente livres , e perfeitamente iguaes entre si. A Sociedade não queria dizer outra coisa mais que *Liberdade , e Igualdade*.

*Para dar aos Leitores huma idéa mais clara destes perversos mysterios , transcreverei aqui a confissão que de si mesmo faz o Abade Barruel , quando depois de grandes sollicitações se determinou a dar o seu nome a esta Seita.*

= „ **H**avia muito tempo que os Pedreiros Livres me importunavão , e sollicitavão para entrar na Congregação , e querião absolutamente que eu me alistasse ; sempre me neguei , até que elles tomárão o partido de me alistarem contra minha vontade. Fui convidado para jantar em casa de hum amigo , onde a Irmandade se devia ajuntar. Aquí foi onde eu me vi o unico *profano* no meio de tantos Pedreiros Livres.

Acabado o jantar , fôrão despedidos os creados , e se determinou a formação de huma Loja para me iniciarem: Eu persisti na minha constante negativa , dizendo-lhes que não era homem que dêsse hum juramento sobre hum segredo , cujo objecto me era inteiramente incognito. Dispensárão-me deste juramento , e a pezar disto , eu continuei a recusar-me. Mas elles con inuárão a dizer-me , que nenhum mal havia , nem se encontrava na Maçonaria , que a sua moral era excellente ; a que eu respondi , se não seria melhor a do Evangelho? Não me replicárão , e continuárão-a se formar em Loja ; e foi então que eu vi dar começo a todas aquellas momices , macaquices , e ceremonias pueris , que se achão descritas em diversos Livros maçonicos como *Joakim* , e *Booz*. Quiz evadir-me apenas vi este ridiculo apparatus , porém a casa era grande , os criados estavam prevenidos ; e as portas todas bem fecha-

dás. Não tive mais remédio que ficar *passivo*, e deixar continuar a comedia. Eu fui interrogado, e a tudo respondia sem poder conter o riso. Eis-me aqui declarado *aprendiz*, e pouco depois *companheiro*. De repente fui elevado ao terceiro grão; isto he *o* *Mestre*. Para me conferir este grão me levárão a huma grande sala; e foi aqui onde vi mudar a scenã, e tornar-se mais serio. Ainda que me dispensárão de questões insignificantes, e tediosas. Por muitas horas que eu não descobria em tudo isto mais do que brincos, puerilidades, e ceremonias burlescas, e chocárrices. Em fim chegou huma pergunta, que o *Veneravel* me fez com muita pausa, e gravidade: = Estais vós meu Irmão, e estais vós disposto, e determinado a executar todas as Ordens do Grão-Mestre da Maçonaria com *preferencia* a todas as ordens de hum Rei, de hum Imperador, e de outro qualquer Sobeirano? A resposta que lhe dei, foi



Não. O Veneravel espantado  
 replicou: Que coisa he Não? A-  
 casose ntrais em nossa Sociedade pa-  
 ra trahir, e publicar nossos segredos?  
 Não sabeis que não ha humão só de  
 nossas espadas, que não esteja promp-  
 to a traspassar o coração de qual-  
 quer traidor? Nesta mesma pre-  
 guntã, e em todas as igmeças, tie  
 tom serio que a acõmpañãvãõ obraing  
 da reu não descobria mais do que  
 hum brinco, e continueis a propositã  
 de negativamente, e accrescentando o  
 que facilmente se pôde imaginar.  
 Não ha coisa mais galante que bu  
 vossa supposiçãõ, e como possibieu  
 trahir vossos segredos. E se eu fui aqui  
 trazido por força, e até agora ain-  
 da não escutei segredo algum, e se  
 para os saber he precisa a promessã  
 de obediencia a hum homem que eu  
 não conheço, e de se os interesses de  
 Maçonaria podem comprometter al-  
 gum dos meus deveres. A Deus meus  
 Senhores supãinda he tempo, e eu  
 nada sei de vossos mysterios, por

vos seguro que nada me importa saber.

O *Veneravel* teimou ainda aterrando-me de novo, mas eu insistia sempre, e retrucava; *Não*, e continuei = serem vossos mysterios se encerra coisa contraria á consciencia, e á honra; vós conhecereis então quem eu sou, e sabei que não me escutareis outra palavra; que não seja o meu eterno *Não*.

A' excepção do *Veneravel* a capataz, toda a régua dos outros irmãos permanecia silenciosa. Lá no seu coração não deixarião de rir desta scena; mas cada vez se tornava mais séria entre mim, e o *Veneravel*. Multiplicava as perguntas a ver se me arrancava hum *Sim*. Eu estava estafado, e tinha os olhos tapados, arranquei o lenço, e atirei com elle ao chão; e batendo o pé na casa, the retornei; *Não* com toda a força, e efficacia da impaciencia. Aqui foi que a loja toda bateo as palmas em sinal de applauso geral. O *Venera-*

*vel* mudando de tom, começou de elogiar a minha constancia, dizendo = heis-aqui a gente que nós faz conta, homens de caracter, e que sabem ser firmes. Ao que eu respondi = Quantos tem suas mercês achado, que resistão as suas bravatas? Todos os que aqui estão derão hum redondo *Sim* ás questões que se me fizerão. Por isso eu digo que em vossos mysterios ha coisa contraria ao dever da honra, e da consciencia. Este tom decisivo, que eu tinha adoptado, interrompeo a ordem do Parlamento Maçonico, e os Irmãos se chegarão a mim dizendo-me, que eu tomava as coisas muito á letra, e em hum ar muito sério, mas que a pesar de minha teimosa resistencia, eu não deixaria de ser admittido. Com effeito levárão a sua para diante, derão-me a senha, e o passe para o terceiro gráo, como o havião feito para os dois primeiros. Ainda mesmo neste gráo eu não pude penetrar o segredo, porém dis-

serão-me, que se eu o queria saber quem assistisse á recepção de algum Irmão em huma loja regular. Prometti assistir ás suas Sessões regulares com tanto que se me não fallasse de juramento, assim o prometterão, e desempenhárão a sua palavra. Sómente quizerão que assinasse o meu nome na lista, que se costumava mandar ao Grande Oriente, isto mesmo não quiz eu fazer pedindo-lhe tempo para deliberar.

Chegou o dia marcado para a recepção de hum noviço, fui avisado, e deixo de descrever as ceremonias, e provas desta recepção; porque na verdade tudo me pareceo verdadeiro brinco de rapazes; só posso dizer que tudo quanto se conta na *Chave dos Mações*, em seus Catecismos, e outros Livros desta especie, he a mesma verdade sem discrepância, ao menos pelo que pertence aos tres grãos que eu recebi, e vi conferir a outros.

O artigo mais importante para

mim, era penetrar, e saber, com certeza o grande segredo da Maçonaria: Chegou o momento em que o admittido teve ordem de se chegar ao *Veneravel*: então todos os Irmãos, que estavam com as espadas nuas nas mãos, se formárão em duas alas cruzando as espadas daquelle maneira, a que os Pedreiros Livres chamão *— a abobeda de aço*. O noviço passou por baixo desta abobeda, e chegou a hum especie de Altar levantado sobre degrãos no topo da Loja. O *Veneravel* sentado em hum ganapé levantado como hum Throno por detrás do Altar, lhe recitou hum comprida arenga sobre a inviolabilidade do segredo, e que se lhe havia confiado, sobre o perigo a que se expunha se quebrantasse o juramento que hia dar, mostrando-lhe as espadas promptas para atravessarem os traidores, protestando-lhe que não escaparia ao golpe da vingança. O recipiendario jurou, que queria que lhe varassem o co-



ração, que lhe cortassem a cabeça, que lhe arrancassem as tripas, e que depois de muito bem morto o queimassem, e que lançassem as cinzas ao mar e ao vento, se elle faltasse á fé jurada. (Quem vio jámais enfiada de horrores, e de parvoicés semelhantes?) Acabada a protestação, o *Veneravel* lhe disse estas palavras, que eu conservo bem na memoria, que tal era a ancia com que eu as escutava: = Meu amado Irmão o segredo dos Pedreiros Livres consiste nestas palavras, = *Igualdade, e Liberdade; todos os homens são iguaes, e livres; todos os homens são irmãos.* O *Veneravel* não disse mais nada, e seguiu-se a cêa Maçonica.

sup Ao principio não pude deixar de rir, e de dizer aos Irmãos, que se este era o grande segredo dos Pedreiros Livres, havia muito tempo que eu sabia este segredo. Com effeito se, por estas palavras lise entendi de que os homens não nascêrão pa-



ra ser escravos, mas para gozar de huma verdadeira liberdade debaixo do imperio das Leis, e se por igualdade, se quer dizer, que sendo todos filhos de hum pais commum, de hum mesmo Deos, os homens se devem amar, e ajudar mutuamente como irmãos, e via muito bem que não tinha necessidade de ser Pedreiro Livre para aprender estas verdades, que eu achava muito melhor no Evangelho, que nestes brincos de crianças. Pêlas respostas que me derão conheci que a maior parte dos que alli estavam assim o entendia, não querendo penetrar mais, e contentando-se com as banqueradas em que de ordinario acabavão estas scenas em apparencia ridiculas. Porém em fim chegou o tempo, em que os espiritos se virão mais dispostos para o conhecimento interior deste segredo, e foi então que os Pedreiros Livres fizeram de huma innumeravel multidão destas Lojas, verdadeiros viveiros do Jacobinismo.

Havia annos que eu estava iniciado nestes primeiros grãos: eis que rompe a Revolução Franceza. Em todas as minhas conversações com muitos Pedreiros Livres, me foi facil conhecer todo o pendor filosofico para huma igualdade, e liberdade desorganizadoras, que fazia ha muito tempo o objecto das producções dos nosos Sofistas. Eu tinha além disto, estudado, e aprofundado bastantes Livros Maçonicos, e cheguei em fim a comprehender, que a ultima explicação desta igualdade, e liberdade não era mais que a abolição, e proscricção de todas as Leis Religiosas, e hum odio jurado ao governo Monarquico. Isto mesmo communiquei eu a alguns Pedreiros Livres, que eu reputava homens de bem, e me confessarão que eu tinha razão, e que elles mesmos tinham observado coisas que os fazião persuadir do que eu lhes dizia. Com tudõ enre estes homens existia hum, que resistia for-

temente ás minhas reflexões, que me julgava preocupado, e possuido de hum enthusiasmo, que me obrigava a julgar verdadeiras as minhas reflexões. Tivemos la este respeito contestações muito sérias, e em fim eu desejava persuadillo que elle confessou que ainda restavão mysterios na Sociedade, que elle não comprehendia, e cuja explicação se lhe havia negado até alli, mas sempre teimando que estes mesmos mysterios não terião differente explicação da que tinhão os hyeroglyphicos do Compasso, da Esquadria, da Trolha, e da outra salgalhada da Maçonaria. Eu sabia muito bem, que só hum passo lhe restava para entrar no conhecimento dos mysterios ulteriores, e para chegar ao grão, em que lo vêo se lhe rasgasse. Elle mesmo desejava muito saber o que isto poderia ser, até para me atacar depois, e mostrar-me a injustiça das minhas preoccupações contra os Pedreiros Livres. Poucos dias erão passados,

eis-que o vejo entrar em minha casa em hum estado, que só seus mesmos discursos podem dignamente pintar. = Ah! (gritava elle.) Ah meu amigo, meu amigo! Vós tinheis razão! Vós dissestes a verdade! Onde estava eu mettido! Ah! Meu Deus, onde estava eu mettido!.. Eu não percebia assás estas interjeições; mas elle estava tão suffocado, que quasi não podia continuar. Sentou-se como affrontado, e desfalecido, repetindo com tudo, de espaço a espaço: = Onde estava eu mettido! Ah! Meu amigo, agora vejo que tinheis razão! Eu queria que me explicasse com miudeza o que tinha visto, e ouvido, mas elle sómente me tornava: = Tendes razão, tendes razão. He isto he tudo o que eu vos posso dizer. Desgraçado, lhe tornei eu então, eu vos peço perdão, vós acabais de dar hum juramento execravel, e eu mesmo vos induzi, e vos persuadi esta acção. Porém crede, que nunca me passou

pela lembrança tão atroz juramento. Conheço que era melhor ignorar o fatal segredo , que adquirillo a hum semelhante preço.

Tinha então começado a Revolução Franceza , este novo Adepto tinha já perdido seus bens , perdendo seus empregos , com tudo elle me disse que podia bem reparar este golpe da Fortuna , se quizesse aceitar o que se lhe propunha. Se eu quizer , disse elle , transportar-me a Londres , a Bruxellas , a Constantinopla , ou outra qualquer Cidade , nem minha mulher , nem meus filhos , nem eu , temos necessidade de mais nada. Sim , lhe tornei eu , porém com a condição de irdes pregar a *Igualdade* , e *Liberdade* , e toda a Revolução = He verdade disse , e eis-aqui tudo o que eu posso dizer-vos. Ah meu Deos , onde estava eu mettido ! Não me perguntaes mais nada !

Bastava unicamente a affectação do segredo sobre estas primeiras pa-



lavras dos Pedreiros Livres = *Igualdade*, e *Liberdade* para se conhecer que ellas têm huma explicação, ou interpretação. Aque a Seita devia occultar aos homens de Estado, e aos Chefes da Religião. Eis aqui para que se exigião, e praticavão tantas provas, tantos juramentos para se chegar ao conhecimento intimo do ultimo mysterio dos Pedreiros Livres.

Ora para dar ao Leitor huma idéa cabal destas verdades, eu vou expôr a historia allegorica que se explica pela exposição destes ultimos, e recatados segredos. Esta historia he a mesma que se conta ao iniciando, o quando se lhe confere o gráo de Mestre Pedreiro Livre. A Loja em que se confere este gráo está armada de preto, no meio da casa está hum túmulo levantado sobre degrãos, e coberto com hum panno de Eça; os Irmãos estão sentados á roda de wizeira cáhida, e aspecto melancolico. ( he esta huma das en-



camisadas mais ridiculas aos olhos do homem de sizo, e capazes de fazerem rir hum prezo do limoeiro.) Quando o Adepto he admittido, o *Veneravel* lhe conta a seguinte Historia (bem capaz de fazer adormecer huma creança.)

Adonirão, escolhido por Salomão para pagador dos Officiaes de Pedreiro, de Carpinteiro, e de Cantreiro, que trabalhavão no Templo, tinha humerblo, ou folha, de tres mil, e para dar a cada humo o jornal que lhe pertencia, tinha dividido em tres classes, a 1.<sup>a</sup> Aprendizés, a 2.<sup>a</sup> Companheiros, e a 3.<sup>a</sup> Mestres. Deo a cada huma destas classes huma Senha, e lhe ensinou o modo por que se deviã tocar para serem conhegidos. Cada huma das classes devia conservar em muito segredo esta Senha, e estas garatujas para serem distinctos os individuos. Tres companheiros querendo possuir esta Senha, para cobrarem o jornal de Mestres, se escondêrão

no Templo q' he se postação depois  
cada hum reoffisua diferente porta;  
Achoval, cimgue Adonirão costuma  
nao fechar o Templo q' o primeiro  
companheiro que elle encontrou. He  
pedio que he tivesse a senha de Mes-  
tre; e Adonirão, não estando pelos  
autos o levou na cabeça huma gran-  
de pancada com hum sarrafo; e que-  
rendo fugir por outra porta, elle  
fez vir outro companheiro a mesma  
pergunta e o fello arrimou pelas cos-  
tellas e huma o grande arrocada com  
huma regoa e quiz fugir pela outra  
porta, teve o mesmo encontro, com  
a differença que loo companheiro o  
colheo com hum canatello por hu-  
ma fonte q' que o estirou redondamen-  
te no chão: motto que foi, os tres  
assassinos se enterrão debaixo de  
huma grande montez de enulho e  
hempozão vem cimdinhã grande  
famo de Acacia q' para se conhecer  
o lugar onde oinhão enterrado occa-  
daverid. A ausencia de Adonirão fez  
desesperada Salomão, e os Mestres

Pedreiros, foi buscado por toda a parte, em fim hum Pedreiro achou o seu cadaver, e pegando-lhe por hum dedo, o dedo se lhe despegou da mão; pegou-lhe pelo pulso, e o pulso se despegou do braço. Espantado o Pedreiro, gritou = Mac-Benac = que significa, segundo a interpretação dos nossos Pedreiros = A carne deixa os ossos = Temendo todos que Adonirão não houvesse revelado a Senha, todos os Mestres Pedreiros convierão sem falta mudar, substituindo-lhe as palavras = Mac-Benac = o palavras veneraveis que os Pedreiros Livres já mais pronúnciao fóra das Lojas. no os lio  
 Acabada esta ridicula historia o Adepto, fica sabendo, que o seu maior cuidado daquelle dia em diante deve ser buscar a palavra perdida por Adonirão, e vingara a morte deste martyr do segredo Maçonico. Muitos Pedreiros não descobrem neste conto nada de carochinha, e mais que hum historia fabulosa da

ultima ridicularia , e com todo o = Mac-Benac = não se embaração com ulterior indagação do formidavel segredo. Porém o momento em que estas ninherias se tornão mais sérias he o da iniciação ao gráo de = Escolhido = Este gráo tem duas partes , huma se applica á vingança de Adonirão , que se começa agora a chamar = Hirão , = e a outra he a indagação da palavra , ou da doutrina sagrada , que ella exprimia , e que foi perdida.

Neste gráo todos os Irmãos apparecem vestidos de preto , e trazem a tiracolo do lado esquerdo hum papelão , em que está pintada huma caveira , dois ossos , e hum punhal , e á roda esta divisa = Vencer , ou morrer = Tudo respira morte , e vingança no uniforme , e na catadura dos Pedreiros nesta occasião. O Aspirante he conduzido á Loja com os olhos tapados , e com humas luvas salpicadas de sangue. Hum Adepto com hum punhal na mão o amea-

ça de lhe varar o coração para castigar o crime de que elle he accusado. Depois de muitos terrores , se lhe perdoa a morte , promettendo o Réo que presente está , vingar o Pai dos Pedreiros Livres , matando o seu assassino. Mostra-se-lhe depois huma caverna sombria , e he preciso que elle entre , e os amigos de fóra lhe bradão que mate tudo quanto lhe resistir , que se defenda , e que vingue o *Mestre* porque só desta arte póde ser admittido ao gráo de Escolhido. Levando pois o punhal na mão direita , e huma lanterna na esquerda , entra , encontra hum Fantasmão , e ouve huma voz que lhe diz = Crava esse punhal , mata , que esse he o assassino , vinga o nosso Mestre Hirão = O iniciado dá a facada , o Fantasmão cahe , o sangue corre , e a voz continúa a dizer-lhe = Corta a cabeça a esse assassino. Eis a cabeça do cadaver se acha aos pés do Iniciado , pega-lhe pelos cabellos , e vem

com ella em triumpho mostrando-a á cada hum dos irmãos, e he por isto julgado digno de ser Escolhido.

Neste passo o Adepto se achava feito Pontifice, e sacrificador com todos os seus irmãos. Revestidos dos ornamentos sacerdotaes, offercem pão, e vinho, dizem elles segundo a ordem de Melchisedec; o objecto desta cerimonia he estabelecer a Igualdade Religiosa, e mostrar que todos os homens são igualmente Sacerdotes, e Pontifices, chamando desta maneira todos os Pedreiros Livres á pertendida religião natural, persuadindo-lhes que a religião de Moisés, e de Jesu Christo pela distincção que fazem de Sacerdotes, e Leigos, violarão os direitos naturaes da Igualdade, e Liberdade Religiosa. Houve mister que apparecessem todos os crimes, todos os attentados da Revolução, para que alguns Adeptos confessassem que tinham sido logrados com a apparencia da atrocidade destas tão ridicu-



las como sacrilegas ceremonias praticadas neste gráo de Escolhido.

O Pedreiro Livre, cujo zelo não afroxava depois de ter passado por estes tenebrosos exames, e infamissimas provas, passava ordinariamente aos tres grãos da Maçonaria Escocesa, e nelles sabia, que em qualquer estado, em que até alli haja existido, fôra hum estado de perfeita escravidão. Por este motivo não he admittido á presença dos Irmãos, senão com huma corda ao pescoço pedindo encarecidamente que lhe desatem os laços. He preciso que elle se apresente em huma aptitude mais humilde ainda, quando do segundo gráo de Mestre Escocez quizer subir ao terceiro, a que os Pedreiros Livres chamão Cavalheiro de Santo André. O Irmão que aspira a esta honra he mettido em hum quarto bem fechado. Aqui se lhe deita ao pescoço huma corda com quatro noz corrediços, he estendido no meio do chão á luz de huma lanterna, e

aqui o deixão só para meditar sobre a escravidão a que ainda está reduzido, e para aprender a conhecer o preço da liberdade. Hum dos irmãos chega em fim, péga com huma das mãos na ponta da corda, e tendo na outra huma espada desembainhada em acção de lha enterrar até aos copos, o ameaça, se elle se atrever a oppôr a menor resistencia. O Candidato não he declarado livre, se não depois de ter passado por hum sem número de perguntas, e sobre tudo depois de ter jurado pela salvação da sua alma, de não revelar jámais os segredos que lhe forem confiados. He coisa inutil fazer aqui menção de todos estes juramentos. Cada gráo tem seu juramento particular, e todos elles são terriveis, e espantosos. Todos sugeição o Aspirante á mais terrivel vingança, ou de Deos, ou dos homens.

No primeiro gráo de Cavalleiro Escocez o Adepto sabe que he elevado á dignidade de supremo Sacer-

dote : recebe huma especie de benção em nome do Immortal, e Invisivel Jeóva. A Sciencia Maçonica lhe não he dada ainda senão como a de Salomão, e de Hirão renovada pelos Templarios ; mas no segundo grão se lhe ensina, que ella tem por Pai o mesmo Adão. Este primeiro homem, e depois Noé, Nembrod, Salomão, Hugo de Paganis, fundador dos Templarios, e Jaques Moley, seu ultimo Grão-Mestre, se fizeram os grandes sabios da Maçonaria, e os favorecidos de Jeóva. Em fim no terceiro grão se lhe mostra, que a famosa palavra por tanto tempo esquecida, e perdida desde a morte de Hirão, era o nome de Jeóva. Ella foi achada, dizem elles, pelos Templarios por occasião de huma Igreja que os Christãos querião edificar em Jerusalem. Cavando a terra naquelle lugar em que existira o Templo de Salomão, se descobrirão tres pedras que servirão de fundamento ao antigo Tem-

plo. A forma ; e a união destas tres pedras prendêrão a attenção dos Templarios. Cresceo ainda mais seu assombro quando virão o nome de Jeóva gravado na ultima. O respeito que este nome lhes inspirou tornou este monumento precioso. As tres pedras forão secretamente transportadas para Escocia. Os Cavalheiros do Templo fizerão dellas o alicerse da primeira Loja. Seus herdeiros , successores do segredo são hoje em dia os Mestres perfeitos da Maçonaria , e os Summos Sacerdotes de Jeóva.

Ora não he muito difficultoso advinhar este segredo. Reduz-se a ver em o *Mestre Escocez* , o Summo Sacerdote de Jeóva , quer dizer da Religião do Deismo , que fôra successivamente a de Adão , Noé , Nembrod , Salomão , e a dos Cavalheiros do Templo , e que deve ser hoje a unica Religião perfeita do Mestre Pedreiro Livre. ( Veção-se = Os grãos dos Mestres Escocezes impressos em Stockolmo , an. de 1784.

Os Pedreiros Livres Escocezes , que houvessem penetrado bem o sentido das ceremonias , e dos juramentos , se podião considerar como livres , e Sacerdotes da Religião natural. Este Sacerdocio os livrava de todos-os mysterios do Evangelho , e de toda a Religião revelada. Com tudo he preciso confessar , que muitos destes Pedreiros Livres não chegavão a penetrar o sentido interior de toda esta iniciação , e por isto havia outros grãos destinados para se introduzirem pouco a pouco no conhecimento dos ultimos mysterios. Restava dizer-lhes , que esta famosa palavra de Jeóva tinha sido roubada por aquelle que havia abolido o culto do Deismo. Este era o objecto , e a materia de hum novo grão , dividido em outros grãos chamados de Rosa Cruz. Neste grão tudo muda de côr , e de tom , e tudo he relativo ao Author do Christianismo sacrificado sobre o Calvario. As paredes da casa , em que se conferia

este gráo estavam armadas de baeta preta , e no fundo havia hum Altar , e por detrás hum véo transparente que deixava ver tres cruces , e a do meio se distinguia pela inscripção ordinaria dos Crucifixos. Os Irmãos com paramentos sacerdotaes estavam sentados no chão em silencio profundo , com ar triste , e afflicto , e com a cabeça recostada na mão , em sinal de dor , e consternação.

Na abertura da Loja , o Presidente perguntava ao Irmão , primeiro espião , que horas são ? A resposta era concebida nestes termos = He a primeira hora do dia , e o instante em que o véo do Templo se rasgou , em que as trévas da consternação se espalharão pela superfície da terra , em que a luz se obscureceo , e em que *as ferramentas dos Pedreiros Livres se quebrarão.* ( Quem vio tamanho excesso de demencia , de impiedade , e de desaforo ? ) em que a estrella resplande-



cente desappareceo , em que a pedra cubica se fez em migalhas , e em que se perdeu a Palavra. ” =

O Adepto que tem seguido na Maçonaria os progressos de seus descobrimentos , não tem necessidade de novas lições para perceber a essencia destas palavras. Vê muito bem que o dia em que a palavra = Jeóva = se perdeu , he precisamente o dia em que J. C. Filho de Deos morreu pela salvação dos homens , consummou o grande mysterio da Religião Christã , e destruiu toda outra qualquer Religião , ou Judaica , ou Natural , ou Filosofica. Quanto pois hum Pedreiro Livre permanecer mais apegado a esta pertendida Religião natural , mais saberá detestar o Author , e consummador da Religião revelada , por isto a palavra que elle encontrou nos grãos superiores , não he o objecto das indagações deste novo grão que recebe , e para o habituar á blasfemia , ao ao horror , e desprezo contra o

Deos do Christianismo, começa este ridiculo dialogo entre o *Veneravel*, e o Adepto = De que paiz he sua mercê? R. da Judea = Porque Cidade passou? Por Nazareth = Quem foi o seu Conductor? Rafael = De que Tribu descende? De Judá = Ora de-me cá as quatro létras iniciaes destas palavras. = J. N. R. J. = Meus irmãos, grita então o *Veneravel*, achou-se a palavra. Seja dada a luz ao nosso carissimo Irmão; e todos lhe devem dar os parabens. Toda a Loja retine em applausos por este importante descobrimento. Em que consiste pois este descobrimento? Em dar á palavra J. N. R. J. huma interpretação, que não faz de J. C. mais que hum Judeo ordinario, conduzido por outro Judeo, chamado Rafael, á Cidade de Jerusalem, para ser punido de seus crimes. Neste sentido pois, a palavra J. N. R. J. se torna a palavra estimada pelos Rosa Cruz. Esta explicação, e tu-

do quanto della resulta contra a Religião Christã , teria scandalizado hum grande número de Adeptos , e por isto não he revelada a toda a cáfila dos iniciados. Quando os *Veneraveis* descobrião em alguns os sentimentos de homens honrados , ( porque esta canalha só admittia aos ultimos mysterios os maiores patifes conhecidos ) dizião-lhes que tudo isto era huma convenção feita entre os antigos Christãos para conservarem a memoria do mysterio da Paixão , em os tempos das perseguições. Só a suprema classe dos Rosa Cruz possuia a verdadeira explicação da palavra = J. N. R. J. e da blasfemia que a Seita lhe havia anexado. Para estes perros , e verdadeiros ladrões do socego público , Jesu Christo não era mais que o destruidor da Religião natural , que elles procuravão estabelecer no Mundo. Elles se devião ainda reunir hum dia ás ordens do seu Grão Mestre , e conquistarem a Ilha de Malta ,

(que disparates!) para a fazerem o berço da Religião natural, vingando a destruição dos Templarios com a destruição dos Cavalheiros Maltezes, que tinham herdado seus bens. Ora o Filosofismo do nosso Seculo temendo que todas estas impiedades não chegassem ainda, e não bastassem para formar os verdadeiros Pedreiros Livres, inventarão mais grãos, entre os quaes se distingue sobre tudo o grão, a que elles chamão = De Cavalheiro do Sol. =

Chegando a este grão, he impossivel dissimular quanto o Codigo Maçonico seja incompativel com os menores vestigios do Christianismo. Neste grão o *Veneravel* toma o nome de Adão, e o Adepto toma o nome de = Verdade = Este Adepto = Verdade = he nesta occasião o introductor, e eis-aqui as lições que elle dá ao iniciado, recapitulando todos os Emblemas que até alli tem visto na Maçonaria desta maneira. =

„ = Sabei desde já, que os tres primeiros móveis, que tendes visto taes como a Biblia, o Compasso, e a Esquadria = tem huma occulta significação, que vós ainda não comprehendeis. Pela Biblia he preciso que entendais, que não tendes outra lei mais que a de Adão, que o Eterno tinha gravado em seu coração. Esta Lei, he a que se chama *Lei natural*. O Compasso vos diz, que Deos he o ponto central de todas as coisas. Pela Esquadria se nos descobre, que Deos fez todas *as coisas iguaes*. A *pedra cubica* vos diz, que todas as vossas acções devem ser iguaes, relativamente ao summo Bem. Se me preguntais quaes sejam as qualidades de hum Pedreiro Livre para chegar ao centro do Summo Bem, responder-vos-hei, que para isto he preciso ter esmagado a cabeça da Serpente da ignorancia mundana, ter sacodido o jugo das preoccupações da infancia a respeito dos mysterios da Religião

dominante do paiz, em que se nasceo. = Todo o Culto Religioso não foi inventado, senão pela esperança de commandar, e de occupar o primeiro lugar entre os homens. = Eis-aqui, meu carissimo Irmão, o que he preciso saber combater, eis-aqui o monstro debaixo da figura de Serpente, que he preciso exterminar. Eis-aqui a pintura fiel daquillo, que o cégo vulgo adora, e respeita com o nome de Religião. Foi o profano, e cobarde Abiron, que se tornou por hum zelo fanatico o instrumento do rito monacal, e religioso, descarregando os primeiros golpes na cabeça de nosso pai Hirão, isto he, que solapou os fundamentos do Celeste Templo, que o Eterno tinha levantado na terra á sublime Virtude. A primeira idade do Mundo foi testemunhá disto que vos digo. A Lei mais simples da Natureza fazia de nossos pais, os homens mais ditosos.

O monstro do orgulho appare-



ceo na terra, levantou a frente, e se fez ouvir a todos os homens felizes daquelle tempo; prometteo-lhes a felicidade, dizendo-lhes com palavras assucaradas, que era preciso dar ao Eterno hum culto mais visivel, e mais extenso, do que aquelle que até alli se lhe tinha dado no mundo. Esta Hydra de cem cabeças enganou, e ainda engana os homens, que vivem debaixo de seu imperio, e os enganará até ao momento, em que os escolhidos apparecerem para a combater, e destruir inteiramente.

Lições tão impias não tem necessidade de reflexão. Conhece-se com evidencia que se encaminhão a fazer dos Adeptos os mais declarados inimigos da Religião revelada. Em fim nas ultimas Lojas o gráo de *Kadosch* vinha ao mesmo tempo consummar no coração dos Adeptos o odio dos Altares, e dos Thronos. A este gráo tinha sido promovido o Adepto de que acima fallei, nem me admiro do estado de abatimento

a que elle estava reduzido ; era hum resultado das provas , por que tinha passado. Alguns Adeptos do mesmo gráo me disserão depois , que não havia recurso nos meios fysicos , que não havia fantasmas , nem terrores , de que não lançassem mão para aterrar o animo , e provar a constancia do Aspirante. Mr. Monjoie nos falla de huma escada , por que fizeram subir o Duque de Orleans , obrigando-o depois a precipitar-se do ultimo degráo. Esta foi a sua prova , elle a deo , mas tinhão-se tomado as precauções necessarias para o colherem sem damno. Imagine-se hum profundo subterraneo , hum verdadeiro abysmo , donde se eleve huma torre até ao ultimo fastigio da Loja. Ao fundo deste abysmo he conduzido o Iniciado , por meio de subterraneos , onde tudo o que se encontra inspira horror , he fechado no fundo , prezo , e muito bem amarrado. He deixado nesta situação , e pouco a pouco se sente levantado

por meio de máquinas , que fazem hum motim medonho , sobe lentamente suspenso desde o fundo destes pozos tenebrosos , e sobe muitas vezes horas inteiras , recabe de repente ; como se não estivera suspenso em seus laços. Em muitas occasiões he preciso sobir , e tornar a descer entre as mesmas angustias , e guardar-se bem de exhalar hum só ar , hum unico gemido , que indique a menor perturbação ; ou susto. Esta descripção apenas dá a conhecer huma parte das provas , de que nos fallão homens que as tem dado protestando que lhes he impossivel fazer de todas huma exacta descripção , e fiel pintura , porque perdem os sentidos a ponto de não saberem onde existão , que lhes são precisos alguns cordiaes , ou confortativos , que ainda que lhes restituão as forças , lhes não deixão a faculdade de reflectir. Isto basta , e a consequencia destas provas he fazer do iniciado hum verdadeiro assassino.

A ultima scena desta Tragedia atrocissima, he pôr-lhe ante os olhos tres bonecos, que representam o Papa Clemente V., o Rei Philippe formoso, e o Grão Mestre de Malta. As cabeças dos tres bonecos estão cobertas com as insignias da sua dignidade. He preciso que o desgraçado fanatico jure odio, e morte a estas tres cabeças proscriptas fallando com os seus successores. Mandão-lhe que corte estas tres cabeças, que são como no grão de *Escolhido*, ou verdadeiras, se as podem encontrar, ou cheias de sangue, se a coisa não he mais que huma representação, clamando = Vingança, Vingança. = Depois desta prova atroz, o Iniciado pega nestas cabeças ensanguentadas, corre com ellas a Loja, em que estão reunidos os Adeptos, apresenta-as ao que faz de Presidente, gritando = *Nekon*, eu os matei. = Depois disto he admittido ao ultimo juramento. Eu opvi a hum dos Adeptos, que no instante de dai

este juramento estava diante d'elle hum Adepto com huma pistola na mão , ameaçando-o com a morte , se o horror do seu crime o obrigasse a suspender-se ; e perguntado este homem , se com effeito acreditasse por verdadeiro o ameaço , respondeu , ainda que o não acreditasse , ao menos não deixei de temer que se realizasse. Em fim o véo se rasga , e o Adepto conhece , que a verdade não lhe tinha sido descoberta senão em parte , que esta Liberdade , esta igualdade , de que se lhe tinha fallado na sua entrada na Maçonaria , consistia em não conhecer superior algum na terra , e a não devisar nos Reis , e nos Pontifices mais do que homens iguaes aos outros homens , que não tem outro direito no Throno , ou no Altar , mais do que aquelle que o povo lhes tem querido dar , e que este mesmo povo o lho pôde tirar , quando muito bem quizer , que o ultimo dever de hum Pedreiro Livre suppe que quer lê-

vantar Templos á Igualdade , e á Liberdade , he procurar libertar a terra deste duplicado flagello , destruindo todos os Altares , que a credulidade , e a superstição levantá-rão , e todos os Thronos , ondé se não vêm sentados mais que Tyrannos , que dominão sobre escravos.

Desta arte se consummão todos os mysterios das ultimas Lojas de Pedreiros Livres. A sua marcha he lenta , e complicada , mas quão profundamente estão descombinados , e como cada gráo conduz directamente ao fim da Revolução ! Desde o primeiro gráo de Aprendiz , vai o Adepto dando successivos juramentos , e cada vez mais atrozes. O ultimo gráo , he o de *Kadosch* , e neste he o Adepto constituido o assassino das Leis , e dos Pontifices para vingar a morte do Gráo Mestre Mollay da ordem dos Pedreiros Livres , successores dos Templarios. A Religião que se deve destruir para achar a pertendida palayra de verdade , he



a Religião Christã , e todo o Culto fundado sobre a Revelação. Esta palavra em toda a sua extensão he a Igualdade , e a Liberdade , que se deve restabelecer pela extincção de todos os Monarchas , e abolição de todos os Cultos.

Esta Liberdade , e Igualdade , désorganizadora , e destruidora de todas as authoridades , ha mais de meio Seculo , era o objecto , e o emprego dos Pedreiròs Livres mais adiantados na participação dos ultimos mysterios. E eis-aqui o motivo , por que esta Seita deve ser considerada como conspiradora. Esta era a doutrina mais especialmente propagada nas Lojas , e foi ella a que dispòz primeiro em França , e depois em quasi todo o resto da Europa Legiões de Adeptos que secundassem , e ajudassem a Revolução Françeza. Houve mister muito tempo para que a Seita fizesse prevalecer seus principios sobre todos os Irmãos ; e teria achado bem poucos , se o Fi-

losofismo do Seculo não os dispozes-  
se para tudo o que seus antigos mys-  
terios tinham mais contrario ao res-  
peito da Religião , e das Leis. A  
Conspiração dos Sofistas tinha inun-  
dado o Universo de producção san-  
ti-christãs , e anti-realistas , e por  
isto foi facil aos Adeptos inspirar ao  
commum de seus discipulos todo o  
espirito de sua Igualdade , e de sua  
Liberdade desorganizadoras. Os mes-  
mos Sofistas entráram em grande nú-  
mero nas Lojas , e então se virão  
na mesma linha os Adeptos de Hol-  
bach , e os Adeptos da Igualdade.  
Em huma , e outra conspiração ha-  
via o mesmo odio contra Christo ,  
e contra os Soberanos. Só faltava  
aos Sofistas de Holbach braços , e  
ferros que lhes podião fornecer o re-  
gime das Lojas dos Pedreiros Li-  
vres.

A' frente deste regime em Fran-  
ça havia huma Junta geral denomi-  
nada = O grande Oriente = de-  
baixo das apparentes ordens de Grão

Mestre, mas effectivamente governada pelos profundos Adeptos, e que servia de ponto central da correspondencia das Lojas. Esta fatal Junta era ao mesmo tempo o Tribunal, e o Conselho supremo, cujas ordens não podião ser violadas, sem que os transgressores incorressem na pena de perjuros. Junto a este Tribunal residião os Enviados, e Deputados das Lojas espalhadas por diversas Cidades, encarregados de lhes transmittir as ordens, e de as fazer executar. Cada Loja tinha seu Presidente com o titulo de *Veneravel*, cuja obrigação era fazer executar as Leis do Grande Oriente, e dispôr os Irmãos para a observancia destas mesmas Leis. Todas as instrucções erão transmittidas em huma lingoagem enigmatica, ou por huma cifra especial, e por caminhos occultos. Cada huma das Lojas mandava todos os seis mezes as suas contribuições para a manifestação desta Junta Central. As que não existiãõ debaixo da

inspecção do Grande Oriente , tinham seu governo especial debaixo da inspecção de huma Loja Mãe , que tinha o seu Grão Mestre , e conservava suas correspondencias. Todas estas partes da Constituição Maçonica erão conhecidas ; ou pouco mais , ou menos , sabidas por cada hum dos Confrades. Mas os ultimos segredos não erão communicados a todos , mas chegava o desgraçado tempo em que a respeito da Revolução Franceza tão zeloso se devia mostrar o Irmão mais noviço , como o Adepto mais adiantado , mais consummado , e jubilado. Para isto foi preciso encher os primeiros lugares , ou as primeiras Lojas de toda a especie de estouvados , até de aldeões grosseiros , de Officiaes sem principios , que os Impios seduzião continuamente , e de todos aquelles a quem aprazião as declamações , e as calúrnias dirigidas contra o Clero , contra o Soberano , contra os ricos , e poderosos.

Com este mesmo regime, não era impossivel organizar em França Lojas de salteadores, e distribuir-lhes os papeis de Soldados, e até de carrascos em a Revolução. Todas estas inacaquices diabolicas, todas estas ceremonias, ou ridiculas, ou abominaveis, se dirigião a franquear o caminho para a Revolução, e fazella approximar. Na historia secreta das Lojas, he preciso ir buscar huma data 26 annos atrás para ver como a Junta Central do Grande Oriente de Paris começava a sondar as disposições dos Irmãos para se realizarem os seus mysterios. O pretexto irrisorio de vingar os Templarios servio por algum tempo de encobrir seus ulteriores projectos. He preciso que se descubra esta infernal trama, e que se conheça a origem de tantos males que affligem a humanidade.

Existem em Londres (continúa Barruel) existem em Londres muitas pessoas de toda a condição, mi-

litares , magistrados , negociantes que fôrão n'outro tempo admittidos aos segredos profundos dos Pedreiros Livres , e que agora procurarão expiar com o arrependimento os desvarios , a que os havia conduzido huma semelhante associação ! Ha algumas personagens , a quem a Revolução Franceza abriu os olhos , e outras que não esperarão que ella rompesse para detestar os congressos Maçonicos que a preparárão ; e confissão que hum dos extravagantes projectos dos Pedreiros Livres era a conquista da Ilha de Malta para nella estabelecerem o berço da Religião natural para esta , e outras semelhantes quimeras enviavão Missionarios a toda a parte , que devião afferyorar todas as Lojas ; e todos os Pedreiros para a fatal obra promovida com tanto calor havia 26 annos. Este negocio era tratado já com tão pouco rebuço , que a Côrte de Luiz XVI. o não podia ignorar. Entre tantos , tão numerosos , e tão



varios Adeptos devião encontrar-se muitos, que considerassem a Revolução como o mais terrivel de todos os flagellos; com effeito existem muitos, que assim o pensárão, e entre elles hum Grande, cujas actuaes desgraças me obrigão a não declarar seu nome. Sua honra, e probidade, tirão toda a suspeita de mentira, ou engano ao que elle annuncia.

Interrogando, se entre os Pedreiros Livres víra alguma coisa que se encaminhasse á Revolução Franceza, eis-aqui o que elle respondeo = Eu fui Orador de muitas Lojas, e tinha chegado a hum gráo muito eminente, e até aqui não descobri coisa alguma na Maçonaria, que podesse ser prejudicial ao Estado. Havia muito tempo que eu não apparecia nas Lojas, quando em 1786 me encontrou em París hum dos meus Confrades. Estranhou-me o haver deixado a Seita, e me pediu encarecidamente que tornasse para a sociedade, e que assistisse a huma

Sessão, que devia ser muito importante. Com effeito apresentei-me no dia aprazado; fui muito bem acolhido; e festejado = „ Ouvi coisas que eu vos não posso dizer, porém coisas, que me escandalizarão, e assombrarão de tal maneira que fui immediatamente procurar o Ministro de Estado, e lhe disse: Senhor tenho huma pergunta que vos fazer, conheço toda a importancia, e todas as consequencias que ella pôde ter, mas ainda que eu soubesse que me prenderião na Bastilha, devo perguntar-vos, porque nisto vai a segurança da Pessoa do Rei, e interessa a tranquillidade, e a conservação do Estado. Dizei-me se conheceis os Pedreiros Livres, e se attendeis para o que se passa, e trata em suas Lojas? O Ministro deo hum salto, e me responde = Estai tranquillo; porque nem vós se-reis conduzido á Bastilha, nem os Pedreiros Livres perturbarão o Estado.

O Ministro que deo esta resposta, não era homem de quem se suspeitasse a menor adherencia aos Pedreiros Livres, era sem d'úvida incapaz de favorecer seus projectos, e de concorrer para seus attentados, porém elle pensava como o Conde de Vergenne, que com hum Exército de duzentos mil homens não se podião temer os Pedreiros Livres, nem as suas intentadas revoluções. (Quanto hum, e outro se enganarão!) Ignorava a multidão de Legiões, que os conspiradores poderão oppôr aos Exercitos do Soberano. Ignorava sobre tudo, que qualidade de homens dirigião todas as Lojas conspiradoras. A do Grande Oriente, e a do Contrato Social já se havião reunido. Seu conselho já se compunha de todos aquelles Adeptos, que a Revolução Franceza mostrou mais inimigos da Religião, e da Monarquia. Neste conselho secreto tinhão já entrado Condacet, Mirabeau, Brissot, Syeys, e huma ca-

terva de todos aquelles , que dentro em pouco tempo se tornarião os Heroes do Jacobinismo. A sua frente tinham aquella Philippe de Orleans , Príncipe ainda mais perverso , e máo , que ambicioso , que tinha consigo , e no seu coração lançado os aliezes a outra conspiração , e projectos particulares , e que cioso do Rei , e detestando a Rainha tinha protestado , e jurado a sua ruina. Embora cavasse elle o mesmo precipicio em que se lançou depois , embora preparasse elle mesmo os algozes , que lhe devião cortar a cabeça , nada lhe importava com tanto , que satisfizesse a sua atrocissima vingança. Todos os protestos , todos os juramentos para a Revolução existião havia muito tempo no coração dos Conjurados , e já se approximava , e avizinhava o momento em que huma Seita mais tenebrosa ainda , mais formidavel , mais fecunda em artificios que as ultimas Lojas dos Pedreiros Livres , se havia ajuntado a seus.

conselhos secretos para lhe commu-  
nicar , e prestar todos os seus auxi-  
lios , e recursos. Esta Seita era a  
dos Illuminados de Baviera. Não  
bastava a esta nova especie de Im-  
pios ter jurado a destruição de todo  
o Christianismo , e de toda a Mo-  
narquia ; seu odio se estendia a tu-  
do o que era Deos , a tudo o que  
era Culto , a tudo o que era Go-  
verno , e a toda a especie de Socie-  
dade Civil , de pacto social , e até  
de propriedade.

Que esta Seita existisse , que se  
engrossasse , e fizesse formidavel , e  
poderosa , que ainda exista em nos-  
sos dias , e que ella seja o peor de  
todos os flagellos revolucionarios , he  
hum facto da ultima evidencia , e  
algum dia daremos as provas incon-  
testaveis desta mesma evidencia.

### *Conclusão.*

Eis-aqui quanto basta para dar  
aos Portuguezes honrados , e ho-

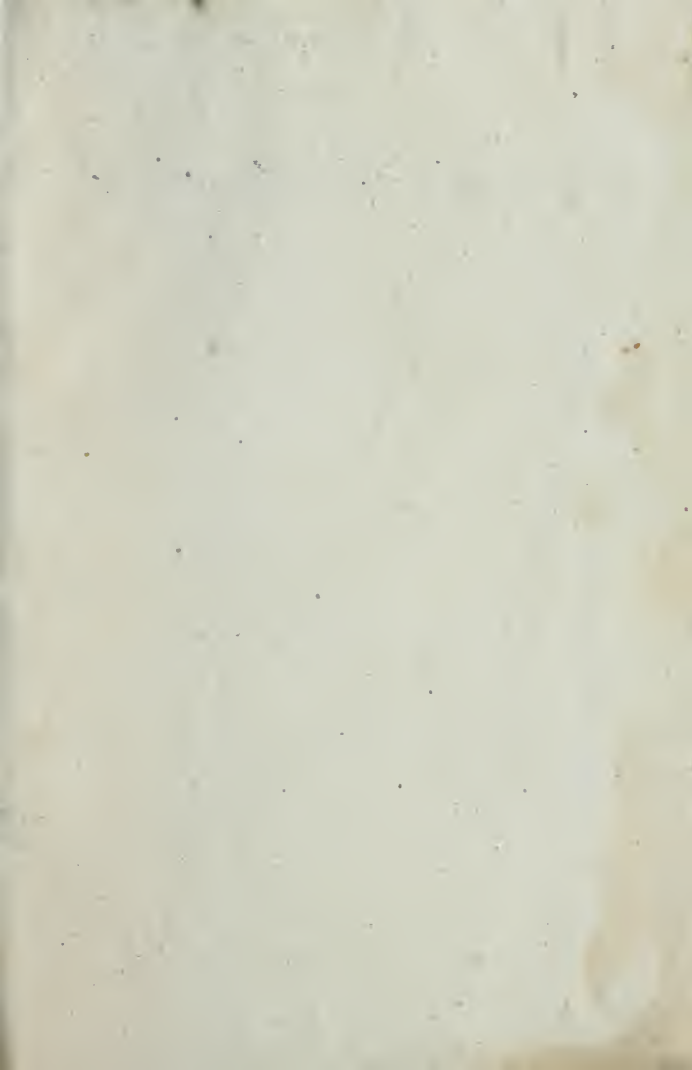
mens de bem , huma justa idéa do character , dos costumes , e dos procedimentos da vilissima canalha dos Pedreiros Livres. Elles são detestaveis pelos males , de que fôrão causa ; porque sem elles não existiria a Revolução Franceza , não se terião derramado rios de sangue inutilmente , não se terião inquietado , invadido , e roubado tantos Reinos , e tantas Nações. Sem elles o Imperio de Alemanha ainda se conservaria em toda a sua integridade. Luiz XVI. ainda existiria no Throno. Carlos IV. , e Fernando VII. governarião tranquilllos a Hespanha , Portugal não seria tão aleivosamente saqueado , e pizado pelas cáfilas dos salteadores , que aqui tem apparecido , e desaparecido. O Soberano Pontifice existiria no Fóco da Religião , Roma não seria profanada , e o Veneravel Pio VII. não teria sido desacatado em sua Santissima Pessoa. Fernando IV. occuparia tranquillo o Throno de Napoles , a Italia não



teria sido retalhada, e inteiramente devastada. O Piemonte teria hum Soberano dentro em si. A Hollanda seria huma Potencia independente, livre, e a mais tranquilla, e opulenta do Globo, e o Grande, o Magnanimo, o Sublime Gustavo IV. empunharia gloriosamente o Sceptro, de que he despojado: em fim a Europa seria feliz, e se conservaria naquelle equilibrio politico que formava a ventura, a tranquillidade, e a abundancia de tantos Póvos. Sem estes abominaveis Pedreiros Livres não estaria a Terra tão povoada de desgraças, e crimes, quaes nunca se commettêrão desde que ha homens. Tantos males reaes serião incognitos, se esta raça de Viboras não houvesse existido. Ella faz que se percão tantas batalhas, em que vai a gloria, e a liberdade das Nações; que haja tantos traidores, inimigos da Patria em que nascêrão; que se fação tantas capitulações, em que os impiõs Vándalos ganhão, e continuão a escarnecer dos homens.

Não só he detestavel, e maldita esta Seita, mas até he ridicula. Onde jaz a sua decantada Igualdade, e Liberdade? Mentecaptos, para que se matarão! As suas Lojas parirão Bonaparte para lhes dizer nas suas desavergonhadas caras = O meu Imperio, o meu Throno, os meus Vassallos = e para lhe criar huma enfiada infinita de Duques, Condes, Barões, que erão o objecto de seu odio, e em cuja ruina conjurárão tantos annos. Parece que pozerão todos os seus esforços em produzir o contrario do que elles querião, esperando a todos os instantes que o Clementissimo Imperador lhes mande fechar as Lojas, e enviar os que ainda restão para a força, bem como Robespierre fez passear até a Guilhotina os seus mais authorizados Patriarcas. Insensatos! A si mesmo se fizerão desgraçados, e envolvêrão em sua desgraça o Mundo inteiro, chamando para tyrannizar a França, e inquietar o Globo

huma familia estranha, abjecta, escura, e insaciavel de ruinas, e de sangue. O Ceo confunda esta estúpida canalha, e Portugal os conheça, os extermine, os acabe dentro em si, será perpétua, será gloriosa a sua Conservação, o seu Throno, e a sua Santissima Religião.



Tertence

a

Felix Pisoto da S.<sup>a</sup>









